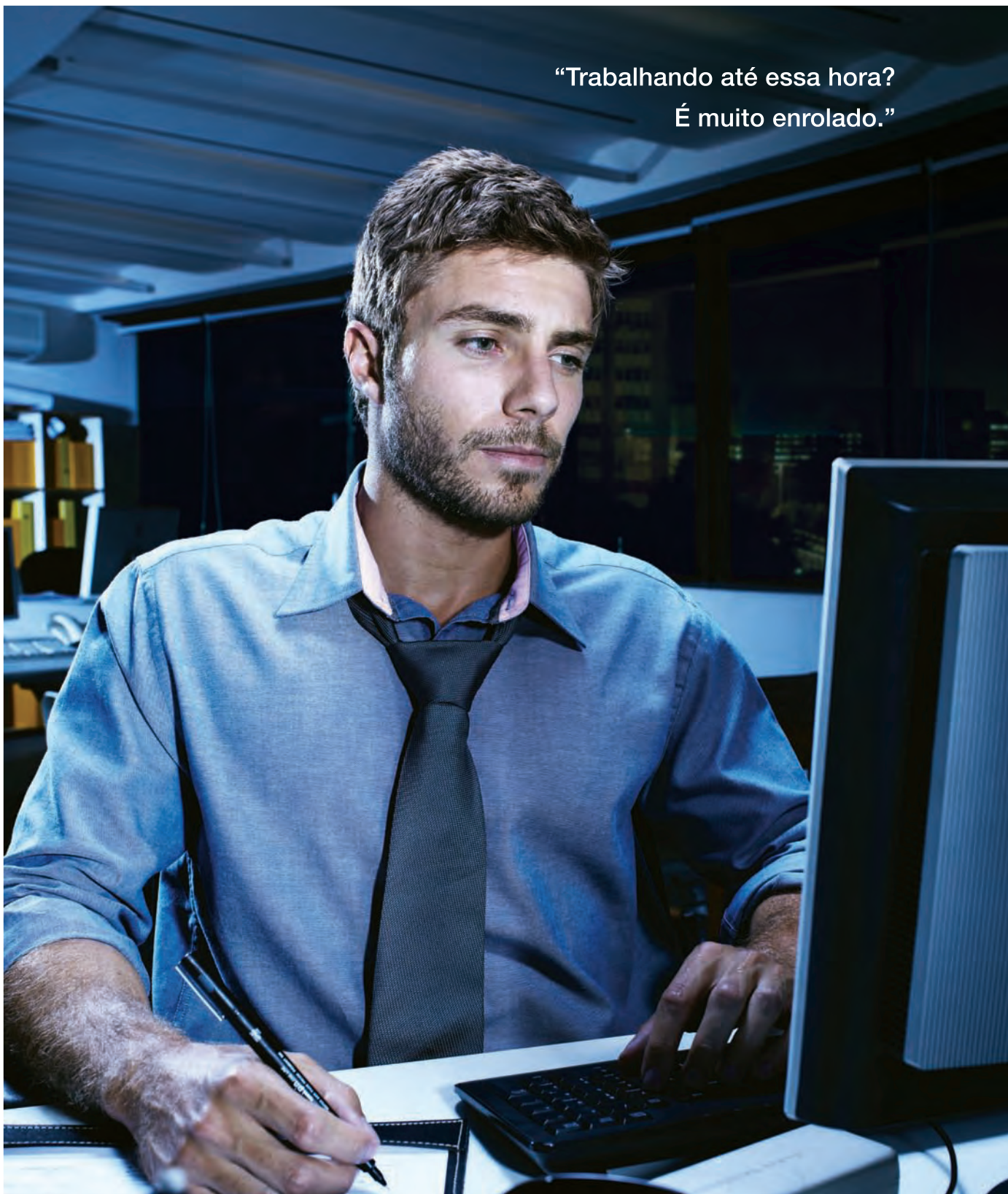
WWW.PLACAR.COM.BR
PLACAR
BALADA BOA
SOB VIGILÂNCIA NA NOITE, RONALDINHO RENASCE COM O GALO
À FRANCESA
DINHEIRO COMPRA FELICIDADE? O PSG ACHA QUE SIM
+
PROFESSOR ALOPRADO
A LISTA DOS TÉCNICOS MAIS LOUCOS DE TODOS OS TEMPOS
FORLÁN
"EU SEMPRE QUIS JOGAR NO BRASIL"
Abril
RESSACA
O QUE SOBROU DA SELEÇÃO DEPOIS DA TRAGÉDIA OLÍMPICA
S.C. CORINTHIANS PAULISTA
1910
Sheik com a
macaca
MENTINDO NOME E IDADE, EMERSON VIROU JOGADOR. E VIVE O AUGE COMO HERÓI DE VERDADE DO CORINTHIANS
ED 1370 · SETEMBRO 2012 · R$ 10,00
ISSN 977-0104176000-0
9 770104 176000
01370

MAURÍCIO BARROS / DIRETOR DE REDAÇÃO

Marcou, tá marcado?

Não dava mais para ser como era antes, quando repórteres marcavam as entrevistas diretamente com os jogadores, na saída do treino. Eram cada vez mais veículos, era cada vez maior o interesse pelo futebol. Por isso, os clubes montaram seus departamentos de imprensa. Os boleiros mais famosos passaram a ter também assessores pessoais.

Ronaldinho marcou e remarcou, mas, de banho tomado após o treino, atendeu pacientemente a reportagem de PLACAR na Cidade do Galo. Depois da entrevista, o craque parou para um ritual diário: autografou dezenas de camisas e bandeiras de fãs e atleticanos

Embora o acesso aos jogadores tenha ficado mais difícil, as relações com os jornalistas se tornaram de fato mais profissionais. Organizou-se a bagunça. Nas entrevistas coletivas, as estrelas falam a todos, e não apenas àqueles que os agradam. Um progresso.

Mas falta a muitos jogadores a compreensão de sua faceta pública. Mesmo com mecanismos diretos como o Twitter, a relação com os torcedores ainda acontece prioritariamente via imprensa. Jogadores fazem grandes contratos com patrocinadores porque brilham em campo, mas também aparecem muito na TV, nos jornais, nas revistas, nos sites. É a estes que as pessoas correm quando querem saber algo sobre seus times e ídolos.

Ronaldinho Gaúcho, que estampa nossa capa em Minas Gerais, marcou com a equipe de PLACAR entrevista para um sábado, reagendada por causa de um "imprevisto". Na terça, o repórter Breiller Pires e o fotógrafo Eugênio Sávio estavam a postos, mas souberam em cima da hora que o encontro só aconteceria na quarta, devido a novo "contratempo".

Não foi muito diferente com Emerson, nossa capa em São Paulo. Quando agendou a entrevista com PLACAR, o próprio assessor, constrangido, avisou que "estava confirmado, mas sabe como é... Pode desmarcar na hora".

Embora tivessem todo o direito de negar as entrevistas, ambos acabaram recebendo PLACAR de maneira extremamente cordial. Mas, quando os próprios assessores dizem mais "talvez" que "sim" ou "não", é um sinal claro de que alguns jogadores ainda não compreendem que a condição de ídolo traz, além de muito dinheiro, a responsabilidade de cumprir compromissos.

© FOTO EUGÊNIO SÁVIO

Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)

Editor: Roberto Civita

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Fábio Colletti Barbosa, Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo, Victor Civita

Presidente Executivo Abril Mídia: Jairo Mendes Leal

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
Diretor Geral Digital: Manoel Lemos
Diretor Financeiro e Administrativo: Fabio Petrossi Gallo
Diretora Geral de Publicidade: Thaís Chede Soares
Diretor de Planejamento Estratégico e Novos Negócios Daniel de Andrade Gomes
Diretora de Recursos Humanos: Paula Traldi
Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretora Superintendente: Claudia Giudice
Diretor de Núcleo: Sérgio Xavier Filho

Diretor de Redação: Maurício Barros
Arte: Rogerio Andrade (chefe), Gustavo Bacan (editor) e L.E. Ratto (designer) **Editor:** Marcos Sergio Silva **Repórter:** Breiller Pires **Revisão:** Renato Bacci **PLACAR Online:** Marcelo Neves (editor), Helena Arnoni (repórter), Eduardo Ramos Almeida (designer) Colaboradores: Rodolfo Rodrigues (editor), Felipe Barros, Ricardo Gomes e Rogério Jovaneli (texto), Cristiano Oliveira (webmaster) **Coordenação:** Silvana Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Sandra Hadich **CTI:** Eduardo Blanco (supervisor), Adriana Gironda, Aldo Teixeira, Andre Luiz, Dorival Coelho, Marisa Tomas, Cristina Negreiros, Fernando Batista, Luciano Custódio, Marcelo Tavares, Marcos Medeiros, Mario Vianna, Rogério da Veiga e Ruy Reis **Colaboraram nesta edição:** Paulo Jebaili (editor de texto), Alexandre Battibugli (editor de fotografia), Renato Pizzutto (fotógrafo), Carol Nunes (designer)
www.placar.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS: Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Iria (Infografia), Ricardo Corrêa (fotografia) **Dedoc e Abril Press:** Grace de Souza **Pesquisa e Inteligência de Mercado:** Andrea Costa **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Ana Paula Teixeira, Marcia Soter, Robson Monte **Executivos de Negócios:** Ana Paula Viegas, Caio Souza, Camila Folhas, Camilla Dell, Carla Andrade, Claudia Galdino, Cleide Gomes, Cristiano Persona, Daniela Serafim, Eliane Pinho, Emiliano Hansenn, Fabio Santos, Jary Guimarães, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcio Bezerra, Marcus Vinicius, Maria Lucia Strotbek, Nilo Bastos, Regina Maurano, Renata Miolli, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Susana Vieira, Tati Mendes **PUBLICIDADE DIGITAL: Diretor:** André Almeida **Gerente:** Virginia Any **Gerente de Estratégia Comercial:** Alexandra Mendonça **Executivos de Negócios:** André Bortolai, André Machado, Caio Moreira, Camila Barcellos, Carolina Lopes, Cinthia Curty, David Padula, Elaine Collaço, Fabíola Granja, Flavia Kannebley, Gabriel Souto, Guilherme Bruno de Luca, Guilherme Oliveira, Herbert Fernandes, Juliana Vicedomini, Laura Assis, Luciana Menezes, Rafael de Camargo Moreira, Renata Carvalho, Renata Simões **PUBLICIDADE REGIONAL: Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Cristiano Rygaard, Edson Melo, Francisco Barbeiro Neto, Ivan Rizental, João Paulo Pizarro, Mauro Sannazzaro, Paulo Renato Simões, Ricardo Mariani, Sonia Paula, Vania Passolongo **Executivos de Negócios:** Adriano Freire, Ailze Cunha, Ana Carolina Cassano, Beatriz Ottino, Camila Jardim, Caroline Platilha, Catarina Lopes, Celia Pyramo, Clea Chies, Daniel Empinotti, Henri Marques, José Castilho, José Rocha, Josi Lopes, Juliana Erthal, Juliane Ribeiro, Julio Tortorello, Leda Costa, Luciene Lima, Pamela Berri Manica, Paola Dornelles, Ricardo Menin, Samara Sampaio de O. Rejinders **PUBLICIDADE DEDICADA UNII: Diretor Publicidade:** Willian Hagopian *Segmentos Dedicados, Moda, Motor Esporte e Turismo* - **Gerente:** Ana Paula Moreno e Cleide Gomes **Executivos de Negócios:** Adriana Pinesi, Alexandre Neto, Catia Valese, Kauê Lombardi, Michele Brito, Paula Perez, Rodolfo Tamer e Tatiana Castro Pinho. *Moda:* Nanci Garcia Motor *Esportes e Turismo:* Marcia Marini, Maurício Ortiz, Solange Custodio e Zizi Mendonça. *Segmento Moda masculina e luxo:* Nilo Bastos *Segmento Casa* - **Gerente:** Cleide Gomes **Executivos de Negócios:** Camila Roder, Cida Rogiero, Juliana Sales, Lucia Lopes e Marta Veloso. **DESENVOLVIMENTO COMERCIAL: Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **INTEGRAÇÃO COMERCIAL Diretora:** Sandra Sampaio **MARKETING E CIRCULAÇÃO: Diretora de Marketing:** Simone Sousa **Gerente de Marketing:** Tiago Afonso **Gerente de Núcleo:** Cinthia Obrecht **Gerente de Publicação:** Eduardo Dias **Analista de Marketing:** Felipe Santana **Consultor de Negócios em Marketing:** Vinícius Conde **Estagiários:** Guilherme Ferracioli e Victor Wedemann **Gerente de Eventos:** Evandro Abreu **Analista de Eventos:** Adriana Silva dos Santos **Gerente de Circulação Avulsas:** Mauricio Paiva **Gerente de Circulação Assinaturas:** Gina Trancoso **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Gerente:** Marina Bonagura **Consultor:** Tales Bombicini e Andrea Aparecida Cabral **Especialista Processo:** Igor Assan **Coordenador Processo:** Renato Rosante **Coordenadora Publicidade:** Nathalia Furlanetto **ASSINATURAS: Atendimento ao Cliente:** Clayton Dick **RECURSOS HUMANOS: Consultora:** Camila Morena

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 7º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000 **Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no Exterior:** www.publiabril.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Alfa, Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura & Construção, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluídos, Bravo!,Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Delícias da Calu, Dicas Info, Elle, Estilo, Exame, Exame PME, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info, Lola, Manequim, Máxima, Men's Health, Minha Casa, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Publicações Disney, Quatro Rodas, Recreio, Runner's World, Saúde, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tititi, Veja, Veja BH, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva!Mais, Você S.A. Você RH, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

PLACAR nº 1370 (ISSN 0104.1762), ano 42, setembro de 2012, é uma publicação mensal da Editora Abril **Edições anteriores:** venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca + despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121
Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA GRÁFICA ABRIL
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP

Conselho de Administração: Roberto Civita (Presidente), Giancarlo Civita (Vice-Presidente), Esmaré Weideman, Hein Brand, Victor Civita
Presidente Executivo: Fábio Colletti Barbosa
www.abril.com.br

TYLENOL
TYLENOL

SETEMBRO 2012

DESTAQUES

SEMPRE NA PLACAR

CAPA: EMERSON © RENATO PIZZUTTO **ADRYAN E MATTHEUS** ©ALEXANDRE LOUREIRO/FOTONAUTA **RONALDINHO** © EUGÊNIO SÁVIO **FORLÁN** © EDISON VARA ©1 BRUNO CANTINI/ATLÉTICO-MG ©2 DIVULGAÇÃO ©3 RENATO PIZZUTTO ©4 ALEXANDRE BATTIBUGLI ©5 AFP

Unilever

Rexona
Não te abandona

VOZ DA GALERA

META O PAU, ELOGIE, FAÇA O QUE QUISER. MAS ESCREVA PARA *placar.abril@atleitor.com.br*

A edição de PLACAR do mês de agosto ficou fantástica. As matérias sobre os grossos e o futebol inglês estão sensacionais.

***Paulo Mangerotti,** no Twitter*

A Copa de 2014 já começou no site da PLACAR

Já está no ar a página especial sobre a Copa do Mundo no site da PLACAR. Na seção Copa 2014, no menu principal, estão disponíveis as últimas notícias sobre os estádios, as seleções e as Eliminatórias para o Mundial, que voltam com tudo em setembro. De cara nova, a seção especial conta ainda com galerias de fotos exclusivas e reportagens sobre a Copa. Para saber mais novidades, siga PLACAR pelo Facebook e pelo Twitter (**@placar**).

Os fracos sobrevivem

Lendo a excelente reportagem sobre os Supercoroas, algo no fim da reportagem me chamou a atenção. A possibilidade futura de jogadores serem selecionados por meio de exames genéticos é algo perigoso à sociedade, eliminando o mais fraco, quando se sabe que muitas vezes atletas com menor potencial físico acabam triunfando através do talento. Luz amarela ligada.

***Gregório Leal da Silva,** gregoriooo@msn.com*

E o Verdão campeão?

A edição de agosto ficou quase perfeita, mas tenho uma reclamação. Como palmeirense, fiquei chateado por não ter uma reportagem falando sobre o maior dos campeões brasileiros. Como assim?

***Vinicius Cutolo,** vinicius_160789@hotmail.com*

O ano do Galo

Recebi minha revista de agosto e de cara fui ver como está a Bola de Prata. Tirando os goleiros, as demais posições têm jogadores do Atlético-MG concorrendo. Pode até não ser, mas 2012 é o ano do Galo. Sua fanática e doida torcida merece!

***João Júnior,** joao.junior@r7.com*

 ERRATAS

EDIÇÃO 1369

***Pág. 69** André Santos não foi à última Copa do Mundo. Além de Michel Bastos, o outro lateral-esquerdo do Brasil era Gilberto.*
***Pág. 75** O técnico Kenny Dalglish é escocês, não inglês.*

Olha o Twitter

***@naboaIgor** Muito boa a @placar sobre os "velhinhos" do futebol.*
***@buenofutsal** baita entrevista com o Marco Aurélio Cunha. Massa quando ele diz que o São Paulo forma jogadores filhinhos de papai e mimados.*
***@victorlapolli** A @placar deste mês tem Zé Roberto na capa, entrevista com o Elano e homenagem ao Aírton Pavilhão. Dá-lhe, IMORTAL.*
***@dandiaugusto** Comentário sobre a @placar de agosto na voz de Pedro Ernesto Denardin: TÁ DIMÓÓÓÓÓÓIS.*
***@Marlin10** Corinthians foi campeão da Libertadores e a @placar não falou nada em sua edição. Eu como assinante me decepcionei...*
***@oTiagoOliveira** A matéria "Supercoroas" da @placar está excelente, muito bem escrita.*
***@lucasvon** Vocês se salvaram. Eu ia fazer uns 10 tweets pra reproduzir o texto do Aznar na @placar de julho. Mas esqueci a revista no trabalho.*

FALE COM A GENTE

Na internet www.placar.abril.com.br **Atendimento ao leitor / Por carta:** Avenida das Nações Unidas, 7221, 7º andar, CEP 05425-902, São Paulo (SP) / **Por e-mail:** placar.abril@atleitor.com.br / **Por fax:** (11) 3037-5597. As cartas podem ser editadas por razões de espaço ou clareza. Não publicamos cartas, faxes ou e-mails enviados sem identificação do leitor (nome completo, endereço ou telefone para contato). Não atendemos a pedidos de envio de pesquisas particulares sobre história do futebol, de camisas de clubes ou outros brindes. Não fornecemos telefones nem endereços pessoais de jogadores. Não publicamos fotos enviadas por leitores. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca acrescido das despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **Licenciamento de conteúdo:** Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens das publicações da revista PLACAR em livros, jornais, revistas e sites, acesse www.conteudo-expresso.com.br ou ligue para (11) 3089-8853. **Trabalhe conosco:** www.abril.com.br/trabalheconosco

OLLA APRESENTA:

OS ESPERMATOZOIDES FALANTES

AHH...ASSINE O MANIFESTO DO DIA DO SEXO E TORNE ESSA DATA OFICIAL.
/OLLAOFICIAL

Os jogadores mais escolhidos para o Time dos Sonhos foram Pelé, selecionado 45 vezes, e Zico, 40

Olá, pessoal da PLACAR. Lendo a revista do último mês, tive uma dúvida que parece ser trabalhosa para ser pesquisada e acho que seria muito interessante respondê-la. Quais foram os jogadores mais citados no Time dos Sonhos em todas as edições de PLACAR? Meu palpite é que os mais citados são Pelé, Maradona, Ronaldo e Romário.

Felipe Simões, *felipegsfs@hotmail.com*

Felipe, você quase acertou. Faltou incluir o Zico na sua lista. Desde maio de 2005, já tivemos 89 times dos sonhos escolhidos. No início, porém, a seção se chamava "Nesse time eu seria banco". O atacante Luis Fabiano, do São Paulo, foi o primeiro a selecionar seu time ideal. Em novembro daquele ano, a seção mudou de nome, passando para "Meu time dos sonhos". Desde então, apenas duas vezes ela deixou de ser publicada, justamente nas edições pós-Copa do Mundo de 2006 e 2010. Nesses sete anos, então, os jogadores mais votados foram Pelé (45 vezes) e Zico (40), seguidos de Maradona e dos atacantes Ronaldo e Romário, todos com 35 votos cada um. O italiano Paolo Maldini, ex-Milan, foi também um dos mais escolhidos, com 20 votos, sendo 11 como lateral-esquerdo e nove como zagueiro. Porém, ficou de fora das duas posições. Curiosamente, apenas nove ex-jogadores votaram em si mesmos na seleção ideal: Amoroso, Figueroa, Zetti, Careca, Stam, Nunes, Romário, Tarciso e André Catimba, que está nesta edição.

Veja como ficou o Time dos Sonhos ideal, comandado por Telê Santana, e o número de votos de cada jogador no campinho acima.

Vi no estádio do Central-PE que ele tinha sido o campeão brasileiro de 1986. Fui pesquisar sobre esse campeonato e descobri que teve mais de um ganhador. Qual foi o verdadeiro campeão da série B de 1986?

José Roberto, *joseroberto_1000@hotmail.com*

Boa pergunta, Zé. O Brasileirão de 1986 foi bem confuso. Participaram 80 clubes, sendo que 44 foram divididos em quatro grupos (A, B, C e D) com 11 times em cada um, na considerada "primeira divisão". Já os outros 36 participantes ficaram em mais quatro grupos (E, F, G e H), com nove clubes em cada um, no "Torneio Paralelo" – uma espécie de "segunda divisão".

Dentro de cada grupo, os clubes jogavam entre si em turno único. Ao fim da primeira fase, os 28 primeiros colocados nos grupos A, B, C e D passaram para a segunda fase. Já no Torneio Paralelo, apenas os vencedores garantiram vaga na segunda fase. O Central, que estava no Grupo F, foi um desses vencedores, assim como o Treze-PB, a Inter de Limeira-SP e o Criciúma-SC. O clube catarinense, aliás, fez a melhor campanha entre esses quatro clubes (14 pontos). Como o Torneio Paralelo não teve sequência, os quatro clubes foram considerados campeões da segunda divisão de 1986 extraoficialmente por alguns historiadores.

Pitico comemora um gol do Central no Brasileiro de 1986: ano inesquecível para o clube de Caruaru

©1 FOTO CARLOS FENERICH

VEM AÍ
O VMB, O
MAIOR PRÊMIO
DA MÚSICA
BRASILEIRA.

LODUCCA
12 CATEGORIAS,
MAIS DE 4 MILHÕES
DE VOTOS. 8 SHOWS,
4 HORAS DE SOM
SEM PARAR.
ASSISTA!
20 DE SETEMBRO,
21H, NA MTV.
MTV
mtv.com.br/vmb
facebook.com/mtvbrasil
@mtvbrasil
VMB
2012

DUCHA FRIA
O goleiro Corona celebra a conquista do ouro olímpico pelo México diante de um incrédulo Neymar, em Wembley. Favorita a conquistar o único título que lhe falta no currículo, a seleção brasileira foi vazada logo no primeiro minuto de jogo. No fim, 2 x 1 para os mexicanos

© FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

risul
RLEY
TINA
ned
Itaú

MARCELO GROGUE
O goleiro gremista Marcelo Grohe bem que tentou, mas a cobrança de Airton foi perfeita. Nem se esticando todo deu para pegar. O Coxa abria o caminho para a vitória de 2 x 1 em Coritiba, pela 13ª rodada do Brasileirão

© FOTO RODOLFO BUHRER

©1
MOTOPART.
Unimed
4
L.EUZÉBIO

©2

©3

NA CARA!
Não é só goleiro que dá golpe de vista. Ao lado, três momentos em que os olhos calçam chuteiras: para dominar a bola, para acompanhar uma disputa fratricida pelo alto e para pedir ao juiz que apite a falta

©1 FOTO RODOLFO BUHRER ©2 FOTO EUGÊNIO SÁVIO ©3 FOTO EDISON VARA

O FIM DA ERA DO SUPERMAIÔ

Sem o traje da natação que marcou os Jogos de Pequim, a piscina de Londres 2012 teve menos quebras de recordes mundiais e olímpicos

Uma das grandes sensações dos Jogos de Pequim 2008 foi o supermaiô usado pelos nadadores, que ajudou a fazer da piscina do Cubo d'Água o cenário de inúmeras quebras de recordes. Basta lembrar que 94% das medalhas de ouro em 2008 foram conquistadas por nadadores que utilizavam o traje, e que apenas um recorde olímpico não foi quebrado na ocasião – o dos 400 m livres, estabelecido pelo australiano Ian Torphe em 2000 e que só foi quebrado este ano pelo chinês Sung Yang. Desde 2009 porém, a Federação Internacional de Natação (Fina) decidiu banir o uso de qualquer traje que cobrisse todo o corpo do nadador, argumentando que tratava-se de uma espécie de "doping tecnológico". Em 2012, boa parte dos atletas utilizou um kit de bermuda, touca e óculos produzidos pelo mesmo fabricante do supermaiô, que prometia melhorar o desempenho dos atletas de maneira semelhante. Mas a piscina de Londres não registrou tantas quebras como sua antecessora: foram 20 novos recordes olímpicos e oito recordes mundiais nos 32 eventos disputados. Em Pequim, 21 dos eventos tiveram novos recordes mundiais – embora a maioria só tenha durado por alguns meses.

Saiba mais em:
www.abrilemlondres.com.br
m.placar.com.br/olimpiadas

www.facebook.com/abrilemlondres

Comunidade Abril em Londres

Produzido pela área de Soluções de Conteúdo da Abril Mídia

Sydney 2000: o australiano Ian Thorpe, vestido com a "pele de tubarão", versão prévia do supermaiô, quebra o recorde mundial dos 400 m nado livre na final

Londres 2012: a chinesa Ye Shiwen (à esq. na foto), de 16 anos, quebra recordes, nada mais rápido que os homens e ganha o ouro nos 200 e nos 400 m medley

Pequim 2008: o americano Michael Phelps conquista diversos ouros ao competir vestido com o supermaiô, entre eles o do revezamento 4 x 200 m nado livre

EDIÇÃO **FELIPE ZYLBERSZTAJN** / DESIGN **GUSTAVO BACAN**

 PERSONAGEM DO MÊS

Hora de dizer tchau?

DEPOIS DE SEIS MESES NO ESTALEIRO, ROGÉRIO CENI VOLTOU – SEM OS REFLEXOS DE ANTES E COM GOL CONTRA. É O COMEÇO DO FIM?

POR MARCOS SERGIO SILVA

O verbete "aposentadoria" talvez seja o mais dolorido do dicionário boleiro. Alguém já o resumiu como "a primeira morte do atleta". Rogério Ceni sempre se esquivou quando perguntado sobre a hora de parar. Ele prefere não considerar esse dia. Seus parceiros de gol na Copa de 2002 já se aposentaram (caso de Marcos) ou flertaram com a despedida – Dida voltou a jogar pela Portuguesa depois de a carreira ter praticamente encerrado.

Há um ano e meio, conversei com o capitão são-paulino sobre a aposentadoria de Van der Sar, holandês tido como uma referência para Rogério. Aos 40 anos, ele havia se despedido do futebol em alta, jogando a final da Liga dos Campeões pelo Manchester United. Ceni deu seu depoimento sobre o colega de posição, mas com respostas evasivas quando perguntado sobre sua hora de parar. Era evidente que ele não pensava nisso.

De fato, até 2009, ele não tinha mesmo por que pensar. Um ano antes, recebeu o maior prêmio da carreira: a Bola de Ouro de PLACAR de melhor jogador do Brasileiro de 2008. Mas foi em 2009 que a idade começou a pesar. Sofreu a lesão mais séria da carreira ao fraturar o tornozelo esquerdo e não jogou por seis meses. Voltou a sentir o mesmo local no ano passado, durante o Brasileiro. Neste ano, nova cirurgia: foi detectado um estiramento no ombro direito, que o levou a mais seis meses fora do gramado.

A expectativa do retorno levou 35 049 torcedores ao Morumbi, contra o Flamengo. Mas as partidas seguintes devolveram os pés do são-paulino ao chão. Primeiro, uma saída desastrosa na derrota para o Fluminense. Depois, gols cujos reflexos de outros tempos teriam impedido contra o Grêmio. Por fim, o fiasco diante do Náutico, quando até gol contra fez. Não era o Rogério Ceni de antes. Na Bola de Prata, nunca a média foi tão baixa: 5,2 em cinco jogos.

Aos 39 anos, Ceni não cogita – ao menos em público – a hora de parar. Mas os movimentos não são mais os mesmos. E o mais difícil parece ser convencê-lo disso. Com o preparador de goleiros do São Paulo, Haroldo Lamounier, tentou até mesmo antecipar a volta. "Estou no mesmo nível e na média dos demais atletas", disse. Não parece.

A insistência de Ceni em continuar se escalando não compromete apenas os resultados em campo, mas também a formação de um titular confiável que eventualmente possa substituí-lo com tranquilidade. Foi assim na transição de Zetti para o próprio Rogério, em 1997, e antes, em 1990, quando Gilmar deixou a posição para Zetti. Dênis é quem mais tem atuado, mas sempre com a sombra de Ceni, o inquestionável. O são-paulino mais velho talvez se recorde dos problemas para encontrar um goleiro quando o antigo recordista de jogos, Waldir Peres, saiu do clube em 1984. Saudades de Barbiroto, Abelha e Tonho?

Como em toda boa polêmica, há também o contraponto. Mesmo que falhe, o time perde sem ele. Ainda é a liderança natural, por mais que outro símbolo da torcida, Luis Fabiano, tenha vestido a faixa de capitão no Brasileiro. O são-paulino, por sua vez, defende o legado do craque, relevando os erros talvez apenas pelo prazer de ainda vê-lo em campo. Por essa gratidão, o torcedor ainda o tem com bom saldo no Morumbi. Resta saber até quando.

Após lesões, Ceni segue como capitão, mas acumula falhas: é hora de parar?

Cataläes no Rio: a ideia é trabalhar valores, e não garimpar craques por aqui

©1

Barcelona na favela

O GIGANTE CATALÃO DESEMBARCOU NUMA ESCOLINHA DE FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO PARA ENSINAR... VALORES E PRINCÍPIOS *POR RAPHAEL ZARKO*

Desde o início de julho, o número de crianças inscritas na escolinha de futebol da Vila Olímpica Carlos Castilho, no Complexo do Alemão, dobrou. A explicação é simples: o Barcelona chegou por ali. Isso significa que teremos uma linhagem carioca de Messis e Iniestas? Não é para tanto... A Fundação Barcelona, que saiu pela primeira vez da Catalunha e foi parar numa das maiores favelas do Rio de Janeiro (que desde o fim de 2010 conta com uma Unidade de Polícia Pacificadora), se preocupa mais em formar cidadãos que craques. Da Espanha, um dos responsáveis pelo projeto, Nicolas Rubio, diz que o investimento de 1,5 milhão de dólares da prefeitura do Rio visa apenas ao ensinamento de valores educacionais por meio do esporte. Isso vale para alunos e professores, que fizeram curso de menos de uma semana com a cartilha do Barcelona.

O manual envolve seis valores básicos: compromisso, respeito, tolerância, trabalho em equipe, responsabilidade e esforço. Tudo na ponta da língua de Hugo Pereira Filho, de 11 anos, um dos mais de 400 alunos. "Eles nos ensinam a não ser mentiroso. Quando alguém faz falta, a criança fala que cometeu a falta. Não precisa nem apitar", diz o pequeno fã de Messi, que também aprendeu que não deve enganar juízes ou fazer faltas violentas. O coordenador técnico do projeto, Gedeon Rosa, se preocupa com o efeito que a poderosa marca provoca na cabeça dos meninos. "Quando eles botam camisa do Barcelona, short da Nike, eles esperam muita coisa. Pensam em jogar na Espanha, ganhar dinheiro", diz o coordenador. O aluno Hugo confirma. "Sou vascaíno, mas minha vontade é jogar no Barcelona." Agora Gedeon luta por ajustes no cronograma da parceria, que só vai até dezembro de 2013, e também por um intercâmbio dos jovens valores da favela.

©2

Meninos cariocas querem jogar no Barça

©1 FOTO AP ©2 FOTO DIVULGAÇÃO ©3 FOTO ARQUIVO PESSOAL ©4 ILUSTRAÇÃO FIDO NESTI

Abalou, Bangu!

O TIME DO SUBÚRBIO CARIOCA FOI À EUROPA E TROUXE BOAS HISTÓRIAS NA BAGAGEM ***POR RAPHAEL ZARKO***

Se os grandes clubes europeus podem se gabar de pré-temporadas no milionário mundo árabe, com petrodólares à vontade, o Bangu também tirou sua onda em 2012. De meados de junho ao começo de agosto, o alvirrubro de Moça Bonita fez uma excursão pela Europa que lembrou os velhos tempos do vice-campeão brasileiro de 1985 (leia texto ao lado). A diferença é que o clube não conta mais com craques do quilate de Zizinho e Ademir da Guia nem com uma sombra do poder econômico dos tempos do bicheiro Castor de Andrade. No período, passando por gramados alemães e húngaros, foram três vitórias, quatro empates, três derrotas, um jogador vendido no meio da excursão — o volante Josivaldo Oliveira, para a Coreia do Sul — e muitas histórias para colecionar. Abaixo, algumas pérolas da viagem.

©3

No Portão de Brandemburgo, em Berlim

As aventuras muito loucas do Bangu

ESSA TURMA DO BARULHO APRONTOU ALTAS CONFUSÕES NA EUROPA

AEROPORTO

As diferenças culturais ficaram claras logo na chegada do grupo. No aeroporto de Berlim, na Alemanha, a delegação mostrou seu poder de "abalar, Bangu" sem se intimidar com o ambiente, digamos, mais frio. Ao cruzar o saguão lotado de turistas e de alemães pra lá de reservados, a garotada do bairro mais quente do Rio começou a dançar. Foi um tal de funk e hip-hop no meio do aeroporto, que todo mundo parou para ver e rir da descontração dos brasileiros.

TABELINHA

Numa parada em uma rodoviária da Alemanha, um dos jogadores resolveu bater bola com uma criança com síndrome de Down. "Foi incrível, porque abriu uma roda e ficou o Romeu, que é pretinho, pretinho, trocando passes com o garoto, novinho, muito branco. As pessoas ficaram olhando e depois bateram palma, festejaram bastante", lembra o diretor José Reis.

CADÊ O FEIJÃO?

Encarar a Europa, vá lá. Mas sem o feijão com arroz fica difícil. Precavido, o Bangu levou uma cozinheira na excursão. Só não se preocupou em levar também os ingredientes. "Pensamos que íamos encontrar feijão fácil, mas que nada", diverte-se José Reis. A rapaziada passou 15 dias sem a iguaria até conseguir encomendar um pouco de feijão em Berlim.

©4

PEGADINHA

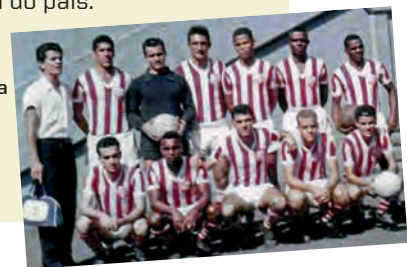
Depois de um mês na Alemanha, o Bangu foi jogar um amistoso na Hungria contra o Vasas (seis vezes campeão nacional). Os brasileiros já estavam uniformizados e em campo quando os anfitriões cancelaram a partida alegando problemas com a federação de futebol do país. "Ninguém entendeu nada, mas não queriam que a gente jogasse", diz Luciano Naninho. Para não perder a viagem, o Bangu bateu uma bolinha de meia hora contra os juniores do Vasas. Meteu 4 x 0.

Outras viagens

Em 1950, o Bangu saiu pela primeira vez do Brasil e fez três amistosos no Chile. No ano seguinte, o time passou quase três meses viajando por oito países europeus num combinado com o São Paulo. A grande glória internacional veio em 1960, quando o Bangu venceu o Torneio de Nova York, título que o clube considera um Mundial. O Bangu de Ademir da Guia triunfou no torneio que contava com Bayern Munique, Sampdoria-ITA, Sporting Lisboa e outras oito equipes. Em 1989, o time do bicheiro Castor de Andrade disputou um torneio em Kiev, onde venceu o Dínamo e enfrentou na decisão o Fluminense, que passara pela Roma. Mas perdeu nos pênaltis. Foi a última grande excursão banguense para fora do país.

O time do Bangu excursiona desde 1950

Leandro (à dir.) ao lado do técnico e irmão Rodrigo

©1

Tudo em família

O PRESIDENTE CONTRATOU O IRMÃO, QUE ESCALOU O PRESIDENTE: A CURIOSA "RESSURREIÇÃO" DE UM CLUBE PAULISTA *POR KLAUS RICHMOND*

O Jaboticabal Atlético foi fundado em 1911 e quase teve de fechar as portas no ano de seu centenário. "O clube estava abandonado. Roubaram de válvula de descarga até fiação", conta Leandro Fonseca, o presidente eleito no fim do ano passado. Sob seu comando, o time tem feito campanha sólida na quarta divisão paulista e já alimenta a esperança do acesso à Terceirona. A fórmula para o sucesso passa por Fonseca, é claro. Mas não apenas por sua caneta. O presidente também é o centroavante do clube, bate pênalti, faz gols e ainda garante o emprego do irmão, técnico do Jaboticabal.

O presidente-atacante tem 37 anos e passagens pelo futebol alemão e suíço. Com ele no time, foram cinco vitórias e três empates nas oito primeiras rodadas. Fonseca tem suas regalias, que prefere chamar de "bom-senso". Praticamente não joga partidas fora de casa por causa das viagens que duram até 7 horas pelo interior de São Paulo e treina somente em um dos dois períodos. "Pela idade, existe a necessidade de preservá-lo. Se ele treinasse dois períodos, talvez não estivesse rendendo", defende o treinador-irmão Rodrigo Fonseca, que já passou pelo Sertãozinho, Barretos, Mamoré-MG e pelas categorias de base do Mirassol.

"Se ele me tirar do time, não vou gerar nenhum problema. Faz parte do futebol e sabemos administrar isso bem", disse Leandro, afastando a ideia de nepotismo na escalação. Apesar disso, nos treinos e jogos a hierarquia confusa cria situações peculiares. Os jovens jogadores do Jaboticabal (o campeonato permite até três atletas acima dos 23 anos) só tratam o camisa 9 por "presidente". Uma vez o goleiro, batedor de faltas oficial do time, recuou ao ver o "dono da bola" se posicionando para a cobrança. Faz sentido...

Fogão gringo

Dezesseis europeus já vestiram a camisa do Botafogo na história. Antes do holandês Seedorf, havia mais de uma década que nenhum representante do velho continente atuava pelo clube.

- **COGGIN** - goleiro, Inglaterra, jogou em 1907
- **EDGARD PULLEN** - zagueiro, Inglaterra, jogou em 1908
- **MONK** - atacante, Inglaterra, jogou em 1909
- **VIEIRA** - atacante, Portugal, jogou em 1913
- **CLAPSHOL** - atacante, Inglaterra, jogou em 1916
- **EDRUPT** - atacante, Inglaterra, jogou em 1916
- **MASON** - atacante, Inglaterra, jogou em 1916
- **TEAGUE** - volante, Inglaterra, jogou em 1916
- **PATESKO** - atacante, Polônia (naturalizado brasileiro), jogou em 1934
- **CHEMP** - atacante, Rússia, jogou em 1937
- **ENGEL** - meia, Alemanha, jogou em 1938
- **CID** - volante, Espanha, jogou em 1944
- **PAKOSDI** - meia, Hungria, jogou em 1946
- **ROGÉRIO LANTRES** atacante, Portugal, jogou em 1947
- **VLAD** - meia, Sérvia, jogou em 2001
- **SEEDORF** meia, Holanda, jogou em 2012

©2

Professor garoto

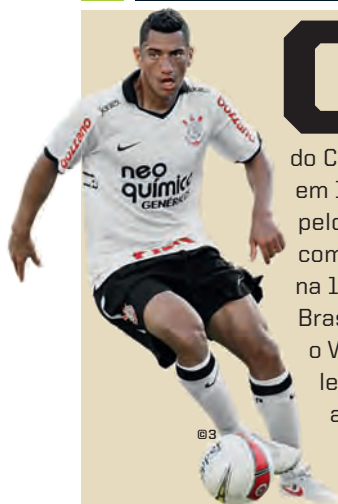
AOS 31 ANOS, O TÉCNICO DO LUVERDENSE-MT É O MAIS NOVO DO BRASILEIRÃO *POR BRUNO FORMIGA*

Em média, treinador no Brasil tem entre 48 e 55 anos e é ex-jogador. Pois Dado Cavalcanti, técnico do Luverdense-MT, da série C, vai na contramão do perfil "boleiro experiente". Aos 31 anos e sem nunca ter chutado uma bola profissionalmente, Dado tem carreira meteórica – o primeiro título foi aos 24, com o Ulbra-RO – e é hoje o técnico mais novo das quatro divisões do Campeonato Brasileiro. Dado faz a linha de teórico do esporte e incorpora o estilo "professor". É formado em educação física e pós-graduado em treinamento desportivo.

"A experiência não está relacionada à idade. Quero ser lembrado pelo que já fiz, não como uma promessa", diz o jovem técnico, que já foi campeão mato-grossense e da Copa Pernambuco e bicampeão rondoniense. Sobre volta e meia ser questionado pelo fato de não ter sido jogador, ele tem a resposta na ponta da língua. "Procuro não ser rotulado com nada."

LUIZ EDUARDO BARROS CAVALCANTI

Nascimento: 9/7/1981
Local: Arcoverde-PE
Clubes: Ulbra-RO, Serrano-PE, Brazsat-DF, Santa Cruz-PE, América-RN, Central-PE, Icasa, Ypiranga-PE e Luverdense-MT
Conquistas: Campeão Mato-grossense, campeão da Copa Pernambuco, campeão brasiliense da 3ª divisão e bicampeão rondoniense

NUMERALHA

0 expulsão teve o volante Ralf, do Corinthians, em 150 jogos pelo clube – completados na 14ª rodada do Brasileirão, contra o Vasco. Ele levou 21 cartões amarelos no mesmo período.

12 jogos em Olimpíadas completou o lateral-esquerdo Marcelo, titular em Pequim-2008 e Londres-2012. Ele igualou o recorde do atacante Bebeto, que também jogou duas Olimpíadas: Seul-1988 e Atlanta-1996. Assim como Bebeto, Marcelo ganhou duas medalhas: bronze em 2008 e prata em 2012. Bebeto foi bronze em 1996 e prata em 1988.

12 jogadores poderão ficar no banco de reservas em jogos oficiais a partir do dia 1º de janeiro de 2013. Hoje o limite é de sete reservas. O número de substituições, porém, foi mantido em três.

1 título em cinco anos. Essa é a marca recente de conquistas do Grêmio, que só celebrou o Gauchão de 2010, quando foi comando pelo técnico Silas. No mesmo período, o rival Internacional ganhou quatro Estaduais, uma Libertadores, uma Copa Sul-Americana e uma Recopa.

©1 FOTO F.L.PITON/A CIDADE ©2 FOTO FOTONAUTA ©3 FOTO RENATO PIZZUTTO

O apelido pegou

OS AFRICANOS PODEM NEM SABER, MAS O NÚMERO DE 'SOMÁLIAS' NÃO PARA DE CRESCER NO FUTEBOL BRASILEIRO. JÁ SÃO PELO MENOS CINCO — E, ACREDITE, TUDO COMEÇOU COM O MIKE TYSON ***POR JOSÉ MÁRIO ALVES***

©1

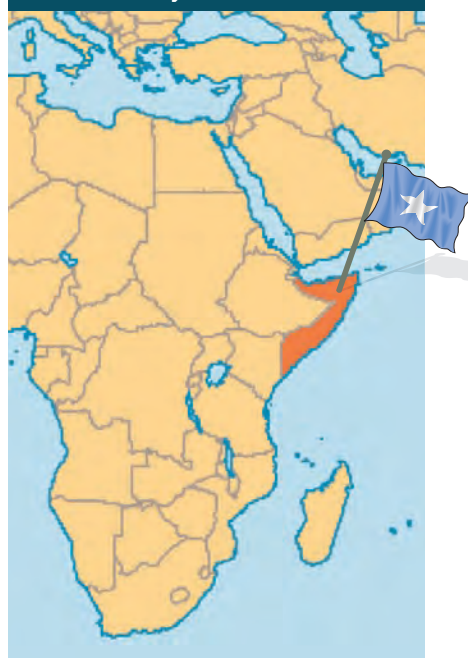
SOMÁLIA, O ORIGINAL, 35 ANOS (SÃO CAETANO)
Wanderson de Paula Sabino, atacante com passagens pelo Fluminense, Figueirense, entre outros, ganhou o apelido durante um período de testes no Atlético-MG, antes de virar profissional. Ele entrou na sala de televisão do alojamento no instante em que passava uma reportagem sobre uma doação que o boxeador Mike Tyson faria a crianças do país africano. Primeiro, ele não curtiu. Mas hoje em dia leva numa boa. Até os familiares o chamam de Somália. E o apelido "inspirou" toda uma geração.

PAULO ROGÉRIO REIS DA SILVA, 28 ANOS (SOMÁLIA DA PONTE PRETA)
O volante passou a ser chamado de Somália no Rio Claro-SP, clube pelo qual se profissionalizou em 2004. Na época, o "primeiro" Somália já era conhecido e a semelhança física acabou fazendo o apelido pegar. Ele curte.

WERGITON DO ROSÁRIO CALMON, 23 ANOS (SOMÁLIA DO FERENCVÁROSI-HUN)
Também "herdou" a alcunha do primeiro Somália, quando ainda era juvenil no Bangu. O carioca, que já teve também passagens pelo Paraná, chamou atenção pela semelhança física e pelo estilo de jogo. Wergiton também gosta do apelido.

GILSON RODRIGO SEREJO, 24 ANOS (SOMÁLIA DO BRASILIENSE)
O zagueirão chama atenção por sua altura e magreza. Com 1,90m e 70kg, ele ganhou o apelido quando ainda defendia o time de futsal da Assejufe, de Brasília. Gilson, que já foi vendedor de bombom, aprova a brincadeira.

BRUNO XAVIER COSTA, 26 ANOS (SOMÁLIA DO JABOATÃO DOS GUARARAPES-PE)
Ex-Corinthians-RN e Campinense-PB, começou a ser apelidado de Somália quando esteve nas categorias de base do Fluminense, em 2004. Nessa época, o Somália original defendia o tricolor nos profissionais, o que facilitou para o apelido pegar.

SOMÁLIA, O PAÍS

Marcada por corrupção e conflitos internos, a Somália tem expectativa de vida de apenas 48 anos. Com tamanho equivalente aos territórios de Minas Gerais e Espírito Santo juntos, o país mais oriental da África é um dos mais pobres do mundo e boa parte dos seus 9,9 milhões de habitantes sofre de subnutrição.

O HOMEM MAIS IRADO DA CIDADE

POR ENRIQUE AZNAR

©2

Maldita moda essa de chamar jogador por sigla. Cristiano Ronaldo, aquela libélula esvoaçante que adora se olhar no telão, virou CR7. Ronaldinho Gaúcho, outro que anda me enchendo a paciência, era R10 no Flamengo e virou um bizarro R49 no Galo. Luis Fabiano é LF9 e assim vai a bagaça. Pior que a imprensa embarca, e o cara realmente passa a se achar uma grife, um produto, não um simples jogador de futebol. Seus pavões! Saibam que sigla não serve pra gente. Só pra coisa. Moto, por exemplo. Em um passado remoto, eu viajei pela América Latina a bordo de uma CB 400, numa aventura que me rendeu caráter, dívidas, malária e alguns descendentes andinos dos quais me orgulho muito.

©1 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI ©2 ILUSTRAÇÃO MILTON TRAJANO ©3 FOTO DIVULGAÇÃO/SPORT

Cicinho no confessionário

O LATERAL DO SPORT FALA SOBRE COMO O ÁLCOOL QUASE DESTRUIU SUA CARREIRA E DA FASE DE SOBRIEDADE RECIFENSE ***POR TIAGO MEDEIROS***

Feições mais maduras, cabelo besuntado de gel e tatuagens à mostra. A aparência entrega o quanto a vida de João Cícero de Cézare mudou desde que ele deixou a pequena Pradopólis (SP), em 2001. Hoje, aos 32 anos, o lateral encontrou em Recife o refúgio para superar o alcoolismo. “O Sport me acolheu quando eu já estava quase decidido a parar.” O episódio que o fez largar a birita tem ares de videocassetada. Bêbado, viu um amigo levar um tombaço daqueles – a queda foi tão violenta que Cicinho achou que o sujeito havia morrido. E o susto teve efeito corretivo. “Deixei a bebida por completo. Agora sou da turma do guaraná e água de coco.”

P| Quando o álcool entrou em sua vida?

R| Aos 14 anos, tomava vinho com leite condensado. Era gostoso, docinho.

P| Isso afetou seu rendimento?

R| Cheguei a ter problemas com Levir Culpi, que me afastou no Atlético-MG por falta de profissionalismo, em 2002. Hoje percebo que teve razão.

P| Você pode renovar com o Sport por dois anos. Pretende ficar?

R| Sim. Quero fazer história aqui no Recife. Estou casado desde junho e o amor por minha mulher me resgatou. Sou outro homem!

Cicinho no Sport: lateral escolheu Recife para livrar-se do álcool

Rômulo, a prata do Porto

QUANDO O VOLANTE DO VASCO FOI VENDIDO PARA A RÚSSIA, QUEM COMEMOROU FOI UM TIME PEQUENO DO AGRESTE PERNAMBUCANO *POR RAPHAEL ZARKO*

©1

Rômulo é apresentado no Spartak

"Essa venda é uma bênção!", comemora José Porfírio em Caruaru (PE), ao ouvir o nome de Rômulo. A alegria não é por acaso. Porfírio é o presidente do Porto de Caruaru, time modesto que revelou o cabeça de área. Rômulo chegou ao clube aos 14 anos e no fim de junho deste ano trocou o Vasco pelo Spartak Moscou por 8 milhões de euros – pouco mais de 20 milhões de reais. Dono de 25% dos direitos econômicos do jogador (ele foi para o Vasco em 2009), o clube de Caruaru recebeu 5 milhões de reais, a maior bolada já paga por um jogador no futebol do estado.

O presidente garante ter destino para cada centavo da venda: irá investir no Centro de Treinamentos Ninho do Gavião para manter a tradição do Porto de revelar jogadores. Há um ano, o clube encomendou um projeto de expansão do CT, que nunca saiu do papel. A venda de Rômulo deve resolver o problema. "A gente comprou o terreno do CT em 1993 com o valor da venda de um Monza e mais uma quantia pequena em dinheiro." A estrutura conta com três campos de tamanho oficial e dois menores. A ideia agora é fazer um alojamento para 70 garotos e construir uma portaria moderna.

Investir em jogadores ou construir um estádio próprio – atualmente o Porto joga no campo do Central – está fora dos planos. "Nosso perfil é de formar jogadores, fazer boa campanha é outra coisa", diz José Porfírio, que garante ter perdido a conta de atletas saídos de seu CT para outros times, como Atlético-PR, Fluminense e Internacional. Apesar de não ser uma preocupação, o Porto já foi vice-campeão estadual duas vezes, em 1997 e 1998, e ficou em quarto no Pernambucano deste ano.

Eles também saíram do Porto

JOSUÉ
Goiás, São Paulo, Wolfsburg-ALE e seleção brasileira

ARAÚJO
Goiás, Gamba Osaka-JAP, Cruzeiro, Al-Gharafa-CAT, Fluminense e Náutico

Grandes boladas pernambucanas

4,1 MILHÕES DE REAIS
CIRO (2011)
Quem vendeu: Sport
Para onde foi: Fluminense

3,5 MILHÕES DE REAIS
JACKSON (1998)
Quem vendeu: Sport
Para onde foi: Palmeiras

LENDAS DA BOLA

POR MILTON TRAJANO

©2

©1 FOTO DIVULGAÇÃO ©2 ILUSTRAÇÃO MILTON TRAJANO

48H DE PROTEÇÃO

+ ¼ DE CREME HIDRATANTE

Dove
MEN+CARE
CLEAN COMFORT
0% ALCOHOL
[48h POWERFUL PROTECTION]

Dove Men Care oferece mais do que só proteção contra a transpiração. Descubra o poder de 48 horas de proteção com 1/4 de creme hidratante. Só com o novo Dove Men+Care.

[POTENTE CONTRA O SUOR, SUAVE COM A SUA PELE.]

Pai e filho vibram com a vitória do Botafogo no Engenhão

FORTES EMOÇÕES E MUITAS SURPRESAS NO CAMAROTE PLACAR

O primeiro turno do Campeonato Brasileiro caminha para sua reta final. Atlético–MG, Fluminense, Internacional, Grêmio e Vasco brigam pela ponta da tabela, enquanto São Paulo, Cruzeiro e Botafogo lutam para entrar no G4. Na parte de baixo da tabela, o Palmeiras busca se afastar da zona de rebaixamento. O momento é emocionante e as próximas rodadas vão definir quem vai começar o segundo turno com moral e quem vai precisar se reabilitar.

E quer momento melhor para assistir aos jogos decisivos do seu time de coração de camarote? Quem foi ao Camarote PLACAR nas últimas rodadas sentiu essa emoção. Os duelos entre São Paulo x Sport, São Paulo x Grêmio no Morumbi e Fluminense x Palmeiras, Botafogo x Sport no Engenhão foram repletos de emoções e surpresas. O time do Morumbi venceu o Sport, mas dias depois cedeu a vitória em pleno Dia dos Pais para o Grêmio. Já o Fluminense fez a alegria dos pais cariocas com a vitória sobre o Palmeiras. E o Botafogo fez dois no time de Recife.

As próximas rodadas serão ainda mais decisivas e emocionantes e logo depois o campeonato recomeça. Quem estiver no Camarote PLACAR poderá ver seu time de perto e sentir as emoções que o Campeonato Brasileiro proporciona com conforto, segurança e exclusividade.

Torcedora do Sport fica apreensiva com o ataque do Botafogo no RJ

Olhares atentos para não perder nenhum lance

Pai e filho curtem o jogo e dão uma olhada na última edição de PLACAR

Família reunida para prestigiar o jogo do tricolor em SP

Torcedores ao final do jogo no RJ

Comemoração dos torcedores após mais um gol do São Paulo

O pequeno torcedor acompanha cada detalhe da partida junto com o pai

A gremista aproveitou a oportunidade para acompanhar o seu time do coração

Durante o intervalo, torcedores beliscam alguns petiscos servidos no Camarote

Torcedor posa com a bola de prata

Produzido pela área de Soluções de Conteúdo da Abril Mídia   Fotos: Márcio Irala (RJ) e Anderson Oliveira (SP)

OS 11 MELHORES DE TODOS OS TEMPOS PARA...

André Catimba

IMPLACÁVEL NO VITÓRIA E IMORTALIZADO NO GRÊMIO APÓS UMA ACROBACIA FRUSTRADA, O EMBLEMÁTICO ARTILHEIRO MONTA SEU TIME A PARTIR DE SI MESMO

O estádio Olímpico será demolido, mas meu gol não sai da memória. Deveriam deixar uma estátua da quase cambalhota no lugar.

ESQUEMA 4-3-3

GOLEIRO

AGUINALDO *"Me lembro do Corbo, uruguaio, mas, como ele se envolveu em muita m..., fico com Aguinaldo."*

LATERAIS

EURICO *"Foi ele quem cruzou a bola para meu golaço de bicicleta pelo Grêmio, em 79. Inesquecível."*

DEODORO *"Pleno conhecedor de sua posição, está entre os melhores que jogaram comigo no Guarani de 76."*

ZAGUEIROS

OBERDAN *"Quarto-zagueiro duro na queda, imponente. Eu me estrepava tentando passar por ele nos treinos."*

AMARAL *"O maior central que já passou pelo Guarani. Cão de guarda."*

MEIAS

FLAMARION *"Esse daí também é outro cabra dos bons de Campinas. Tomava conta da cabeça de área."*

IÚRA *"Corria o campo todo e o tempo todo. O 'Passarinho' não abria o bico de jeito nenhum."*

ZENON *"Joguei com o Maradona, novinho, no Boca. Mas quem me dava passe de gol, açucarado, era o Zenon."*

ATACANTES

TARCISO *"Meu garçom pela ponta direita. Ganhou tudo no Grêmio."*

ANDRÉ CATIMBA *"Depois daquele gol na final do Gaúcho de 77, eu entrei pra história. Tentei dar o salto mortal, senti a virilha e, quando caí, ferrou tudo. Inchou, rapaz! Parecia que eu tinha quatro testículos."*

ÉDER ALEIXO *"Entra na esquerda, mandando a canhotinha pro Catimba."*

TÉCNICO

TELÊ SANTANA *"O mestre. Marquei o gol contra o Inter, mas, sem ele, o Grêmio não ganharia o título de 77, depois de oito anos de sofrimento."*

AS HISTÓRIAS INCRÍVEIS, HILÁRIAS E 99,3% VERDADEIRAS DO NOSSO FUTEBOL

POR MILTON NEVES

Dinei curou a dor de Neto

Em 1990, o ano foi mágico para o Corinthians e lamentável para Sebastião Lazaroni, técnico da seleção brasileira. Além de não levar o meia Neto para a Copa do Mundo da Itália, o treinador enterrou nosso time em Turim, ao cair diante da Argentina. Mas, naquele ano, tivemos um fato pitoresco no Parque São Jorge que fez o então "Xodó da Fiel" esquecer sua raiva contra o treinador.

Em uma segunda-feira de agosto de 1990, os jogadores do Timão deram com a cara na parede na tesouraria quando foram receber o salário. É que o então presidente do clube, Vicente Matheus, tinha feito um acordo com o Bradesco, substituindo o pagamento por cheque pelo então modernissimo "cartão eletrônico". Neto, Ronaldo, Jacenir, Tupãzinho, Wilson Mano, Fabinho, Giba e o técnico Nelsinho receberam seus cartões, registraram as senhas e ficaram de papo ao lado do caixa eletrônico.

Nisso, chega o esbaforido juvenil Dinei com seu cartão e precisando urgente de dinheiro. Foi até a máquina, passou o cartão e ouviu uma voz feminina dizendo: "Digite a sua senha!" Dinei ficou sem saber o que fazer, passou do tempo programado e a máquina repetiu: "Digite a sua senha!" Daí o confuso Dinei foi atrás da máquina e cochichou: "Ô moça, sou o Dinei, filho do Nei, que jogou com o Silva aqui no Corinthians. Eu tô duro e precisando de duzentão, moça. Solta aí logo para mim!" Testemunhas, a "boleirada" produziu o maior coro de risadas da história do "bíblico" Parque São Jorge!

LIGAÇÕES

Chinesinho (1935-2011), o Sidney Colônia Cunha, morreu em Rio Grande-RS, vítima de mal de Alzheimer. Craque do Inter, Palmeiras, da seleção brasileira e dos italianos Modena, Catania, Juventus e Vicenza, teve triste fim de vida. Antes de retornar a Rio Grande-RS, onde faleceria, morou alguns anos na Praia Grande-SP, onde conviveu com amigos aposentados à beira-mar, jogando tranca, buraco e dominó e tomando cerveja. Pois quase todos os dias, após alguns goles, ele ia até o orelhão da padaria onde se reuniam e "digitava" aleatoriamente alguns números, numa suposta ligação internacional. Depois, em italiano, gritava: "Mia pensione, mia pensione, putana quella Mariana vecchia", cobrando de uma suposta "Mariana", do "INSS da Itália", sua aposentadoria. Triste fim do "Puskas e Sívori brasileiro", como era chamado por lá. Um pecado, mas que sirva de exemplo para os deslumbrados jogadores atuais.

Mas o acontecido com Chinesinho não é único. O querido e saudoso radialista Jorge de Souza (1928-2003) trabalhou "séculos" no Sistema Globo de Rádio nas emissoras Excelsior, Globo e Nacional. Em 2002, já veterano e aposentado, não vivia longe do amigo microfone. Assim, todo dia, "ligava" para a Globo e Excelsior (que nem existia mais), "falava" com o operador e "gravava" três ou quatro boletins de futebol e Fórmula 1. Após as "gravações" agradecia aos operadores como Alberto Pastre, também ex-Jovem Pan, e ficava feliz da vida pensando que ainda era funcionário das emissoras.

© ILUSTRAÇÃO MARCELEZA

Descubra uma nova maneira de ler

No iba.com.br você encontra a maior variedade de livros, jornais e revistas digitais do Brasil. Agora você pode comprar milhares de títulos sem sair de casa e apreciá-los a qualquer hora, em qualquer lugar. Teste o iba gratuitamente e veja como é fácil!

Infografia: Luiz Iria, Marcelo Garcia e Adriano Kono.

*Oferta válida até 30/09/2012. Todos os conteúdos são em formato digital. Confira as revistas participantes.

SÉRGIO XAVIER FILHO

O ouro era falso

Expressão bonita, classuda. Olimpismo! Significa o uso do esporte para a promoção da paz, da união dos povos. É uma filosofia de vida, enfim. Na prática, o olimpismo é o processo que desemboca a cada quatro anos em uma festa chamada Jogos Olímpicos. Os países investem, acompanham, se dedicam, se apaixonam pelas mais variadas modalidades esportivas. As Olimpíadas são apenas o coroamento disso tudo.

Mas nós, brasileiros, trabalhamos com outra expressão, muito mais simples. O "medalhismo" consiste em torcer por medalhas, venham de onde vierem. E assim vibramos pelo ouro nas argolas, sofremos com o cavalo que refuga, lamentamos o vento que atrapalhou nossa vara. Nossa cultura esportiva é rasa, somos apaixonados por futebol, isso sim. Mas gostamos de posar de bacanas. Queremos medalhas, e de ouro, aquelas que nos colocam mais rápido no topo do ranking. Faz parte da afirmação de nossa autoestima enquanto nação.

Sentimos vergonha por não termos ainda a tal medalha de ouro no futebol. Nem no feminino, nem no masculino. O vexame é maior entre os homens: como pode o país do futebol ainda não ter essa medalha obrigatória? Não importa que no mundo do futebol as Olimpíadas pouco signifiquem para os outros. Pouca gente leva realmente a sério o assunto. O futebol olímpico é encarado como laboratório para as seleções principais.

É evidente que perder com uma seleção quase principal diante de um lotado Wembley para o México é lamentável. Mas deveríamos encontrar aí o verdadeiro aprendizado da lambada chicana. O laboratório do doutor Mano segue sem funcionar. O tempo passa, a Copa de 2014 se aproxima e nada de o Brasil apresentar uma equipe regular e confiável.

Digamos que Oscar tivesse acertado aquela cabeçada nos acréscimos, empatado a partida e o Brasil conseguisse virar o jogo contra o México. Ouviríamos o hino nacional na entrega das medalhas, o país comemoraria orgulhoso a conquista e nossos problemas teriam terminado. Seria assim, não? O medalhismo verde-amarelo estaria resolvido.

Só que seguiríamos na mesma toada. Jogando contra Honduras, Bielorrússia, Nova Zelândia, Coreia do Sul e México, a seleção quase principal do Brasil não convenceu. Nem é problema de jogadores. Temos uma defesa invejada, com Thiago Silva e Marcelo, uma das maiores contratações da temporada (Oscar) e um fora de série (Neymar). Daí sai, sim senhor, um bom time de futebol. Ou melhor, pode sair um bom time. Depende do encaixe. Bons jogadores não necessariamente formam uma grande equipe, mas é sempre mais fácil o cozido ficar melhor com bons ingredientes. Talvez tenha sido mesmo excelente tomar um chapéu dos nossos amigos Mariachis. Assim não fizemos correntinhas com um ouro que seria pra lá de falso.

Na Olimpíada de Londres, Neymar mostrou vontade, mas, sem a afinação ideal com outros talentos, como Oscar, Leandro Damião e Marcelo, faltou inspiração para trazer o ouro inédito para o Brasil

NA BALADA DO GALO

ENQUADRADO EM LINHA DURA DO CLUBE, RONALDINHO GAÚCHO PARECE TER DADO UM TEMPO NA FARRA E SUA A CAMISA PARA RECOLOCAR O ATLÉTICO ENTRE OS GRANDES

POR BREILLER PIRES DESIGN L.E. RATTO FOTO EUGÊNIO SÁVIO

A combinação soava explosiva. Belo Horizonte é a capital mundial dos bares. São mais de 12 000 botecos espalhados pela cidade. Mulheres, tem de sobra – 100 para cada 88 homens. Nesse cenário, o Atlético-MG, alheio ao histórico de abrigar jogadores baladeiros, anunciou Ronaldinho Gaúcho no início de junho. O meia, que havia rescindido contrato com o Flamengo na justiça e era acusado de se dedicar mais às noitadas que ao clube, juntava-se ao atacante Jô, despachado do Internacional após excessos extracampo.

No entanto, o que parecia uma bomba-relógio estourou como um foguete que levou o Galo ao topo. Ronaldinho voltou a jogar bem, e o time atleticano, com o troféu simbólico do primeiro turno, cravou sua melhor campanha na era dos pontos corridos do Campeonato Brasileiro. Vestindo a camisa 49, o ex-jogador rubro-negro, visto com desconfiança por causa da vida noturna pregressa no Rio de Janeiro, pegou o clube em terceiro lugar, na quarta rodada, e deu a liga que faltava para alçá-lo entre os favoritos ao título nacional, que não vem desde 1971.

Em entrevista à PLACAR de março, o técnico Cuca, antes mesmo de receber os reforços de Ronaldinho, Jô e do goleiro Victor, já traçava planos otimistas para o Galo. "Não sei se vai ser campeão ou vice, mas com certeza este não será um ano sofrível como 2011", disse. Mas nem ele poderia prever uma largada tão empolgante no Brasileirão, sob a batuta de um craque que andava desacreditado meses atrás no Flamengo. "Ele encorpou a equipe e melhorou muito nossa bola parada", diz o técnico, em alusão ao novo cobrador de faltas do time, que, com grandalhões como Réver, Leonardo Silva e Jô, tem feito do jogo aéreo uma de suas principais armas.

De jogador-problema a solução, Ronaldinho está pilhado. "Fazer o Atlético Mineiro voltar a ganhar um título de expressão é o desafio que me motiva", diz o meia. Para retomar a fama da época de Barcelona, o craque promete erguer o Galo a reboque. A "Operação Resgate" começou.

MEGALOMANIA ATLETICANA
Ronaldinho virou febre na torcida do Galo, que lotou a Câmara Municipal (foto superior) para ver o ídolo receber o título de cidadão honorário de Belo Horizonte, no fim de julho

COMENDO QUIETO

Questionado sobre sua adaptação a Belo Horizonte durante a sessão de fotos para PLACAR, Ronaldinho recorre ao jeitinho tipicamente mineiro. "Uai, esse trem é bão demais, sô!", dizia, com sorriso aberto. De fato, o gaúcho não tem o que reclamar da nova vida em Minas Gerais. Após uma semana de estadia na Cidade do Galo, ele passou um mês e meio hospedado em uma suíte de luxo do Ouro Minas Palace, hotel cinco estrelas da capital. Mudou-se no início de agosto para um condomínio fechado em Lagoa Santa, a 20 km do CT atleticano.

A rotina reservada difere dos tempos de superexposição em festas e boates no Rio de Janeiro. Discreto, o craque tem evitado dar as caras na madrugada de BH. "Ele chegou sozinho, comeu rápido e saiu às 22h. Mas foi atencioso com clientes, tirou fotos e deu autógrafos", diz o gerente de um restaurante na Pampulha, reduto de boleiros da região. O famoso adágio "já que Minas não tem mar, vamos para o bar" parece não entoar na batida atual de Ronaldinho. "Ainda não deu tempo de conhecer a cidade", afirma, ciente das tentações belo-horizontinas. "Mas, passando de carro, dá pra ver que tem muita mulher bonita." Saudade do agito carioca? Nada que a hospitalidade mineira não possa sanar. "Sinto falta do Rio, da praia, dos amigos, normal. Mas a cada dia eu gosto mais de Belo Horizonte. Não me falta nada aqui", diz o meia.

O QUE EXPLICA A REVIRAVOLTA DE RONALDINHO

	BASTIDORES	ESTRUTURA	ELENCO	VIDA NOTURNA	SALÁRIO
	Turbulências e desorganização da diretoria afetavam o futebol. Críticas de conselheiros a Ronaldinho tornaram ambiente insustentável.	Quando R10 estreou pelo Flamengo, atletas se alojavam em contêineres e trabalhavam em estrutura precária no CT do Ninho do Urubu.	Teve apenas Thiago Neves e Vagner Love, em momentos alternados, para dividir holofotes. Time recheado de jovens jogava peso em suas costas.	Carnavalesco e praieiro, encontrou no Rio de Janeiro o cenário ideal para a perdição. Amigos e até parentes agilizavam festas na mansão do meia.	Chegou a ficar quase seis meses seguidos sem receber do rubro-negro. Promessas de pagamento em dia nunca se cumpriram.
	Com oposição rala, clube vive calmaria nos bastidores. Centralizador, Alexandre Kalil blinda jogadores da política e da cartolagem.	A Cidade do Galo está entre os melhores CTs do país e abriga um moderno hotel, utilizado pelo meia em sua primeira semana de clube.	Pegou elenco consistente, que recebeu os reforços de Jô e Victor. Nomes experientes e peças de reposição aliviam dependência do camisa 49.	Policiado, tem pisado no freio das baladas em Belo Horizonte, que oferece menos opções que a "night" carioca. Evita se expor em público.	Um dos atrativos para fechar com o alvinegro foi a garantia de salário. Mesmo com remuneração menor, ele não tem surpresa no fim do mês.

©1 FOTO BRUNO CANTINI/ATLÉTICO-MG ©2 FOTO DIÁRIO AS

A fase light de Ronaldinho frustrou a expectativa de boates da capital. Uma delas divulgou cartaz de boas-vindas ao jogador em seguida ao anúncio de sua contratação. Destaque, por enquanto, são as atuações pelo Atlético. Embora seja o medalhão do time, o camisa 49 tem assimilado bem o papel de escudo para a evolução dos rápidos e versáteis Bernard, 19, Guilherme, 23, e Danilinho, 25.

Após sua saída do Flamengo, Pelé criticou a dependência do astro: “Ele não é mais o Ronaldinho de dez anos atrás. É talentoso, mas é para compor elenco, não para resolver problema”. Não por acaso, o meia de 32 anos exalta a qualidade do plantel atleticano. “É impossível um jogador levar o time sozinho”, diz.

Para o ex-meia Neto, que jogou no Atlético em 1994, a equipe que deslancha no Brasileiro é diferente da “Selegalo” que fracassou com ele e Renato Gaúcho na linha de frente. “Quando tem muita ‘cobra’ junta, uma pica a outra. Dessa vez, a estrela é só o Ronaldinho”, diz Neto, alertando para os perigos boêmios que minaram o time de 94. “Ele se propôs a jogar futebol e está dando certo, mas precisa tomar cuidado para não se perder em BH. Tem bar em toda esquina.”

PÕE NA CONTA

Em seu quarto treino no Galo, Ronaldinho domina a bola na entrada da área e, com uma cavadinha, encobre o goleiro. Sem modéstia, gaba-se do golaço em direção a Alexandre Kalil: “Presidente, eu vim aqui pra isso”. Futebol e só. É o que o Atlético espera dele durante seis meses de contrato. Não há projeto de marketing para o clube faturar com sua imagem. “O cara é um sucesso de mercado, mas isso é coisa para o futuro. Até o fim do ano, ele tem que jogar, e nós temos que pagar”, diz Kalil, vacinado com a falta de planejamento do Flamengo, que perdeu o jogador 20 dias após o lançamento de sua linha de produtos.

O Galo já se movimenta para arquitetar a engenharia financeira a fim de estender o vínculo com o meia.

©1

Na PLACAR de novembro/2007, Ronaldinho celebrava amizade com Messi. Hoje, no Galo, o afilhado da vez é Bernard

O AMIGO DO BERNARD

APÓS APADRINHAR CRAQUE DO BARCELONA, RONALDINHO É GURU DE MESSI ATLETICANO

Em 2004 e 2005, quando foi eleito o melhor jogador do mundo pela Fifa, Ronaldinho Gaúcho presenciava a ascensão de Lionel Messi no time principal do Barcelona. Como bom tutor, R10 não se desgrudava do argentino. Viraram amigos. Em campo, o dueto encheu os olhos dos catalães. Sete anos depois, no Galo, Ronaldinho serve de espelho para uma nova promessa: Bernard, 19 anos, 1,64 metro, 5 centímetros a menos que Messi, mas com futebol à altura do ídolo. “Tive o privilégio de ver o começo do Messi e, agora, vejo o Bernard”, diz o ex-craque do Barça. “O que eles têm em comum? Muita qualidade, ambição para triunfar no futebol e a sorte de terem sido lançados num grande clube em boa fase.” Guardadas as devidas proporções entre Bernard e Messi, Atlético e Barcelona, paralelos são inevitáveis. No time catalão, o argentino aos poucos foi ofuscando o brasileiro, que deixou o Camp Nou em 2008. Já no Galo, apesar do começo avassalador do camisa 49, Bernard é quem tem sido o craque da equipe no Brasileirão. Assim como no Barça, Ronaldinho foi deslocado da ponta para o meio em função do garoto. Mas a parceria com a promessa formada na base atleticana pelo lado esquerdo não se desfaz nem mesmo nos treinos. “É incrível poder jogar com um ídolo. Ele me aconselha muito”, afirma o Bambino de Ouro, que, antes da chegada do craque, havia sido vaiado pela torcida. “Eu tento protegê-lo para que ele mantenha a confiança e a alegria de jogar”, diz Ronaldinho. “Espero que ele trilhe o caminho do Messi.”

©2

Messi e Ronaldinho brilharam no Barça

Ronaldinho voa para comemorar gol de Jô diante do Vasco, no Independência

Para contratá-lo e convencer o irmão e empresário Roberto de Assis a baixar a pedida salarial, a diretoria atleticana lançou mão de argumentos que sustentam seu poderio no mercado: salário em dia, estrutura de ponta, elenco com força para brigar por títulos e comissão técnica de seleção brasileira. No pacote, um mimo familiar: Diego, 17, filho de Assis, foi incorporado pela base do clube.

Única receita direta gerada por Ronaldinho, os royalties de camisas ainda estão em negociação com Assis, que reivindica percentual nas vendas. A procura pela camisa 49 é em torno de 80% maior em relação à de outros jogadores nas lojas oficiais do Galo. Para bancar o custo-Ronaldinho – em torno de 300 000 reais mensais, além de bônus por desempenho e premiação milionária em caso de conquista do Brasileiro ou da vaga na Libertadores do ano que vem –, o Atlético recorre à massa alvinegra.

O programa de sócio-torcedor decolou após a chegada da estrela. Com a primeira cota de 5 400 associados esgotada, o clube planeja faturar aproximadamente 1 milhão de reais por mês. O preço do ingresso também aumentou. O Galo, que sempre abusou das promoções e entradas a preço popular, hoje é dono da bilheteria mais cara do Brasileirão. O custo médio do ingresso é de 40 reais, que resulta na maior arrecadação do primeiro turno: 6,16 milhões de reais. E a torcida não deixa de comparecer, fincando a segunda melhor média de público (18 333) do campeonato. Em lua de mel com os atleticanos e sem o rótulo de garoto-propaganda, Ronaldinho tem apenas uma meta. “Vou me dedicar para ser campeão. É esse o meu acordo com o presidente.”

CIDADÃO DA MASSA

Ronaldinho já levou um título para casa. Em menos de dois meses na ci-

PECADO NA CAPITAL

RIVAIS APREGOAM ZICA COM NÚMERO E NOME DE RONALDINHO

Uma semana após o craque desembarcar em Belo Horizonte, dois atleticanos picharam “Ronadinho 49” (número que representa o ano de nascimento de dona Miguelina, mãe do meia) no Cristo Redentor da cidade. O erro de grafia da dupla de pichadores, que foi presa na manhã seguinte ao delito, seria o fato jocoso do episódio, não fosse a lembrança de torcedores cruzeirenses de outro atentado sacrossanto na história recente do Atlético. Em 2001, a diretoria mandou pintar de preto o manto da imagem de Nossa Senhora das Graças, que habita a sede do clube desde os anos 70. Após protesto de torcida e líderes religiosos, o azul original do manto, cor do rival Cruzeiro, foi restaurado. Porém, muitos alvinegros ainda creditam à santa a maré de azar da última década, quando o time ganhou apenas dois Mineiros e foi rebaixado no Brasileiro, em 2005. Para os cruzeirenses, a pichação do Cristo renova a maldição, mas o padre atleticano Natanael Campos rebate o mau agouro. “Nem Deus nem o Cristo nem a santa são responsáveis por essas mesquinharias. Se não ganhar de novo, a culpa é do time.”

dade, tornou-se cidadão honorário de Belo Horizonte, em cerimônia realizada na Câmara Municipal, com direito a aclamação de torcedores, entre eles um anão fantasiado como o craque. Não bastasse a honraria, o jogador arrebatou o coração dos alvinegros. "O que me espanta no Atlético é ver uma torcida que não ganha nenhum título de importância há muitos anos tão apaixonada assim", diz.

Seu prestígio ajudou a resgatar a confiança da torcida, que andava brigada com o time desde a goleada de 6 x 1 para o Cruzeiro no ano passado. "O Ronaldinho trouxe equilíbrio e tranquilidade ao grupo, principalmente aos atletas mais jovens", diz Cuca, que intermediou a negociação entre Assis e o clube. A esperança por títulos e dias melhores transborda das arquibancadas. "Quando vem um jogador conhecido mundialmente, e as coisas começam a andar, a torcida acredita: 'Este ano vai'. Eu cheguei no momento certo, precisava disso. O Atlético também. Então, juntou os dois", afirma o craque.

Chamado de mercenário pela torcida do Grêmio, que não o perdoa pelo "chapéu" no clube de origem na volta ao Brasil, e jurado pelos rubro-negros, engasgados com sua saída pela porta dos fundos da Gávea, Ronaldinho encontrou afago nos braços da massa do Galo. "Não espero nada do Grêmio. A recepção no Olímpico foi como eu previa, e sei que vai ser a mesma coisa contra o Flamengo. Agora eu sou rival", diz. Ele cobra 55 milhões de reais do time carioca, entre atrasos de salário e ação por danos morais após a diretoria acusá-lo de falta de profissionalismo, mas nega ter se esbaldado em seus últimos meses no clube. "Desde que cheguei ao Rio, eu sempre vivi e fiz tudo da mesma forma. Quando as coisas não saíram bem, inventaram um monte de mentira."

©3

> Meu objetivo é participar da Copa do Mundo em 2014. Se eu estiver bem no Galo, a seleção virá naturalmente.

***Ronaldinho:** fora da última Olimpíada, ele mira Copa no Brasil*

©2

No estádio Olímpico, torcedores do Grêmio hostilizam Ronaldinho, que, após vitória do Galo por 1 x 0, deu o troco: "Tudo quietinho!"

A mudança de ares surtiu efeito. Nos treinos do Galo, Ronaldinho é pontual, demonstra vontade, faz-se ouvir o tempo todo. Está sempre sorrindo, diferente do semblante fechado devido a críticas da diretoria sobre seu comportamento nos dias derradeiros de Flamengo. Em dois meses, já concedeu seis coletivas de imprensa, uma a mais do que em todo o período no rubro-negro, quando ficou mais de um semestre sem dar entrevista. A vigilância em BH também o obriga a conter a farra nas folgas.

A torcida atleticana, que faz marcação cerrada na noite da cidade, está de prontidão. Em 2010, a Galoucura, maior organizada do clube, chegou a criar um disque-denúncia para fiscalizar baladeiros. O presidente Alexandre Kalil endossa o policiamento. Na época, afirmou que não se importaria se jogadores "tomassem um cacete na madrugada". Ao apresentar Ronaldinho, frisou que o meia deveria se enquadrar na rígida cartilha do clube, sem regalias. Uma das normas que colocam as duas partes em rota de colisão é o confinamento do elenco. O craque está descontente com o esquema de concentração antecipada (dois dias antes dos jogos), regra da qual Cuca e a comissão técnica não abrem mão.

Funcionários do Galo monitoram os passos do meia. Kalil, por sua vez, já reuniu o elenco e passou sermão para que os atletas cumpram à risca o regimento interno e evitem as noitadas. Tudo para manter o embalo do time e para que a estrela da companhia não perca o foco. Sossegado, nas graças da torcida, o camisa 49 sabe que só há uma forma de limpar a imagem arranhada no embate com o antigo clube. "Eu vim para vencer e fazer história no Galo." Até o fim do ano, Ronaldinho e Atlético, mais do que nunca, precisam um do outro para provar que ainda conservam sua grandeza.

VEJA MAIS NO SITE
Ronaldinho fala sobre expectativa de faturar o bi na Bola de Prata
PLACAR: http://abr.io/2tgV

©1 FOTO EUGÊNIO SÁVIO ©2 FOTO FOTOARENA ©3 FOTO RAFAEL RIBEIRO/CBF

QUERO SER GRANDE

COM IDADE DE JUNIORES, ADRYAN E MATTHEUS JÁ APARECEM NO TIME PRINCIPAL DO FLAMENGO. O DESAFIO É PASSAR PELA EXPERIÊNCIA SEM SE QUEIMAR E RETOMAR A TRADIÇÃO RUBRO-NEGRA DE FORMAR CRAQUES

POR EDUARDO TERRA
DESIGN GUSTAVO BACAN

marelecido, pendurado em uma sala do departamento de futebol na Gávea, um quadro ilustrava a fornada dos anos 90. A imagem de Djalminha, Marcelinho Carioca, Júnior Baiano, Fabinho, Paulo Nunes, Nélio, Rogério, Gelson Baresi, Piá e Marquinhos, metaforicamente, representava a perpetuação de um dos maiores orgulhos rubro-negros: revelar talentos em profusão. A ponto de a frase "Craque o Flamengo faz em casa" ter virado um slogan desde o fim da década de 70. Após um hiato, longo, se consideradas as conquistas de Brasileiros pelo clube, o título da Copa São Paulo de Juniores de 2011, feito até então exclusivo daquela geração, soou como a redescoberta de um caminho em que presente e futuro são sinônimos.

Boa parte dos garotos que no ano passado ganharam a Copinha integra o atual elenco sob o comando de Dorival Júnior. Todos os dias, treinam no Ninho do Urubu o goleiro César, o zagueiro Frauches, os volantes Luiz Antônio e Muralha, os atacantes Negueba e Thomás, além de Adryan e Mattheus. Com presenças frequentes em todas as seleções de base desde a sub-13, estes dois últimos, meia-atacantes, mais meias que atacantes na definição de ambos, fazem os olhos de dirigentes e torcedores brilharem. São as principais apostas num clube em que juventude e qualidade, não faz tanto tempo, eram virtudes que andavam de mãos dadas.

Historicamente, as maiores glórias do Flamengo são prova inequívoca de que, quando consegue formar times com o selo de legitimidade da casa, algo bom pode estar por vir. A base da equipe campeã do mundo de 1981, que, com variações entre 1978 e 1983, venceu quatro Estaduais e três Brasileiros, além da Libertadores, tinha oito pratas da casa. Em 1987, sob a liderança de Zico, e em 1992, de Junior, a receita se repetiu, em menor escala, é verdade, mas com a política de revelar em vez de comprar pronto ainda vigorosa. Aldair, Leonardo, Ailton e Zinho que o digam. Jorginho e Bebeto vieram do América-RJ e Vitória, respectivamente, ainda nos juniores. A última grande conquista, o Brasileiro de 2009, foi a exceção. No time que entrou em campo na última rodada precisando derrotar o Grêmio, no Maracanã, o Imperador Adriano era o único titular com DNA caseiro. O volante Aírton também poderia ser incluído, uma vez que chegou ao time de juniores vindo do Nova Iguaçu. E o prata da casa Ibson esteve presente em parte da campanha.

A realidade de Adryan e Mattheus é um pouco diferente. O Flamengo ainda procura se reencontrar depois de um primeiro semestre turbulento, no qual Vanderlei Luxemburgo e Joel Santana não resistiram às más atuações e aos problemas que sempre gravitaram em torno da figura de Ronaldinho Gaúcho, que saiu de forma traumática. Antes de pensarem em títulos, os meninos sabem que primeiramente têm de mostrar que subiram para ficar. Nascidos em 1994, eles, em tese, estariam no primeiro dos três anos da categoria júnior (Adryan só faz 18 anos em outubro). "Os dois pegaram uma fase ruim do Flamengo, mas faz parte do aprendizado. A certeza é de que, pela postura e pela qualidade técnica, em breve vão se destacar", aposta Carlos Noval, há dois anos e meio coordenador das categorias de base.

A chegada aos profissionais se deu de forma gradativa. No início do ano, com a equipe principal dedicada

Adryan: primeiro contrato profissonal assinado aos 16 anos

a conquistar a vaga da pré-Libertadores, eles foram puxados por Vanderlei para alguns jogos pelo Estadual. Sob o comando do auxiliar técnico Júnior Lopes, Mattheus estreou contra o Olaria. Adryan entrou e fez gol contra o Bonsucesso. Desceram e retornaram com Joel, já na corda bamba, depois que o clube esbarrou na falta de recursos para se reforçar. "A gente antecipou um pouco as coisas. Em vez de entrarem de férias após o Estadual de juniores, vieram para viver o ambiente. Estão em período de formação, adaptação e transição. Ninguém tem pressa para eles resolverem", diz o diretor executivo Zinho.

Adryan é alguns meses mais novo que Mattheus, mas foi o primeiro a chamar atenção. Louro, de olhos claros, corpo de menino, obviamente ouviu algumas vezes que seria "o novo Zico". É assim com dez entre dez meninos habilidosos, com suas características físicas, que surgem no Flamengo. Mas desde garoto é um dos destaques das seleções brasileiras de base. Aos 15 anos, já tinha contrato com uma gigante de material esportivo. Aos 16, assinou o primeiro contrato como profissional. No Mundial sub-17 do ano passado, no México, foi o destaque do time que parou nas semifinais diante do Uruguai. Os cinco gols que marcou lhe valeram a chuteira de bronze, atrás do alemão Samed Yesil e do marfinense Souleymane Coulibaly. "Mas os dois são atacantes, sou meia", observa. Este ano, chamado por Ney Franco para a seleção sub-20 que disputou a Copa Internacional do Mediterrâneo, em Barcelona, foi eleito craque do torneio.

Adryan é um menino como outro qualquer de sua idade, que namora, vai ao cinema e adora jogar videogame com os amigos de infância e com o próprio Mattheus, companheiro de Flamengo desde os 8 anos. "Nunca fui aberto. Os amigos que tenho conheço desde pequeno. Procuro sempre estar com as pessoas certas", diz. O fato de ser reservado, reconhece, até atrapalhou um pouco na hora de viver a primeira experiência no time de cima. "Não consegui me entrosar muito com o pessoal, talvez pelo meu jeito, pela idade. Agora tá tudo ótimo, subi com o Mattheus, estou à vontade."

Filho de um empresário da construção civil e de uma arquiteta, foi criado em Bento Ribeiro e Jacarepaguá, soltando pipa e jogando bola descalço no asfalto. Estudou em colégio alemão até ficar impossível conciliar o futebol com a exigência curricular. Fez o supletivo para completar o segundo grau. O tênis, esporte no qual se destacava nos torneios do condomínio, virou hobby. O fato de ser, digamos, um "bem-nascido" entre meninos que têm o futebol como a grande chance da vida jamais o atrapalhou. "Nunca sofri preconceito, pois sempre soube jogar. Podiam falar o que fosse, mas nunca joguei pelo dinheiro da minha família, mas pela qualidade. Eu me destacava, como iam abrir mão de mim? É assim que se faz parte de um grupo, não pela classe social."

Mattheus virou figura pública bem antes de Adryan. Dois dias após ter nascido, ficou famoso ao ser "embalado" pelo pai, Bebeto, na comemoração do segundo gol brasileiro contra ➲

Filho de Bebeto, Mattheus ficou mundialmente conhecido após o gol "embala nenê", na Copa do Mundo de 1994

Adryan frequenta as seleções de base desde o sub-13

Craques que explodiram...

LEONARDO
Lançado no profissional durante a campanha de 1987, em que o time sagrou-se campeão brasileiro. Em 1990, foi para o São Paulo e depois brilhou em clubes da Europa e no Japão. No Milan, foi jogador, treinador e dirigente. Hoje é manager do PSG. Na seleção, foi tetra em 1994 e vice em 1998.

ALDAIR
Começou a carreira profissional em 1985 e dois anos depois foi campeão brasileiro. Zagueiro técnico e de ótima colocação, Aldair foi vendido ao Benfica e depois à Roma, onde ficou por 13 anos e teve a camisa aposentada. Esteve em três Copas do Mundo. No tetra, em 1994, foi titular absoluto.

DJALMINHA
Chegou ao time de cima em 1989. Extremamente habilidoso, teve alguns reveses na carreira por causa do temperamento explosivo. Brilhou no Palmeiras e no La Coruña. Na seleção, foi titular na conquista da Copa América de 1997. Cotado para integrar a delegação da Copa de 2002, acabou preterido.

ZINHO
Começou a aparecer no time principal em 1986. É um dos jogadores mais vitoriosos do futebol brasileiro. Pelo Fla, conquistou os Brasileiros de 1987 e 1992. Repetiu a dose no Palmeiras (1993 e 1994) e no Cruzeiro (2003). Foi titular na campanha do tetra em 1994. Hoje é diretor de futebol do rubro-negro.

MARCELINHO CARIOCA
Com 16 anos, conseguiu suportar a pressão e fazer bons jogos entre os profissionais. Foi campeão brasileiro em 1992. No ano seguinte foi negociado com o Corinthians, onde conquistou o bicampeonato brasileiro em 1998 e 1999. É considerado um dos maiores ídolos da história do Timão.

JÚLIO CÉSAR
Subiu em 1997 e tornou-se dono da camisa 1 em 2001. Foi titular da seleção na conquista da Copa América de 2004. Na Copa de 2006 foi terceiro goleiro e, na seguinte, titular. Se o título não veio com a seleção em 2010, na Inter de Milão ele conquistou o Italiano, a Copa da Itália e a Liga dos Campeões.

a Holanda, nas quartas de final da Copa de 1994, nos EUA. Parecia predestinado a seguir os passos do ex-craque rubro-negro. Para isso, teve de saber driblar as inevitáveis comparações: “Sempre teve, mas procuro superar. Ele fez a história dele, eu estou aqui para construir a minha”. Dos 10 aos 12 anos, jogou futsal até ser levado para o campo. Canhoto, com boa visão de jogo e 1,85 metro, foi vencendo etapas. Assim como Adryan, passou por todas as seleções de base. Brilhou no Estadual de juniores deste ano, antes de ser promovido. “No junior, o jogo é mais corrido. No profissional, é mais inteligente. Acho que estou bem adaptado”, diz.

Bebeto é um pai presente na carreira de Mattheus. Assiste a todos os jogos. Depois, tem a resenha. “A gente senta e conversa, ele me diz onde errei”, conta. A mãe, Denise, ex-jogadora de vôlei do Flamengo, também o acompanha de perto. É ela quem cuida, por exemplo, da vida financeira do menino, que também tem segundo grau completo e boa condição social. “Apesar disso, o mesmo sacrifício que meu pai fez eu também faço. Para mim também é difícil, até hoje. Houve alguns momentos de desânimo, mas nunca pensei em desistir”, lembra. Como ainda não tem carro, vai para os treinos de carona com Léo Moura, jogador mais antigo do elenco e um exemplo que procura seguir. “O Léo é um cara fora de série, dá moral, orienta”, conta.

Há dois anos, as divisões de base do Flamengo passaram por uma espécie de repaginação. A metodologia das diversas categorias foi unificada e as reuniões entre o diretor executivo Noval, o coordenador Toninho Barroso e os técnicos, intensificadas. O treinador do futsal passou a trabalhar com o pré-mirim no campo, uma maneira de facilitar a transição dos meninos da quadra para os gramados. É claro que nem sempre, ou melhor, quase nunca é possível evitar uma promoção prematura. Em 1986, Zinho disputou o Estadual — e foi campeão — ainda como amador. Voltou à base para disputar a Taça BH e, quando o lateral Adalberto quebrou a perna e Leonardo subiu, aí sim foi profissionalizado.

... e que implodiram

ERICK FLORES
Meia que chamava atenção na base pela habilidade, teve oportunidades com Caio Junior e Cuca em 2008 e 2009. As primeiras aparições no profissional corresponderam às expectativas. A partir de 2010, no entanto, foi saindo de cena. Foi emprestado ao Ceará, Náutico, Boavista, Duque de Caxias e Itumbiara.

NÉLIO
Loirinho habilidoso, não faltaram comparações com Zico quando estava nas categorias de base. Chegou a ter oportunidades no profissional em 2001, com 17 anos, e em 2002. Foi para o Atlético-PR em 2004. Depois disso, virou um nômade do futebol, jogando do Nordeste ao Sul do país. Está no Audax Rio.

BRUNO MEZENGA
Atacante que se destacava nas categorias de base, fez as primeiras partidas no time de cima aos 16 anos. Não chegou a se firmar e sua carreira ficou marcada por sucessivos empréstimos. No Brasil, jogou no Fortaleza e no Macaé. No exterior, passou pelo futebol da Austrália, Turquia, Polônia e Sérvia.

HÉLDER
Pelo Brasileiro de 2006, o zagueiro entrou no segundo tempo e marcou dois gols no 4 x 1 sobre o S. Caetano. No ano seguinte, foi campeão carioca. Mas em 2008, não teve o contrato renovado e foi para o Boavista-RJ. Depois, para o Atlético de Tubarão-SC e Tombense-MG. Encerrou a carreira aos 24 anos.

FABIO NORONHA
Ele conseguiu a proeza de disputar dois Mundiais sub-20, em 1993 e 1995. No time principal, ficou na reserva de Zé Carlos e Roger. Depois, perdeu espaço com a ascensão de Júlio Cesar. Foi para o Fluminense e começou a ter uma vida itinerante. Em 2011, defendeu o América de Teófilo Otoni (MG).

MAGNO MOCELIN
Ao ascender, em 1993, o atacante fez os gols que o garantiram no ano seguinte. Em 1995, com Romário, Edmundo e Sávio, perdeu espaço. Ficou um ano no Grêmio. Depois, jogou na Holanda (Groningen e De Graafschap), Chipre (Omonia e AEK Lamarca) e sete temporadas no Alavés-ESP.

Os primeiros meses de 1987 foram complicados. Antônio Lopes havia barrado Edinho e Leandro, Zico se recuperava de contusão e o treinador acabou perdendo o emprego. A jogada de mestre do sucessor Carlinhos foi justamente completar um elenco recheado de ótimos jogadores com a turma com quem havia trabalhado na base. Zinho aproveitou a chance, e é o que procura passar para Adryan e Mattheus: “Peço para eles compreenderem o momento e aproveitarem. O lucro é viver a pressão sem se deixar pressionar, assimilar o elogio mas tomar cuidado com o tapinha nas costas e as colocações descabidas”, adverte.

Ao assumir o Flamengo, na 12ª rodada do Brasileiro, Dorival Júnior avisou que não quer responsabilidade excessiva sobre os garotos, o que não significa que não vão jogar. Lembrou que no Atlético-MG passara pela mesma necessidade. Lançou Bernard, Felipe Santos e Renan. “Garoto é só complemento, os mais vividos é que têm de chamar a responsabilidade.” Logo de cara, segurou Negueba, que, em baixa, estava prestes a ir para o futebol português. Thomás foi titular no segundo jogo, contra o Figueirense. Adryan entrou no segundo tempo e cobrou o escanteio que originou o primeiro gol da vitória por 2 x 0. Mattheus sequer viajou. “Aí fui nele e disse que, em vez de achar que perdeu a vez, tinha que treinar em dobro porque a oportunidade ia aparecer”, conta Zinho.

Para o ídolo Júnior, se a equipe se acertar logo, Adryan e Mattheus terão um caminho menos espinhoso, inclusive porque estão longe de serem considerados jogadores prontos: “Sou de 1954, subi com 20 anos, com o Dequinha, Júlio César [Uri Geller] e Adílio. Eu já estava formado. Hoje, essa molecada sobe com 16, 17, sequer amadureceram para a vida”, observa. Ainda assim, as duas promessas se consideram prontas para o que vem pela frente. “Eu estou aqui para dividir responsabilidade com os caras mais velhos, cada um tem a sua”, afirma Adryan. “Sonhei com esse momento desde menino, sempre sabendo que ia ter pressão. Trabalhar é a melhor maneira de esquecê-la”, diz Mattheus.

SHEIK ESTÁ COM A MACACA

ELE USOU DOCUMENTOS FALSOS, ESCONDEU SEU FUTEBOL NO ORIENTE POR UMA DÉCADA E DECIDIU PAGAR UMA FORTUNA PARA VOLTAR AO BRASIL COMO VETERANO. PARECE QUE **EMERSON SHEIK** ESCREVE CERTO POR LINHAS TORTAS

POR ***FELIPE ZYLBERSZTAJN***
DESIGN ***CAROL NUNES***
FOTO ***RENATO PIZZUTTO***

Sheik comemora o título da Libertadores: ele fez dois gols

Emerson Sheik está testando uma casa num condomínio de luxo em Barueri, São Paulo. O trato é o seguinte: ele se mudou para lá faz duas semanas e terá dois meses para decidir se vai querer comprá-la ou não. A casa tem mais de 1300 metros quadrados, piscina com vista para uma área de mata atlântica e, agora, um Porsche e um Cadillac na garagem. Enquanto dois sujeitos instalam a nova chopeira na churrasqueira, Dinho, primo e assistente de Emerson, lhe entrega o talão de cheques. "Eu só assino cheque, não é possível, cara", brinca Sheik, antes de contar que já fez sua escolha. Ele, Dinho, duas empregadas e Cuta, sua macaca de estimação, não devem sair dali tão cedo. E isso pode revelar um pouco de suas intenções.

Em um ano e três meses de Corinthians, o atacante carioca ainda não tinha se preocupado em comprar um imóvel em São Paulo. Mas isso foi antes da final da Libertadores. Aquela noite no Pacaembu mudaria muita coisa. Os dois gols do camisa 11 contra o Boca Juniors apagaram dezenas de verbetes do anedotário futebolístico e libertaram os corintianos de um estigma sofrido. A glória veio pelas chuteiras de Sheik, que agora podem ser visitadas no Memorial do clube. Ele entrou para a história – e sabe disso. "Tenho mais quatro anos de carreira e seria um enorme prazer ficar no Corinthians", ele diz no quintal de sua nova casa, com a macaca Cuta no ombro. "Mas no futebol a gente está sempre tendo surpresas." Por causa da bola, Emerson já mudou de nome e de idade, deixou de morar numa laje, ganhou uma mansão em Dubai, defendeu duas seleções nacionais, deu peteleco em orelha de príncipe e voltou ao Brasil numa jogada de risco. Desconhecido no país, ele gastou do próprio bolso para jogar aqui aos 30 anos. Ganhou os últimos três Brasileiros, além da Libertadores. Aos 34 anos, Emerson está com a macaca.

MIUDINHO FOLGADO

"Não tenho dúvidas de que, se ele tivesse feito a carreira no Brasil, teria ido a uma Copa do Mundo. Ele tem uma gana de gol impressionante, muita velocidade e sabe bater na bola", diz o ex-meia Pita, que foi técnico de Emerson nas categorias de base do São Paulo. O garoto chegou ao clube em 1996, por meio de Claudio Guadagno, lateral-direito do time e que hoje é empresário de futebol. "Nossas famílias são do mesmo bairro de Nova Iguaçu, e ele sempre se destacou por lá", conta Guadagno.

©1 FOTO RENATO PIZZUTTO ©2 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

"Era miudinho, mas folgado. Ia para dentro dos grandões. Os caras diziam que iam quebrá-lo, mas ele voltava." Claudio conseguiu um teste no São Paulo. Na época, Emerson se chamava Márcio e tinha passado a infância sem endereço fixo num bairro pobre de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Aos 17 anos, trabalhava como ajudante de pedreiro. Antes de partir para São Paulo, um conhecido da família conseguiu uma certidão de nascimento falsa. Ela diminuía a idade em pouco mais de 2 anos, além de mudar o nome para Emerson. Poderia ajudar. E ajudou.

Aos 17 anos, ele foi aprovado na categoria infantil, como se tivesse 14. "A gente desconfiava [que ele era gato] por causa da sua velocidade. Mas o São Paulo procurou e não encontrou nada. Acho que [a alteração dos documentos] foi uma porta boa. Ele era um garoto muito pobre, e foi a forma que encontrou para entrar no futebol", diz Pita, que o subiu de categoria até os profissionais, quando teve a oportunidade como interino, em 1998. A estreia foi num 0 x 0 contra o Flamengo, time de infância de Emerson. "A diretoria era louca para mandá-lo embora, pois dava muito trabalho fora do campo. Mas, depois que você o jogava lá dentro, ele resolvia", conta Pita. Segundo o ex-técnico, eram comuns as vezes que Emerson ia para o Rio no fim de semana e só voltava na quinta-feira seguinte, sem maiores explicações.

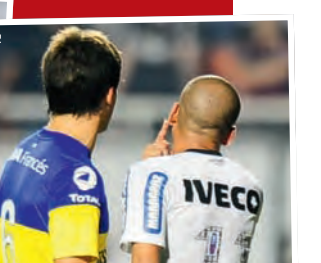
Logo vieram as seleções de base. Em 1999, participou do Sul-Americano sub-20 na Argentina, numa equipe com Julio César e Ronaldinho Gaúcho. O futuro era promissor, mas encontrar espaço no São Paulo, com Dodô e França voando baixo, era difícil. Além disso, Emerson viu de perto a confusão em que Sandro Hiroshi se meteu por causa de documentos falsificados. Quando uma oportunidade na segunda divisão japonesa apareceu, ele fez sua escolha. "Eu tinha aquele fantasma de infância, de não ter onde morar. Com 120 000 dólares por ano, eu poderia comprar ➔

SHEIK X CARUZZO

EMERSON NARRA DISPUTA NA FINAL DA LIBERTADORES COM MATÍAS CARUZZO

"QUANDO FOMOS JOGAR NA ARGENTINA, OS CARAS METERAM A PORRADA, CUSPIRAM E NADA ACONTECEU. EU FIQUEI MEIO... É PELADA? CADÊ A REGRA? Então aqui, era concentração total para não cairmos na provocação e terminarmos o jogo com 11 no Pacaembu. Isso foi repetido a semana toda – principalmente para mim, que, porra, sou foda. Entro ali e a chapa é quente.

Fui para jogar forte, mas com lealdade, como sempre faço. Aí ele começou a cuspir, passou a mão na minha bunda duas ou três vezes. Vou fazer o quê? Dar um soco? De repente, num jogo normal, sim. Mas ali não. A única maneira que vi de retribuir era provocando também. Pensei: 'PÔ, SOU LÁ DE NOVA IGUAÇU, DA FAVELA. NÃO SOU OTÁRIO, SOU MALANDRO'. E assim foi.

O cara perdeu a linha, o foco. No segundo gol, isso fica claro pelo posicionamento dele, que não me acompanhou [na arrancada para o gol]. Depois eu dizia: 'BATE AQUI NO MEU ROSTO, VOCÊ NÃO TEM CORAGEM, É FROUXO'. Eu chamava o cara de boludo, de maricón, falava 'dos a cero' [2 x 0] e ele ficava maluco! Caímos no chão e, para não me dar um soco, ele pressionou o meu rosto com a mão. Só que ela foi escorregando por causa do suor e o dedo dele parou na minha boca. Que azar que ele teve..."

A VIDA DE EMERSON SHEIK

AS IDAS E VINDAS DO CORINTIANO PELO FUTEBOL MUNDIAL E SUA VOLTA TRIUNFANTE

1978
Em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, nasce Márcio Passos de Albuquerque

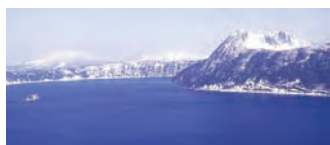
1981
Para o futebol, "nasce" Marcio Emerson Passos

Durante a infância pobre, o menino se destacava nas peladas no bairro de Jardim Iguaçu

1996
Mirrado para seus 17 anos, entrou no infantil do São Paulo como se tivesse 14

©2

1998
No fim de setembro, estreia como profissional no Morumbi

2000
Vai para o Consadole Sapporo, na congelante ilha de Hokkaido, Japão

©1

Logo após ter feito os gols na final da Libertadores, Emerson pediu para que não o chamassem de herói. "Não seria justo com o time"

uma casa." A decisão de se "esconder" na Segundona japonesa, apesar de estar nas seleções de base e no São Paulo, poderia significar uma carreira longe das grandes glórias, mas ele não teve dúvidas.

AMIGO DO REI

O garoto de Nova Iguaçu foi parar na ilha de Hokkaido, extremo norte do Japão, terra do Consadole Sapporo. "Peguei 26 graus negativos. Era neve o ano inteiro. Fiz 33 gols em 30 jogos, fui campeão, artilheiro e melhor jogador da segunda divisão japonesa em 2000." No ano seguinte, jogou no Kawasaki Frontale, ainda na segunda divisão. Foram 19 gols em 18 jogos. E, em 2002, enquanto o ex-colega de seleção Ronaldinho Gaúcho ia para o Japão disputar a Copa do Mundo, Emerson ia para o Urawa Reds para jogar na primeira divisão do país. "A média era de 75 000 pessoas por jogo. Fiz história no clube. Eu tinha muita moral, mas não sossego." Ele ficou quatro anos no time e diz que, para sair de casa sem ser reconhecido, usava uma peruca. Mas o passado também cobrava seu preço. "Um empresário estava me chantageando por causa dos documentos falsos. Ele deve ter embolsado uns 2,5 milhões de dólares comigo no Japão", diz Emerson. Ele conta que continuaria pagando o sujeito, não fosse um membro da família real do Catar ser fã de futebol.

Em 2005, o xeque Jassim bin Hamad bin Khalifa Al Thani, um dos 24 filhos do rei, viu um jogo de Emerson na televisão. Ele comprou os direitos econômicos do brasileiro e o colocou para jogar no Al-Sadd. Os dois logo se aproximaram. "Eu fazia as brincadeiras de brasileiro, de dar peteleco na orelha, empurrar, essas coisas." Era um comportamento impensável para qualquer "mortal", mas por algum motivo agradou o filho do rei. Além de um contrato milionário, o atacante ganhava carros

2002
Disputa a primeira divisão japonesa pelo Urawa Reds, clube em que vira ídolo. Chegou a usar peruca para fugir do assédio

2005
O príncipe do Catar, xeque Jassim, fica encantado com seu futebol e Emerson vai jogar no Al-Sadd-CAT

©1 FOTO RENATO PIZZUTTO ©2 FOTO REPRODUÇÃO DE VÍDEO

2009
Fecha contrato milionário com o Al Ain, dos Emirados Árabes, e muda-se para uma mansão em Dubai

2009
Paga a multa de 5,8 milhões de dólares e vai jogar no Flamengo. É campeão carioca e brasileiro de 2009

©4

2010
No Fluminense, é bicampeão brasileiro, marcando o gol do título contra o Guarani

©5

2011
Depois de confusão no Fluminense, transfere-se para o Corinthians. Torna-se tricampeão brasileiro

2012
Vira o herói do título inédito da Libertadores ao marcar os dois gols sobre o Boca no Pacaembu

©6

2008
A pedido do xeque, Emerson vira cidadão catariano e joga uma partida pela seleção

©3

2007
Volta a jogar no Catar depois de ficar nove meses no Rennes-FRA

2006
Em janeiro, é detido no aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro, com passaporte falso, ao tentar embarcar para o Catar

e relógios Rolex a cada boa partida. “Então o chantageador me pediu 50% do contrato.” Emerson conta que decidiu dar um fim naquilo, mesmo que a verdade viesse à tona. E rompeu o trato.

Em janeiro de 2006, ao tentar embarcar para o Catar, Emerson foi detido no aeroporto Tom Jobim, no Rio de Janeiro, e acusado de falsidade ideológica. Enquanto o caso corria na Justiça, ele voltou para o Al-Sadd e, a pedido do xeque, virou cidadão catariano. Mas, antes que pudesse vestir a camisa da seleção nacional, decidiu que iria tentar a sorte no Rennes, da França. O acordo com o xeque era que ele poderia voltar ao Catar quando quisesse. Emerson ficou nove meses na França. “Liguei numa sexta-feira para o xeque Jassim e ele mandou me buscarem lá na segunda seguinte.”

Em 2008, Emerson disputou uma partida das Eliminatórias para a Copa de 2010 pelo Catar contra o Iraque. No mês seguinte, o Iraque entrou com um recurso na Fifa por causa das partidas pela seleção brasileira de base. “Ao contrário de casos similares, decidiram que eu não poderia mais jogar pelo Catar. Mas ainda posso jogar pelo Brasil, sem problemas.” Aquela não foi uma época boa para Emerson. No Brasil, uma sentença o condenava a uma multa de 70 000 reais, além de serviços comunitários durante um ano e meio (hoje ele colabora com uma ONG numa favela encostada ao seu condomínio, em Barueri) por usar documentos falsos. No Catar, ele discutiu com o presidente do Al-Sadd, que o afastou do time. “Fiquei quatro meses parado e decidi pagar minha multa de 5,8 milhões de dólares do próprio bolso. Na verdade, fiz um investimento em mim mesmo. Queria voltar ao Brasil, fazer um campeonato bom e depois dar outra porrada [um bom contrato] fora do país.”

O RETORNO

“Talvez, se ele tivesse ido para a Europa, não tivesse uma carreira tão bonita. Acho que nem esperava o que estava reservado para ele”, diz Claudio Guadagno. Aos 30 anos de idade, Emerson voltava para jogar no seu time de coração, o Flamengo. “Ninguém me conhecia, ninguém me queria. Eu não iria ganhar um grande salário, mas sabia que o Flamengo seria uma ótima vitrine, e decidi arriscar.” Emerson fechou por quatro meses, por cerca de 90 000 reais mensais, em março de 2009. ➔

©3 FOTO AFP PHOTO ©4 FOTO VIPCOMM ©5 FOTO FOTONAUTA ©6 FOTO ALEXANDRE BATTIBUGLI

Ganhou o Campeonato Carioca, o apelido de Sheik (seria xeque, em português) e foi um dos destaques da campanha do título brasileiro, com sete gols. Em agosto, cumprindo seu plano de carreira, transferiu-se para o Al Ain, dos Emirados Árabes, onde desfrutaria de uma mansão em Dubai, com praia particular e um contrato generoso. "Eu já tinha mostrado meu trabalho no Brasil e fui recuperar o que eu havia gastado para jogar aqui. Fiquei um ano no Al Ain, botei o dinheiro no banco e decidi voltar outra vez."

Em junho de 2010, ele desembarcava no Fluminense. Nos oito primeiros jogos, marcou sete gols. "Marquei o gol do título [contra o Guarani] e aí teve aquele problema com o presidente na Argentina." Por "aquele problema", Emerson se refere ao episódio de ter cantado o funk Bonde do Mengão Sem Freio no ônibus do Fluminense antes de um jogo contra o Argentino Juniors e ter sido afastado por causa disso. Ele se diz perseguido pelo presidente Peter Siemsen (Sheik foi contratado na gestão de Roberto Horcades).

"O que aconteceu comigo foi um dia ter assumido que era flamenguista. Siemsen é tricolor fanático. Ele quis um motivo para me tirar do clube, e achou", diz Emerson, que admite ter cantado funks de outros times cariocas, o que sempre teria sido levado na brincadeira entre os jogadores. Depois da dispensa, o elenco do time teria ido ao seu quarto de hotel para prestar solidariedade – menos o atacante Fred e o goleiro Ricardo Berna. "Acho que o Fred, como líder e capitão, poderia ter feito alguma coisa a respeito." Os dois trocaram farpas pela imprensa (Sheik nega os boatos de que as desavenças começaram por causa de disputas amorosas).

O fato é que Emerson teve de pegar um táxi para o aeroporto sozinho. "Eu saí pela cozinha do hotel. Tinha uma mulher fritando um bife. Porra, eu tinha acabado de fazer um gol histórico [o do título brasileiro]!"

Identificado com a torcida corintiana, Emerson já vislumbra uma aposentadoria paulistana. "Mas no futebol a gente nunca sabe."

Por coincidência, Emerson e Siemsen têm filhos na mesma escola. Na festa de Dia dos Pais deste ano, os dois se sentaram lado a lado.

MALOQUEIRO LIBERTADOR

Cerca de um mês após a dispensa no Flu, Sheik era apresentado no Corinthians para disputar posição com Jorge Henrique e Willian. Mais uma vez ao fim do ano, ele fazia parte de uma campanha vitoriosa no Campeonato Brasileiro. Era seu terceiro título consecutivo, por três equipes diferentes. E mais uma vez meteu-se em polêmicas – foi acusado de comprar um carro contrabandeado, "uma furada", como ele define. "Logo depois do título, veio uma proposta de Dubai, mas recusei para ficar perto dos filhos [tem três], pois eu tinha acabado de me separar." Em 2012, melhor fisicamente, garantiu espaço no time. "No 4-2-3-1, ele pode jogar em qualquer posição na linha de 3 meias, com preferência pelo lado esquerdo [como contra o Santos] e também como homem mais avançado, livre [como contra o Boca Juniors]", diz o técnico Tite, lembrando-se das ótimas atuações na reta final da Libertadores.

> "Ao encontrar adversidades em campo, ele não se acovarda, não se intimida nem se desconcentra.
> **Tite**, técnico do Corinthians

Emerson fez um golaço contra o Santos na Vila Belmiro e acabou com o Boca Juniors no Pacaembu – desconcertando o zagueiro Matias Caruzzo com sua malandragem (veja na página 57). "O Emerson enfrentou muita adversidade na vida e se encoraja quando encontra adversidade num jogo de futebol. Ele não se acovarda, não se intimida nem revida provocações ou se desconcentra", afirma Tite. "Acho que pelo lance de ter morado na periferia, o torcedor me vê como um deles dentro de campo, sabe?", é o que Emerson pondera no quintal de sua nova casa, com sua macaca no ombro. Ele olha para Cuta e explica, com um sorriso: "Todo mundo tem cachorro, peixe, gato. Escolhi uma macaca".

HORA DE DISCUTIR A RELAÇÃO

A **PRATA** NÃO ERA O SONHO OLÍMPICO DA GERAÇÃO DE NEYMAR. MAS A DERROTA EM LONDRESPODE SERVIR DE LIÇÃO PARA 2014

POR MARCOS SERGIO SILVA
DESIGN ROGÉRIO ANDRADE
FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

A medalha de prata em Londres pode ser vista sob dois prismas. É o melhor resultado do futebol brasileiro em Olimpíadas – a campanha, com cinco vitórias em seis jogos, supera as de 1984 e 1988 –, mas também a mais decepcionante delas. Não revelamos ninguém. Não enfrentamos pedreiras. Neymar não desencantou. Ganso apequenou-se. Nossa defesa (à exceção de Thiago Silva) foi uma lástima. Um dos três jogadores acima de 23 anos foi convocado para ficar no banco. Só notícias ruins? Não. A prata nos deixa com os pés no chão para a Copa de 2014. Thiago Silva confirmou-se como a maior liderança da seleção. Oscar mostrou-se um jogador digno de estar pelo menos no grupo que jogará o Mundial. Marcelo é o homem da lateral esquerda, mas é preciso montar um esquema defensivo para cobrir seus avanços. E se a falha em um processo de renovação é previsível, que acontecesse agora. É tempo de corrigi-las para o que mais importa. Qual a receita? PLACAR tenta apresentá-la nas próximas páginas.

OS COMANDANTES

Marin

O cartola encontrou na Inglaterra um ambiente em combustão. Andrés Sanchez não é o diretor de seleções de seus sonhos, mas tentava mostrar seu poder. Contra a Bielo-Rússia, interrompeu a coletiva de imprensa para repassar os "parabéns" do ex-presidente Lula. É a proximidade com o petista que Andrés usa como trunfo no cargo. Se Lula é o álibi de Sanchez, Ricardo Teixeira é o de Rodrigo Paiva. O ex-presidente da CBF continua a telefonar para o assessor de imprensa. Sanchez e Paiva não se entendem – discutiram rispidamente em Newcastle. Fora do eixo político, Marin cobrou resultados de Mano, mas foi ameno depois da derrota. A CBF trama só chamar Felipão quando o contrato com o Palmeiras chegar ao fim, evitando desgastes como a recusa de Muricy em 2010.

Com Marin, Mano balança no cargo, mas ganhou sobrevida pelo menos até os próximos três amistosos. Oscar (ao lado) foi o acerto da Olimpíada

Mano Menezes

O técnico já estava na corda bamba antes de a Olimpíada começar. Um ouro talvez salvasse o cargo. Convocou três jogadores acima de 23 anos. Thiago Silva era unanimidade. Marcelo convenceu no ataque, ainda que arrepiasse na defesa. Mas e Hulk? A presença do atacante era uma arma tática do treinador, que colocou o time para jogar com uma linha de três na frente até as quartas. Diante da pouca movimentação, recuou na semifinal e deixou o atacante do Porto no banco, o que repetiria na final. "A questão é tática. Precisava de um jogador com outra característica", disse. Nos bastidores, tentou, como Felipão em 2002, formar um grupo coeso – não poupou nem mesmo o capitão Thiago Silva, que exigiu mais atenção de Marcelo no jogo de estreia, contra o Egito – e utilizou todos os jogadores que levou, de gol e de linha. Mudou o semblante quase arrogante da semifinal pelo olhar baixo depois da derrota para o México. Chegou à sala de conferências de Wembley abatido, uma hora depois da premiação. Sem nem ser perguntado, excluiu Ganso da convocação para o amistoso contra a Suécia. Seu futuro parece relegado aos próximos três jogos da seleção.

O CAMISA 10

Oscar

Havia uma dúvida sobre quem seria o camisa 10 da seleção olímpica: Oscar ou Ganso? Depois da estreia, ela não existiu mais. A camisa amarela serviu bem ao meia do Chelsea, que chamou o jogo para si contra o Egito e abriu o caminho para os dois primeiros gols. "São cinco jogos como titular em que atuo bem. Nesse dei passes. Contra a Argentina, fiz gols", disse. Nos jogos seguintes, entrosou-se com Neymar e melhorou a produção do ataque ao mudar constantemente de lado – da direita para a esquerda, e vice-versa. Sucumbiu com o resto do time na final (vai para sua conta o gol de cabeça perdido no último minuto), mas nada que abale a boa performance. Oscar é nome certo ao menos para brigar pela camisa 10 em 2014.

©1 FOTO MOWA PRESS

A dupla sensação de 2010 em momentos opostos. Ganso saiu por baixo dos Jogos. Neymar adaptou o jogo à marcação, mas sumiu na final

O FIASCO

Ganso

"O Ganso não viaja para a Suécia." O anúncio de Mano Menezes, logo depois da derrota para o México, pegou de surpresa mais por ninguém ter perguntado sobre o destino do meia santista. Mas já era claro que seu futuro era nebuloso. Mesmo sem estar no auge da forma física, Ganso pareceu em um mundo diferente do grupo olímpico. Quando soube ter perdido a camisa 10 para Oscar, deixou a indignação evidente. Nas oportunidades que teve, contra Egito e Bielo-Rússia, deu passes para o lado e mostrou pouca vontade. Lesionado, não jogou contra a Nova Zelândia, quando Mano estudava escalá-lo. Depois de ter a dispensa sondada, recuperou-se a tempo de treinar para as partidas seguintes. Mas passava mais tempo no banco, conversando com a comissão técnica, que em campo. Avisado pelos jornalistas da desconvocação, respondeu, espantado: "É?" Não jogou contra a Suécia e dificilmente participará das próximas partidas.

A ESTRELA

Neymar

O craque chegou pressionado à Inglaterra. E saiu pressionado. Ele havia jogado mal os amistosos da seleção e a Libertadores pelo Santos. Na seleção olímpica, depois de uma estreia discreta, acertou seu jogo. Criticado por Thiago Silva, por preferir as jogadas individuais às coletivas, aos poucos mudou o estilo. "O time passou a se aproximar mais, a tocar a bola mais rápido e a inverter o lado do campo. Isso foi fundamental", disse. "Neymar precisou fazer diferente", analisou Mano. "Toda vez que ele partia para o drible, diminuía em 30%, 40% a oportunidade do passe. Achar o equilíbrio disso irá torná-lo melhor do que é." A maior prova de fogo foi a partida contra Honduras, em Manchester, quando enfrentou uma plateia hostil, que o vaiava a cada toque de bola. O santista não se abalou. "A torcida não entra em campo", afirmou. Mas todo esse processo foi abaixo na final contra o México. Os mexicanos sabiam como marcá-lo ou o atacante não conhecia a fórmula de jogar contra um time adepto de uma intensa troca de passes? Neymar tem dois anos para achar a resposta.

OS ATACANTES

Hulk, Pato e Leandro Damião

Dúvidas quanto a Neymar? Nenhuma. E quanto aos outros três atacantes? Todos tiveram trajetórias que devem pesar em seu futuro com a seleção. Hulk começou como titular, mas frequentou a reserva em três dos sete jogos. Contra a Nova Zelândia, Mano Menezes adotou o discurso de "preservar" os titulares, mas ficou evidente, a partir da semifinal, que o plano era mesmo utilizar Alex Sandro (suspenso contra Honduras) e liberar Marcelo, a melhor opção de ataque da seleção. "Estávamos com três jogadores muito fixos no ataque. Queríamos ter uma versatilidade maior", disse o técnico, depois da partida contra a Coreia do Sul. Com Pato, o treinador adotou estratégia parecida à de Felipão com Ronaldo na Copa de 2002: trouxe-o sem estar no auge da forma física, em pleno processo de recuperação. Entrou em todas as partidas, mas jogou apenas uma como titular – contra a Bielo-Rússia. Para Mano, o titular era Leandro Damião, que não estava na melhor das fases, mas readquiriu a confiança durante a Olimpíada – terminou como artilheiro do torneio, com seis gols. "Quando discutimos a convocação de Pato, que estava inativo, falei que era preciso que ele recuperasse a condição física porque o Leandro Damião estava à frente dele", disse Mano. Mas era preciso dar confiança ao colorado, que só foi sacado no segundo jogo depois de ter feito um dos gols contra o Egito. "Centroavante, se não faz gols, sai infeliz. Precisamos dos gols dele e também dos do Pato." As respostas? Só as lesões tiram Pato da seleção. Leandro Damião parece ter assegurado um lugar entre os atacantes. E Hulk está cada vez mais fora dos planos da CBF.

Três atacantes, três histórias: Pato foi a aposta; Hulk, a frustração; Damião, o artilheiro. Na defesa, Thiago foi Thiago. E pronto

O MONSTRO DA ZAGA

Thiago Silva

Pobre Thiago Silva. Segurou as broncas dentro e fora do campo. É provável que tenham sido ainda maiores no gramado – afinal, o colega de zaga Juan não passava nenhuma confiança. E lá ia Thiago resolver. Fora, atacou os laterais na estreia, quando a (falta de) cobertura permitiu os dois gols egípcios. Foi repreendido por Mano depois de mencionar que Neymar partia demais para o drible. Nas duas situações, teve os pedidos atendidos, mas falou menos desde então – até na final. "Faltam dois anos para o Mundial. Com uma derrota é mais difícil de trabalhar. Mas é vida que segue."

LONDRES X RIO

O QUE OS JOGOS DE 2016 PODEM APRENDER COM OS DE 2012 – PARA O BEM E PARA O MAL

POR MARCOS SERGIO SILVA

TRANSPORTE

Esperava-se o caos em Londres, mas o que se viu foi uma cidade com grande fluxo de pessoas apenas no Parque Olímpico. Tudo funcionou bem — do metrô ao trem expresso. E ainda havia a "faixa olímpica", oferecendo trânsito livre aos carros identificados. E no Rio? São quatro anos para que a ligação entre o centro e a Barra da Tijuca seja menos caótica. Nos planos, a ampliação do metrô e a criação de linhas rápidas de ônibus. É pouco? Parece.

ORIENTAÇÃO

Os voluntários ficaram espalhados pela cidade. Todos muito prestativos, mas nem sempre informados. Na arena de vôlei de praia, a voluntária não sabia dizer onde era a tribuna de imprensa, localizada justamente ao lado de onde estava. Óbvio que todos falavam inglês, mas havia também gente com fluência em espanhol, português, italiano, japonês... Para o Rio, é importante ir além do conhecimento da língua – é preciso saber o que está acontecendo.

JOGOS FORA DA CIDADE

Na Inglaterra, a ligação entre as cidades, se rápida, era cara; se barata, era lenta. Se os horários de jogo coincidiam com os de pico, a tarifa de trem era de 300 libras (1000 reais). Nem sempre era possível pegar o de volta se o jogo terminasse além das 20h. Os percursos no Brasil são maiores (devem receber jogos São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Brasília), mas a espera e as tarifas devem ser menores. A dúvida: como os aeroportos vão se comportar?

INGRESSOS

Quem mora na Inglaterra sofreu antes para conseguir assistir à Olimpíada. Espera na internet, compras não concluídas, ingressos esgotados. Mas aí a Olimpíada começou e... apareceram centenas de lugares vazios nas arenas de vôlei (de quadra e de praia), de handebol, de hóquei e de futebol (feminino e masculino). A organização primeiro culpou patrocinadores e a "família olímpica" (dirigentes e convidados). Depois, reabriu as bilheterias. Um alerta para 2016.

ARENAS

Não havia nada de suntuoso como o Ninho de Pássaro ou Cubo d'Água, de Pequim 2008. No lugar, arenas mais modestas e tão confortáveis quanto, a maior parte desmontável (na foto acima, a de vôlei de praia). As que não serão já têm planos definidos. A de ciclismo fará parte de um complexo para o esporte. A de basquete deve seguir para o Rio. E o Estádio Olímpico ainda não tem futuro definido, mas está bem próximo de pertencer ao West Ham. Não seria nada mau o Rio imitá-los.

POPULAÇÃO DA CIDADE

Não houve vida fora do Parque Olímpico. Museus vazios, parques e praças centrais também. O londrino seguiu à risca o plano da prefeitura para sair mais cedo de casa. A cidade adotou uma campanha para que trechos entre estações de metrô pudessem ser feitos a pé — em um quadro, eram colocadas as distâncias e as calorias perdidas por trecho. Em troca, o londrino entregou-se aos Jogos. Uma celebração britânica que durou da abertura ao encerramento.

© FOTOS MOWA PRESS

PROFESSORES DIFERENCIADOS

O PREENCHIMENTO DO CARGO DE TÉCNICO SEMPRE GERA EXPECTATIVA. MAS, EM ALGUNS CASOS, O OCUPANTE DA VAGA SURPREENDE PELO INEDITISMO. VEJA ALGUMAS HISTÓRIAS QUE MARCARAM O FUTEBOL PELA INOVAÇÃO OU PELA BIZARRICE

POR ***PAULO JEBAILI E RODOLFO RODRIGUES*** *DESIGN* ***CAROL NUNES***

©1

JOÃO SALDANHA
JORNALISTA

Com passagem como técnico pelo Botafogo, Saldanha assumiu a seleção e classificou o time com folgas para a Copa do México.

Depois do fiasco na Copa do Mundo de 1966, que quebrou a sequência de dois títulos consecutivos, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD, que deu origem à atual CBF) buscava um técnico capaz de aplacar as críticas da imprensa. E a decisão recaiu sobre um jornalista: João Saldanha, que já havia dirigido o Botafogo entre 1957 e 1959 (com um intervalo em 1958, quando o time foi dirigido por Marinho Rodrigues) e conquistado o Estadual no primeiro ano. Na seleção, montou um time com base no Santos, Botafogo e Cruzeiro, que passou com folgas nas Eliminatórias e restabeleceu a confiança da torcida. Tanto que o grupo ficou conhecido como "As feras do Saldanha". Com o Brasil classificado, foi substituído por Zagallo, que seguiu para o México. O fato de ser comunista e dirigir a seleção durante o regime militar alimentou a versão de afastamento por motivos políticos. Saldanha voltou para o jornalismo e exerceu o ofício até 1990, quando morreu durante a cobertura da Copa do Mundo na Itália.

MÁRIO VIANNA
COMENTARISTA E ÁRBITRO

"Gooooool leeeeeegaaaaaaal!" foi um dos bordões que mais ecoaram na história do Maracanã. Vinha do microfone do comentarista Mário Vianna, "com dois enes", como fazia questão de lembrar. Antes de se tornar radialista, Vianna teve projeção como árbitro, tendo apitado nas Copas de 1950 e 1954. Uma passagem menos conhecida, porém, foi a de Vianna como treinador do Palmeiras em 1957 e 1958. O desempenho não chegou a empolgar: 16 jogos, quatro vitórias, quatro empates e oito derrotas.

O ex-árbitro e comentarista de rádio assumiu o Verdão no fim dos anos 50, com uma performance pouco convincente.

©1 FOTO RODOLPHO MACHADO

WASHINGTON RODRIGUES
COMENTARISTA

O Flamengo vivia o trauma da perda do Estadual de 1995, com o famoso gol de barriga do então tricolor Renato Gaúcho. E teria de encarar duas competições simultâneas: o Brasileirão e a Supercopa, que reunia os vencedores da Libertadores. O comentarista esportivo Washington Rodrigues, o Apolinho, recebe uma ligação do então presidente Kléber Leite, convidando-o para um jantar. “Eu estava jantando com o Vanderlei Luxemburgo, que havia saído do clube e sido substituído por Edinho”, diz. Diante da insistência, o radialista foi ao restaurante. “Pensei que iam me pedir uma sugestão de técnico.” E foi pensando em Telê Santana, segundo ele, um nome capaz de amenizar o clima, que andava insustentável após uma excursão marcada por desentendimentos no elenco. Era o tempo do “ataque dos sonhos”, com Romário, Edmundo e Sávio.

Depois de muita conversa, os cartolas apresentaram o nome que achavam que deveria assumir o cargo. “Era o meu”, diz. As condições, conta, eram bastante adversas: havia uma espécie de Fla-Flu interno no clube — alguns jogadores e integrantes da comissão tinham vindo das Laranjeiras — e uma chuva de críticas da imprensa e da torcida. Mas Apolinho resolveu encarar. “Não tenho formação de treinador, mas eu achei que podia ajudar com a minha experiência para gerenciar vaidades e conflitos.” Na prática, isso exigiu algumas medidas, como estipular a divisão dos prêmios entre todos. “Minha maior virtude foi chegar dizendo que eu não era técnico”, explica. “Mas procurei me cercar de profissionais competentes para cuidar da parte física, da parte tática. O Artur Bernardes e o Paulo Cesar Gusmão foram meus auxiliares”, diz. Apolinho conta que mostrava vídeos sobre a história do clube para que os jogadores tivessem a dimensão do que significava vestir a camisa rubro-negra. No total, dirigiu o time em 26 jogos, com 11 vitórias, oito empates e sete derrotas. Campanha que inclui o vice-campeonato da Supercopa, título que ficou com o Independiente, da Argentina.

Perguntado se repetiria a experiência como treinador, Apolinho não hesita: “Pelo Flamengo, sim. Se me chamarem para pegar no gol, aos 75 anos, eu vou”.

PROFISSIONAL 2 EM 1

CASOS EM QUE O PROFESSOR ERA AO MESMO TEMPO ALUNO

É TU, PEIXE

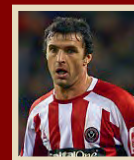
Após o Brasileiro de 2007, o então presidente do Vasco, Eurico Miranda, propôs o acúmulo das funções de jogador e treinador a Romário para a Taça Guanabara. O Peixe já havia passado pela experiência contra o América do México, pela Sul-Americana. Mas, em fevereiro de 2008, o craque pediu exoneração do cargo.

DOBRADINHA

Mauro Ovelha foi treinador e zagueiro do Joaçaba (SC), em 2000. Givanildo quase engrossou a lista. Quando era volante do Sport, foi convidado a também dirigir o time. Aceitou o cargo, mas anunciou a despedida como jogador. Algo semelhante aconteceu no River Plate, com o volante Matías Almeyda, que jogou até 2011. Já como técnico, reconduziu o time à elite.

DOUBLE

No Reino Unido os exemplos são vários. **Gary Speed** jogou e treinou o Sheffield. **Paul Ince** fez o mesmo no Swindon Town. **David Platt,** na Sampdoria e no Nottingham Forest. No Liverpool, **Kenny Dalglish** acumulou funções de 1985 a 1991. No Chelsea, foram **John Tait Robertson** (1905), **Ruud Gullit** (1996) e **Gianluca Vialli** (1998).

NOVIDADE NO BANCO

EFEITO BECKENBAUER

DO GRAMADO PARA A PRANCHETA, SEM ESCALAS

Um dos melhores jogadores de todos os tempos, Franz Beckenbauer estreou como técnico já no comando da seleção alemã em 1984 (na época, ainda Alemanha Ocidental). Na Copa do Mundo de 1986, levou a equipe ao vice-campeonato. Na Eurocopa, dois anos depois, ficou em terceiro lugar e, no Mundial seguinte, em 1990 (com o país reunificado), conquistou o título.
A experiência bem-sucedida de colocar craques diretamente na seleção sem passar por clubes motivou iniciativas parecidas.

JOGADOR TÉCNICO

BERTI VOGTS

Lateral campeão do mundo em 1974, estreou como treinador na seleção alemã sub-21. Em 1986, foi assistente de Beckenbauer e depois o sucedeu no comando da seleção. Ficou no cargo até 1998 e faturou a Eurocopa de 1996.

JOGADOR TÉCNICO

FALCÃO

Após o pífio desempenho na Copa de 1990, a CBF resolveu apostar em Falcão. O desafio era renovar a seleção, mas a pressão por resultados falou mais alto e o ex-jogador durou menos de um ano no cargo.

JOGADOR TÉCNICO

DUNGA

Eliminado na Copa de 2006, o Brasil recorre a um outro ex-volante do Inter. O time vence a Copa América de 2007 e a Copa das Confederações em 2009. Mas no Mundial a seleção para nas quartas. E Dunga também.

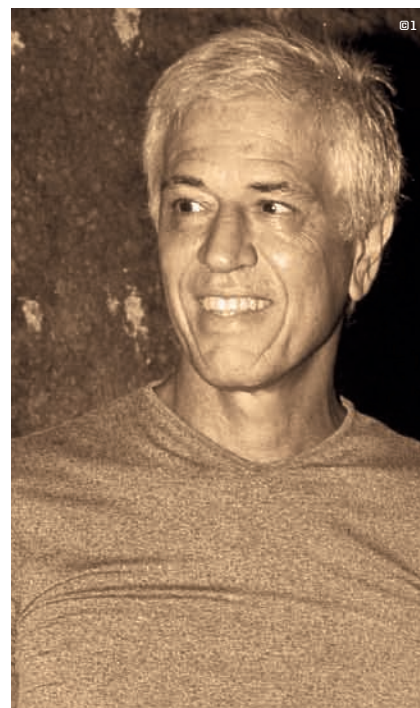
JOGADOR TÉCNICO

JÜRGEN KLINSMANN

Após cair ainda na primeira fase da Euro 2004, a Alemanha recorreu ao ex-atacante. Klinsmann passou por períodos turbulentos até a Copa do Mundo em casa, mas levou a seleção a um convincente terceiro lugar.

JOGADOR TÉCNICO

FRANK RIJKAARD

O ex-volante também debutou na profissão após a Copa de 1998. Na Euro 2000, a Holanda apresentou um bom futebol, mas caiu nas semifinais, na disputa de pênaltis com a Itália. E Rijkaard deixou o cargo.

Ao contrário do sucesso na televisão e no cinema, o papel de Nuno Leal Maia como treinador esteve mais próximo de uma figuração.

NUNO LEAL MAIA
ATOR

Depois do sucesso como o bicheiro Tony Carrado, na novela *Mandala*, da Rede Globo, o ator Nuno Leal Maia assumiu alguns papéis no futebol. Mas, ao contrário da TV e do cinema, não passaram de figuração. Foi supervisor de categorias de base do Bangu em 1988. Em 1996, treinou o Londrina, que não chegou muito longe no Paranaense. Rumou para o Matsubara, que ficou na primeira fase da série C. Ainda teve passagens pelo São Cristovão e pelo Botafogo da Paraíba. A incursão de Nuno pelo futebol não é totalmente aleatória. O ator já jogou bola. E não apenas no papel de Bertazzo, em *Vereda Tropical*, em 1984. Nuno foi juvenil do Santos.

©1 FOTO KADU DI CALAFIORI ©2 FOTO DANIELA TOVIANSKY

©2

JOSÉ DE ASSIS ARAGÃO

ÁRBITRO

Árbitro que ficou famoso pelo gol que fez a favor do Palmeiras no clássico com o Santos, no Paulistão de 1983, José de Assis Aragão se aventurou como técnico no início dos anos 90. Após 25 anos de arbitragem, em que chegou a apitar três finais de Brasileirão e a fazer parte do quadro da Fifa, Aragão decidiu ir para trás das quatro linhas. “Sempre pensei em ser técnico. Quando ainda era árbitro, dirigi alguns times de várzea e treinei até o Rivellino. Depois, fiz o curso de treinador e tive um bom começo na carreira. Mas, infelizmente, não consegui levar adiante”, conta Aragão.

Entre 1991 e 1995, o ex-árbitro, hoje com 71 anos, foi técnico de alguns clubes pequenos de São Paulo, sempre na segunda ou terceira divisão. Nesse período, comandou alguns famosos, como o atacante Dodô (então no Nacional) e o zagueiro Roque Júnior (no São José). Aragão treinou ainda o pai de Neymar, que foi atacante do União Mogi, em 1994. Porém, seu grande orgulho na curta carreira foi a vitória por 3 x 0 sobre o Grêmio na série B do Brasileiro de 1992, quando treinava o São José. Trabalhando atualmente como delegado das partidas pela Federação Paulista, Aragão garante nunca ter perdido a paciência com outros árbitros enquanto era treinador. “Eu tinha a vantagem de conhecer bem a regra, reclamava um pouco, mas sabia respeitar quem estava apitando. Não saía esbravejando à toa, como já chegaram a falar”, afirma.

“Sempre pensei em ser técnico. Quando ainda era árbitro, dirigi alguns times de várzea e treinei até o Rivellino.

LUCIANO DO VALLE

NARRADOR

Em 1987, um grupo de empresários e a TV Bandeirantes organizaram o I Mundialito Seniores ou Copa Pelé, com cinco seleções campeãs mundiais. Para comandar a seleção brasileira, o escolhido foi Luciano do Valle. O famoso narrador esportivo aceitou o convite pela amizade com os organizadores e com o meia Rivellino. “Na verdade, era ele quem comandava o time. Eu só ficava no banco. Não tinha nem o que passar para aqueles craques. Seria até falta de humildade minha dar alguma ordem. Mas, durante os jogos, eu tentava ajudar no posicionamento e nas conversas nos intervalos”, lembra. “Nunca tive a menor pretensão de ser técnico. Fui mesmo para ajudar a promover o evento.” Hoje, porém, o narrador já pensa em voltar à função. “Faço parte do projeto de futebol feminino do Foz Cataratas. Gostaria de um dia dirigir essa equipe e montar um trabalho com o objetivo de assumir a seleção brasileira feminina nos Jogos Olímpicos de 2016. Mas ainda é só um sonho”, diz o locutor, prestes a completar 50 anos de carreira.

“Gostaria de montar um trabalho com o objetivo de assumir a seleção brasileira feminina nos Jogos Olímpicos de 2016.

REVOLUÇÃO

FRANCESA

TURBINADO PELO DINHEIRO DO CATAR, PSG QUER MUDAR DE CLASSE E ASCENDER À CONDIÇÃO DE POTÊNCIA EUROPEIA

***POR** FERNANDO VALEIKA DE BARROS*
***DESIGN** GUSTAVO BACAN*

© FOTO AFP

Entre junho e agosto deste ano, numa fúria gastadora como raramente se viu no futebol, ainda mais em tempos de recessão mundial, os dirigentes do Paris Saint-Germain despejaram 63 milhões de euros para tirar o zagueiro brasileiro Thiago Silva e o atacante sueco Zlatan Ibrahimovic do Milan. Também foram em busca do atacante argentino Ezequiel Lavezzi, ex-Napoli (26 milhões de euros), e do volante italiano Marco Verratti, do Pescara, apelidado de o "novo Pirlo", ao custo de 11 milhões de euros.

No começo de agosto, o dono dessa dinheirama, o xeque Tamin Al-Thani, ligado à família real do Catar, país no Oriente Médio com 1,7 milhão de habitantes, riquíssimo em petróleo, deu outra demonstração de força: venceu a concorrência do Manchester United e da Inter de Milão e comprou o atacante são-paulino Lucas por 40 milhões de euros. "Acho inacreditável que um clube possa dar uma quantia dessas em troca de um único jogador de 19 anos", esbravejou Alex Ferguson, treinador do time inglês. "Essa proposta não tem lógica", disse Massimo Moratti, presidente da Inter.

Não é de hoje que a grana e a audácia de Al-Thani fazem barulho. No ano passado, por influência dele, o Qatar Sport Investiment, ligado a fundos catarianos que usam a renda das exportações de petróleo e gás natural do país, para diversificar os negócios, entrou com tudo no esporte. Hoje, com a riqueza de um país com reservas de petróleo estimadas em 15 bilhões de barris e, por baixo, mais 37 anos de atividade, o governo (leia-se a família do xeque do PSG) tem cerca de 70 bilhões para investir. E os catarianos arranjaram negócios que vão dos esportes (sediarão a Copa do Mundo de 2022) a segmentos como mídia, bancos e lojas de artigos de luxo.

Educado em escolas inglesas, Al-Thani, por sugestão do amigo Nicolas Sarkozy, ex-presidente da França e torcedor do PSG, pegou o equivalente a 70 milhões de euros e arrematou 70% do capital do clube, na ocasião com o fundo de investimento norte-americano Colony Partners (em março deste ano, ele quitou o restante). Àquela altura, o principal

Lugano treina sob os olhares de Ancelotti, dos xeques catarianos e do manager Leonardo

time de Paris estava distante dos anos dourados, na década de 90, quando foi arrematado pelo Canal Plus, a maior emissora de TV a cabo da França, e virou grande. Faturou uma Recopa em 1996 (e foi à final de outra, com o Barcelona, no ano seguinte) e era respeitado na Liga dos Campeões. Chegou a ter no elenco craques como os brasileiros Raí, Valdo, Ricardo Gomes e Leonardo, o atacante liberiano George Weah e David Ginola, da seleção francesa.

Só que manter um time desse nível ficou caro e, em 2006, a emissora decidiu passar o PSG adiante. Investidores ligados ao Colony e ao fundo francês Butler arremataram o clube por 41 milhões de euros. Especializados na gestão de empresas em dificuldades financeiras, a ordem foi segurar o dinheiro. As estrelas deram lugar a atletas promissores, como os brasileiros Everton, Souza e Reinaldo e o malinês Sammy Traoré. O time passou a ser figurante no cenário local. No máximo, algum título da Copa da França ou da Copa da Liga Francesa.

O xeque aportou no clube quando o jejum de títulos do Campeonato Francês completou 17 anos (o último foi em 1994, o segundo da história). Pior, havia brigas entre facções da torcida. Em fevereiro de 2010, houve conflitos nas imediações de seu estádio em Paris, antes de um clássico com o Olympique (sem torcedores do rival, exatamente para inibir a violência). Mesmo com um efetivo de 1500 policiais, um homem morreu.

O primeiro ato do xeque Al-Thani após finalizar a compra do clube, em junho do ano passado, foi colocar no comando um homem de sua confiança: o compatriota Nasser Al-Khelafi, que dirigia a TV Al-Jazeera, de propriedade da família. "O PSG tem história, torcedores e um potencial para crescer na Europa como nenhum outro clube deste continente tem", disse em sua posse. "Não há no mundo outra cidade como Paris, cuja região metropolitana tem 10 milhões de habitantes, com um clube sem rival nas redondezas."

TRÊS LEVAS DE CRAQUES

VEJA QUEM ENCHEU O CARRINHO DE COMPRAS DO PSG NO COMEÇO DA ÚLTIMA TEMPORADA, NA JANELA DE INVERNO E NA PREPARAÇÃO PARA 2012/13

	QUEM VEIO	VALOR*	EX-CLUBE
1º LEVA	**Pastore** (M)	43	Palermo
	Gameiro (A)	11	Lorient
	Menéz (M)	8	Roma
	Matuidi (M)	8	St. Ettiénne
	Sirigu (G)	3,9	Palermo
	M. Sissoko (Z)	7	Juventus
	Lugano (Z)	3	Fenerbahçe
2º LEVA	Alex (Z)	3	Chelsea
	Maxwell (LE)	3,5	Barcelona
	Thiago Motta (V)	11,5	Inter de Milão
3º LEVA	Thiago Silva (Z)	42	Milan
	Ibrahimovic (A)	21	Milan
	Lavezzi (A)	26	Napoli
	Verratti (V)	11	Pescara
	Lucas (A)	40	São Paulo

Ibrahimovic diante da Torre Eiffel: Paris na expectativa de ver uma nova potência da bola

*EM MILHÕES DE EUROS

O NOVO NOVO-RICO

Como a experiência esportiva de Al-Khelafi resumia-se ao mundo das quadras de tênis (foi presidente da federação do esporte no Catar), ele procurou alguém para cuidar da gestão esportiva e fazer a ligação entre os árabes e a parte operacional do time. O escolhido foi o brasileiro Leonardo, ex-ídolo do PSG como jogador e com experiência e bons contatos nos dois times de Milão. Com o caixa recheado, Leonardo empreendeu a primeira busca de reforços. Em poucos dias, aportou em Paris o argentino Javier Pastore (ex-Palermo), por 43 milhões de euros. E a torneira continuou aberta (veja o quadro “Três levas de craques”). “Qualquer grande clube pensa em contratar craques. Mas, como todo mundo diz que tem muito dinheiro no PSG, concretizar uma negociação para trazer um deles para cá é muito difícil”, afirmou Leonardo em entrevista ao jornal *Le Parisien*.

Em dezembro de 2011, Leonardo decidiu dispensar o técnico Anthoine Kambouaré, ex-zagueiro do clube. O time estava na liderança do Francês, mas, mesmo com os galácticos, foi eliminado da Copa da França, da Copa da Liga e da Liga Europa. O substituto foi o italiano Carlo Ancelloti, conhecido de Leo nos tempos do Milan, considerado mais adequado para gerir as estrelas e com um currículo recheado por duas Ligas dos Campeões com o Milan e um Campeonato Inglês com o Chelsea. Topou vir por um salário de 500 000 euros.

Ainda assim, o time perdeu o título francês para o Montpellier – com um elenco bem mais modesto (avaliado na época em 33 milhões de euros – 10 milhões a menos que um único Pastore). “O Montpellier fez uma temporada excepcional. Perdemos alguns pontos que poderíamos ter ganhado e isso definiu o título”, disse Al-Khelafi, dando a entender que, apesar de o time ficar pelo caminho em quatro competições, a temporada não foi totalmente perdida. O vice-campeonato nacional valeu vaga direta para a Liga dos Campeões,

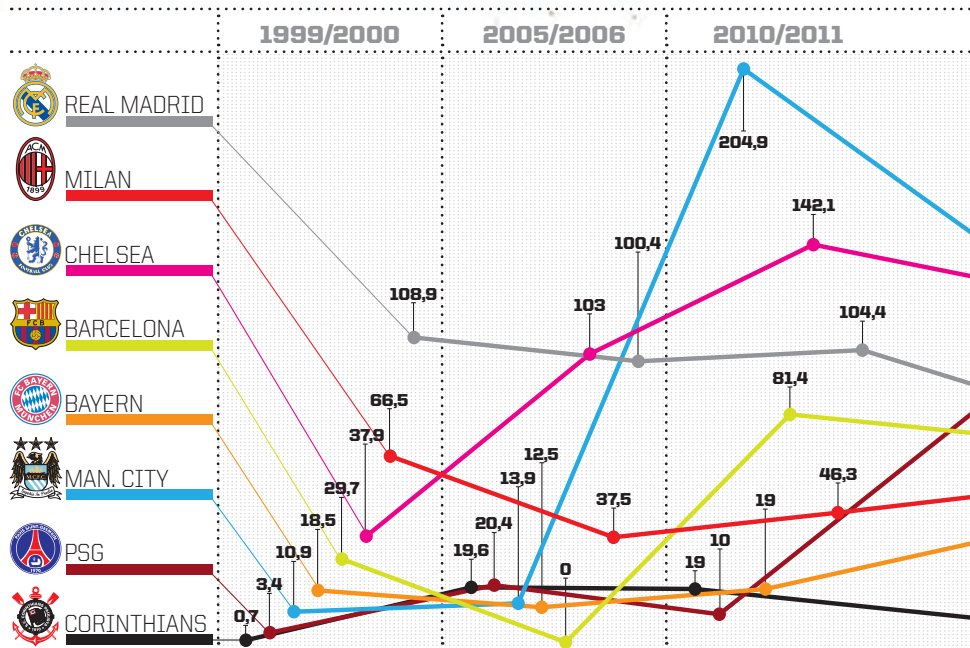
Raí aplaude e Leonardo abraça: fase dourada em meados da década de 90

bem mais lucrativa que a Liga Europa, na qual o clube marcou presença no ano passado.

Os catarianos partiram para a segunda fase do plano de negócios: lançar um canal de esportes na França. Depois de a Al-Jazeera comprar os direitos de transmitir o Campeonato Francês no exterior, ela decidiu investir pesado para bater o Canal Plus dentro de casa. Rebatizado de BeInSport, o braço francês do grupo fechou contrato para mostrar oito em dez jogos da competição e 133 das 146 partidas da Liga dos Campeões, na qual estará o PSG.

Em 2011, o time recebeu uma cota de TV estimada em 101 milhões de euros por temporada, bem menor que a dos rivais Olympique (151 milhões) e Lyon (133 milhões), segundo a consultoria Deloitte. No confronto com pesos-pesados europeus, a distância era bem maior: o Real Madrid

ORDEM DE GRANDEZA

PSG SAIU DE COADJUVANTE PARA O TOPO ENTRE OS MAIORES

*EM MILHÕES DE EUROS **FONTE:** TRANSFERMARKET (**ATÉ 20/8)

CLUBE DOS MILIONÁRIOS

APESAR DE JÁ SER UM DOS 22 MAIS RICOS DA EUROPA, O PSG TEM POTENCIAL PARA SE APROXIMAR DO FATURAMENTO DOS GIGANTES DO CONTINENTE*

		JOGOS EM CASA	TV	OPERAÇÕES COMERCIAIS	TOTAL (ANO)
1	REAL MADRID	123,6	183,5	172,4	479,5
2	BARCELONA	110,7	183,7	156,3	450,7
3	MAN. UNITED	120,3	132,3	114,5	368,1
4	BAYERN	71,9	71,8	177,7	321,3
5	ARSENAL	103,1	98,7	51,2	251,0
6	CHELSEA	74,7	112,3	62,8	249,8
7	MILAN	35,6	107,7	91,8	235,1
14	OLYMPIQUE	26	78	47	150,4
22	PSG	18	45	38	101

FONTE: DELOITTE MONEY LEAGUE (2010-11) *EM MILHÕES DE EUROS

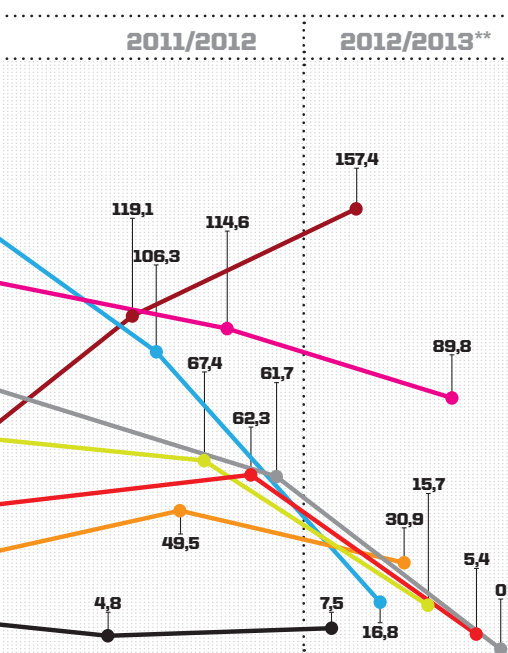
fatura 470 milhões de euros por ano, seguido pelo Barça (451) e Manchester United (367). Só com o faturamento em dias de jogo (bilheteria, por exemplo), o Real chega a 120 milhões de euros ao ano. Até a temporada passada, o PSG embolsava 18 milhões nesse quesito, o equivalente ao Aston Villa. Para turbinar as receitas, os catarianos tiraram da Juventus o francês Jean-Claude Blanc, considerado um craque em acordos comerciais. Uma área cujo faturamento terá de crescer é a publicidade nas camisas. Hoje os franceses ganham 3,5 milhões de euros anuais da Emirates, cifra quase irrisória comparada aos 30 milhões da Qatar Foundation para estampar o logotipo no uniforme do Barcelona.

Com seu elenco cada vez mais estrelado, a cotação do PSG se valorizou. Segundo a direção do clube, a venda de camisas cresceu 180% na temporada passada. Foi assinado um acordo de 2 milhões de euros anuais com o Qatar National Bank para anunciar no estádio.

O time está atraindo jornalistas por onde passa, a começar pelo Champs des Loges, o reformado centro de treinamentos, hoje um dos mais modernos da Europa. A cada fim de semana, os lugares no estádio Parc des Princes, onde o PSG manda seus jogos, estão mais raros: a média de 29 000 espectadores, antes da chegada dos homens da QSI, pulou para 43 000, mesmo com o aumento de 20% no preço das entradas este ano. A meta de Al-Thani é aumentar a capacidade do estádio para 60 000 pessoas, pouco antes da Euro 2016, na França. Há quem diga que ainda será pouco.

Mas nem tudo é fartura nesse novo mundo da bola. Outro xeque árabe, Mansour bin Al Zayed, decidiu investir no Manchester City. Desde 2008, qualificou o elenco, com craques como Agüero, Tévez e Nasri. O time venceu a Copa da Inglaterra em 2011 e faturou o título inglês na temporada passada. Mas há efeitos colaterais. A folha salarial gira em torno de 170 milhões de euros, a segunda do futebol britânico (a do Chelsea é 10% maior). E o prejuízo na temporada passada é estimado em 230 milhões de euros. No PSG, a perda deve girar em torno de 92 milhões de euros nesta temporada. Isso numa época em que a Uefa sinaliza que vai endurecer o jogo com quem ficar no vermelho. A partir de 2014, a entidade terá poderes para examinar as contas dos clubes em 2011/12 e 2012/13 e punir quem ultrapassar 45 milhões de euros de déficit em cada um dos exercícios contábeis. Quem não conseguir ficar dentro desse limite será suspenso dos campeonatos organizados pela entidade. "A regra é simples: os clubes não poderão gastar mais do que arrecadam", diz o presidente da Uefa, Michel Platini.

Em campo, o time já pensa como grande. "Somos favoritos e temos um grupo pronto para ser competitivo na Liga dos Campeões e nos três campeonatos que iremos disputar na França", diz o atacante Jérémy Ménez. "O time está pronto para o que der e vier", concorda Ancelotti. As próximas apresentações nos gramados europeus confirmarão ou não tal confiança.

CONTRATANTES DO FUTEBOL*

O sonho não acabou

EM SUA ESTREIA NA SELEÇÃO, EDERSON FOI DO CÉU AO INFERNO EM APENAS 3 MINUTOS. AGORA, COM A CAMISA AZUL DA LAZIO, ELE PRETENDE SE REAPROXIMAR DA AMARELINHA ***POR BRUNO FORMIGA***

Três minutos de sonho e sete meses de pesadelo. Foi assim a primeira experiência do meia Ederson na seleção brasileira. Em agosto de 2010, na estreia do time sob o comando de Mano Menezes, o Brasil venceu os Estados Unidos por 2 x 0 em Nova Jersey. Ederson entrou aos 27 do segundo tempo, no lugar de Neymar. E aos 30 foi substituído por Carlos Eduardo (hoje no Rubin Kazan). Ao dar um pique para fazer um cruzamento na ponta direita, caiu rente à linha de fundo e levou a mão à coxa esquerda. Uma grave lesão o faria ficar o resto do ano sem pisar nos gramados. "Até aquele jogo, raramente tive lesões musculares e nunca tinha ficado um grande período longe dos campos", conta o meia.

Convocado, ele parecia ter conseguido o reconhecimento tardio de quem saiu cedo do Brasil. "Foi um momento muito complicado para mim. Estava realizando um sonho de criança", diz. O apoio da família e dos amigos foi fundamental para não se deixar abater. Família que, por sinal, aumentou no período. "Tive a alegria de ser pai e isso também me deu força para a recuperação." O jogador de 26 anos conta que lembrar sua trajetória até ali e olhar para o futuro foram determinantes para readquirir a confiança. "A motivação é saber que ainda tenho muito a fazer, ainda sou jovem. Além disso, nessas horas a gente se lembra de toda a dificuldade enfrentada até chegar a um grande clube da Europa", relata.

Nascido em Parapuã, no interior paulista, Ederson deu os primeiros passos como profissional no futebol gaúcho, com passagens pelo Internacional e Juventude. Aos 19 anos, rumou para a França, negociado com o Nice, que defendeu por três temporadas. O futebol apresentado chamou a atenção do Lyon, para onde se transferiu em 2008.

Na volta aos treinos no clube francês, outro susto. Mais 90 dias de geladeira, por causa um problema no joelho. "Quando me recuperei, estava novamente muito bem no Lyon. Queria ter feito uma boa pré-temporada para voltar ao time titular e brigar por um lugar na seleção, mas acabei tomando outro golpe complicado", diz. A sequência de contusões fez com que o meia frequentasse as salas de fisioterapia e sumisse das listas de convocações. Seleção, para Ederson, além dos 3 fatídicos minutos no time principal, se restringia às memorias do Mundial vencido pela seleção sub-17 em 2003, na Finlândia, em que era titular.

A temporada atual, na visão de Ederson, representa uma oportunidade de voltar a vestir a amarelinha. Ele foi contratado pela Lazio, da Itália, onde pretende reconstruir a ponte que o levou à seleção. "A Lazio é uma equipe que sempre briga por boas posições no Campeonato Italiano e uma ótima vitrine para qualquer jogador. Tenho muito a aprender e a crescer jogando aqui", diz o meia, que perdeu a parte final da pré-temporada devido a uma distensão no ligamento colateral do joelho direito.

A favor de Ederson, o fato de ser um meia articulador, posição ainda aberta no escrete brasileiro. Curiosamente, um concorrente será companheiro de equipe a partir de agora. "O Hernanes é um grande jogador. Será muito bom jogar ao seu lado. Quem sabe não voltamos juntos à seleção? Temos características complementares, podemos tranquilamente jogar juntos. O que vier pela frente é resultado do que fizermos aqui."

Ederson na Lazio: aos 26 anos, terceiro clube na Europa

© FOTO DIVULGAÇÃO

Bye-bye Brasil

ATÉ AGORA, 79 SELEÇÕES FORAM ELIMINADAS DA COPA DE 2014. SETE DELAS JÁ TIVERAM O GOSTINHO DE DISPUTAR UM MUNDIAL *POR ROBERTO ALVES*

207 seleções iniciaram as Eliminatórias para a Copa de 2014

128 ainda disputam **31** vagas. Só o Brasil, como país-sede, está garantido

79 já estão eliminadas

7 DAS SELEÇÕES ELIMINADAS JÁ JOGARAM COPAS DO MUNDO

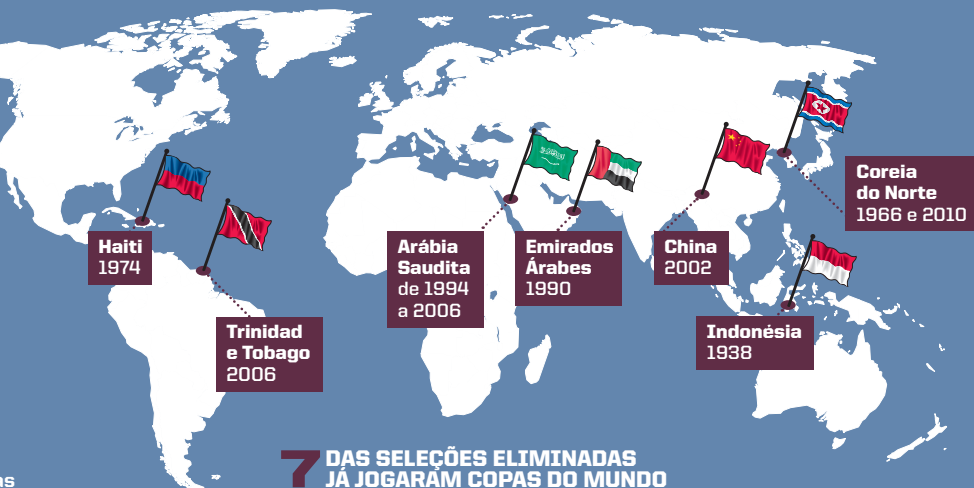
Haiti 1974

Trinidad e Tobago 2006

Arábia Saudita de 1994 a 2006

Emirados Árabes 1990

China 2002

Coreia do Norte 1966 e 2010

Indonésia 1938

ARTILHEIRO Deon McCaulay (Belize) 11 gols

MELHOR ATAQUE Antígua e Barbuda 29 gols

MÉDIA DE GOLS POR JOGO 3

GOLS ATÉ AGORA 969

JOGOS JÁ DISPUTADOS 314

JOGOS RESTANTES 506

MAIORES GOLEADAS Bahrein 10 x 0 Indonésia; Antígua e Barbuda 10 x 0 Ilhas Virgens Americanas

AS 79 ELIMINADAS

ÁSIA Brunei, Butão, Guam, Timor Leste, Macau, Afeganistão, Mongólia, Sri Lanka, Camboja, Taiwan, Paquistão, Índia, Quirguistão, Laos, Palestina, Bangladesh, Turcomenistão, Filipinas, Mianmar, Hong Kong, Ilhas Maldivas, Vietnã, Iêmen, Malásia, Nepal, Síria, Tadjiquistão, Coreia do Norte, Emirados Árabes Unidos, Cingapura, Indonésia, China, Kuwait, Tailândia, Arábia Saudita e Bahrein. **AMÉRICA DO NORTE, CENTRAL E CARIBE** Anguilla, Aruba, Montserrat, Bahamas, Ilhas Cayman, Barbados, Dominica, Curaçao, Ilhas Virgens Americanas, Ilhas Turcas e Caicos, Ilhas Virgens Britânicas, República Dominicana, Bermuda, Nicarágua, Santa Lúcia, Porto Rico, Belize, Granada, São Vicente e Granadinas, Ilhas Maurício, Trinidad e Tobago, São Cristóvão e Nevis, Haiti, Suriname. **ÁFRICA** Mauritânia, Guiné-Bissau, Burundi, Madagascar, Chade, Seychelles, Eritreia, São Tomé e Príncipe, Suazilândia, Comores, Djibuti, Somália. **OCEANIA** Ilhas Cook, Tonga, Samoa Americana, Papua-Nova Guiné, Samoa, Vanuatu, Fiji.

Temporada de moda

Veja algumas novidades fashion que estarão em desfile nos gramados da Europa

JUVENTUS

NIKE

A roupa nova da Velha Senhora é quase um pretinho básico. As faixas cinzas nas mangas quebram o monocromatismo.

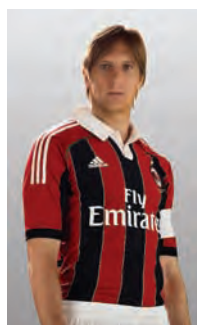
ST. PAULI

DO YOU FOOTBALL

Além de ouvir Hell's Bells, do AC/DC, nos jogos em casa, os torcedores verão o uniforme marrom na disputa da Segundona alemã.

MAN. CITY

UMBRO

O campeão inglês aposta no bordô para o segundo uniforme. O decote em V se diferencia da camisa azul, que tem gola preta.

MILAN

ADIDAS

As listras estão mais grossas que na temporada passada e uma grande gola branca salta aos olhos na camisa rubro-negra.

MAN. UNITED

NIKE

De longe, a novidade parece ser a gola em V preta. Mas, ao se aproximar, o efeito xadrez com variações de tom chama atenção.

LIVERPOOL

WARRIOR

A nova fornecedora do clube aposta na sobriedade. A camisa ganha uma gola que confere um toque vintage ao visual.

Sem luvas nem armas

GOLEIRO SÍRIO MUDA A META A SER DEFENDIDA EM SEU PAÍS ***POR BRUNO FORMIGA***

Quando garoto, no oeste da Síria, Abdelbasset Saroot só pensava em ser goleiro. Cresceu vendo pela tevê as defesas de Casillas, Van der Sar e Buffon, seus três ídolos. De tanto pedir, conseguiu convencer o pai a levá-lo para treinar nas categorias de base do Al-Karameh, o maior time de Homs, cidade onde nasceu (e de onde nunca saiu). Foi lá que virou profissional e uma promessa da seleção. O sonho tinha virado realidade. Mas Saroot preferiu trocar tudo para lutar contra o governo do presidente Bashar Assad.

O preço a pagar pelo espírito revolucionário foi alto. O goleiro foi banido do futebol sírio e virou alvo das forças armadas. Desde que empunhou um microfone em público pela primeira vez para tentar mobilizar as pessoas contra o presidente, Saroot já sofreu atentados, precisou mudar de casa e viu o irmão ser assassinado em represália. "É impossível dormir dois dias no mesmo lugar. Mas isso não é nada perto do sofrimento do meu povo", disse, em entrevista publicada na revista francesa *So Foot*.

©1

Saroot: banido dos campos de futebol

Aos 20 anos, Saroot é tratado como herói em Homs. Apesar de a guerra civil ter explodido no país, as manifestações do goleiro são pacíficas. O discurso, em praças ou em vídeos postados no Youtube, é sempre para motivar as pessoas a seguir em frente e fazer pressão por mudanças sem o uso de armas.

Ele diz que abrir mão da carreira de jogador profissional e ingressar numa disputa política foi algo natural. O incômodo com o governo começou cedo. Quando foi eleito o segundo melhor goleiro da Copa da Ásia sub-16, por exemplo, Saroot recebeu um prêmio em dinheiro, que, segundo ele, foi tomado pelo estado. "Depois, quando caiu o primeiro inocente em Daraa (uma das primeiras cidades a sediar protestos), a decisão estava tomada", afirma em um dos vídeos postados. Em suas falas, Saroot demonstra confiança na vitória da causa que defende. Antes disso, não cogita voltar a usar luvas.

INTER DE MILÃO

NIKE

O azul e o preto tradicionais ficam como referência na manga. O vermelho predomina na segunda camisa do time de Milão.

BARCELONA

NIKE

O uso do dégradé é a inovação no Barça. O efeito fica ainda mais evidente no segundo uniforme, que vai do laranja ao amarelo.

ARSENAL

NIKE

A segunda camisa dos Gunners parece ter levado mais em conta a vontade de surpreender que propriamente a estética.

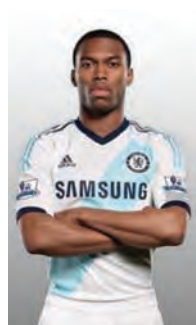
OLYMPIQUE

ADIDAS

O escudo remete aos anos 70, e a cor e o desenho remontam ao glorioso começo dos anos 90. A gola traz as cores da França.

ZENIT

NIKE

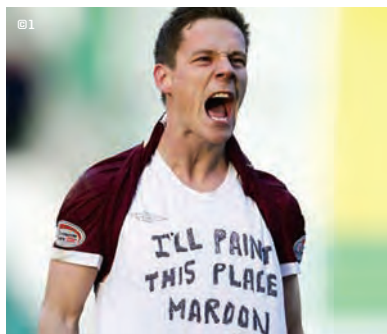
As retas em forma de flecha do distintivo do clube foram ampliadas na nova camisa do time russo, nas versões azul e branca.

CHELSEA

ADIDAS

O segundo uniforme do time londrino ganha uma faixa transversal azul. As listras da marca fornecedora são em dégradé.

©1 FOTO ARQUIVO PESSOAL

Pronto para reforma

Fundado em 1872 e um dos mais tradicionais times da Europa, o Rangers decretou falência no fim da temporada passada e recomeça sua atividade este mês na nada glamourosa Third Division, a quarta divisão escocesa. Situação semelhante à que viveram Napoli e Fiorentina. O clube, agora precisando desenhar um novo cenário, recorreu ao meia Ian Black, que, enquanto jogava no Hearts, quando o time também passava por apuros financeiros, passou a fazer bicos como pintor e decorador. Durante uma partida do campeonato escocês, o sistema de som do estádio tocou "Paint it Black" (Pintar de preto), dos Rolling Stones. No clássico de Edimburgo contra o Hibernian, Black levantou a camisa para mostrar a frase "I'll paint this place maroon", ou "Vou pintar este lugar de marrom", numa referência à cor de seu time. Aos 27 anos, Ian Black foi campeão da Copa da Escócia em maio e cotado para se transferir para o futebol inglês, onde não precisaria mais carregar latas de tinta. Mas optou por jogar na quarta divisão escocesa, de onde o Rangers pretende reformar sua história. ***Leandro Afonso***

Ian Black: chuteiras e pincéis

Liam Lawrence: flexibilidade manteve clube na ativa

Ok, Pompey

ATLETAS BENEVOLENTES NA NEGOCIAÇÃO DE DÍVIDAS SALVAM CLUBE DE FECHAR AS PORTAS ***POR LUCAS BETTINE***

Liam Lawrence pode não ser um fenômeno de mídia, mas a torcida do Portsmouth não vai esquecê-lo tão cedo. Graças a ele, o clube conseguiu evitar, pela segunda vez em dois anos, a sua extinção. Com dívida na casa dos 180 milhões de reais, o Pompey está sob administração externa desde fevereiro. A empresa PKF, responsável por conduzir a intervenção, havia estipulado o prazo de 10 de agosto para o clube quitar seus débitos com os jogadores – cerca de 11 milhões de reais – e, só assim, ser vendido para o milionário Balram Chainrai, ex-dono do time e favorito para recomprá-lo.

Após acertar com Ben Haim, Greg Halford, Erik Huseklepp, Dave Kitson, David Norris e Kanu, faltava apenas Lawrence resolver sua situação. O meia demorou, mas, no último dia, aceitou os termos propostos, evitando o fechamento das portas em Fratton Park. Assim como os demais, Lawrence aceitou receber apenas parte do que tinha direito.

Mas os problemas não acabaram. As dívidas com clubes, governo britânico, PKF e outros credores continuam. Chainrai, por meio de sua empresa, a Portpin, ainda terá de desembolsar alguns milhões para salvar o Pompey. As regras na Inglaterra estabelecem perda de pontos conforme o nível de endividamento dos clubes. Em 2009/10, na primeira crise financeira, o time perdeu nove pontos e foi para a segunda divisão.

O clube chegou a ter quatro donos diferentes nesse período e conseguiu manter-se na divisão de acesso por uma temporada. Mas, na campanha passada, a crise ficou fora de controle e nova intervenção foi feita. Desta vez, com menos 10 pontos, o time rumou para a League One (terceira divisão). A liga só aceitou a inscrição mediante a perda de 10 pontos. O Pompey vai precisar de muita competência dentro e fora de campo para se livrar desse problema.

Se arrependimento matasse

APESAR DA FAMA DE FORMADOR DE CRAQUES, BARÇA DESEMBOLSA MILHÕES DE EUROS PARA REAVER CRIAS DE SUAS *CANTERAS*

POR KLAUS RICHMOND

DE VOLTA
Alba (ao lado e embaixo) retorna após ser dispensado. Piqué e Fàbregas (abaixo), no tempo das *canteras*

A fama de formador de jogadores do Barcelona foi amplificada com o recente título da Espanha na Eurocopa. Da base titular, seis eram do clube catalão – incluindo o recém-contratado Jordi Alba –, e ainda havia Pedro Rodríguez e Victor Valdés no banco de reservas. A conta, no entanto, poderia ser outra.

Alba, Fàbregas e Piqué deixaram precocemente as *canteras* e só retornaram depois de formados. O esforço para reaver as joias perdidas custou cerca de 60 milhões de euros.

O lateral foi a revelação da Euro e marcou gol na final contra a Itália. Mas aos 17 anos (e com sete de Barça) foi dispensado pelo então técnico Rodolf Borrell por causa de sua baixa estatura. Saiu a custo zero. No Valência, Jordi Alba se agigantou e voltou por 15 milhões de euros.

Piqué e Fàbregas fizeram parte da geração de 1987, iniciada por Tito Vilanova, que também revelou Lionel Messi. O meia estava preocupado em não ter lugar no time principal. Foi observado por olheiros do Arsenal, durante a Euro sub-17, e chegou a Londres com 16 anos, sem falar inglês. O Barcelona ameaçou recorrer à Uefa e à Fifa para receber pelos direitos de formação. Ficou acertado, então, que abateriam metade da dívida de 3 milhões de euros pelas negociações de Emmanuel Petit e Overmars, fariam um amistoso (que acabou cancelado) e o Barcelona teria preferência em futura compra do jogador.

Piqué faria caminho similar em 2004. O avô, ex-vice-presidente do clube, já havia deixado o conselho de administração e ele foi para o Manchester United – também a custo zero. Jogou pouco e retornou às origens quatro anos depois, por cerca de 5 milhões de euros. Fàbregas custou bem mais, quase 40 milhões. Agora o Barça espera que esse investimento traga retorno, em todos os sentidos.

Caniggia: em atividade no Wembley FC

Gol aos 45

A frase que arrepiou os brasileiros na Copa de 1990, "gol de Caniggia", voltou a ecoar este ano. O atacante argentino Claudio Caniggia marcou em sua estreia no Wembley FC, na vitória por 3 x 2 sobre o Langford. O clube, da nona divisão inglesa, se prepara para disputar a FA Cup. E, para isso, recorreu a outros quarentões, como Le Saux (43), Ray Parlour (39), Martin Keown (46). O treinador de goleiros é David Seaman, aquele que tomou o gol de cobertura de Ronaldinho Gaúcho na Copa de 2002. ***Leandro Afonso***

VEJA OUTROS QUARENTÕES QUE DESAFIARAM O TEMPO

Jogador	Idade / Clube
DINO ZOFF GOLEIRO	41 ANOS JUVENTUS
COSTACURTA ZAGUEIRO	41 ANOS MILAN
MALDINI ZAGUEIRO	40 ANOS MILAN
VALDERRAMA MEIA	41 ANOS COLORADO RAPIDS
ROGER MILLA ATACANTE	45 ANOS PUTRA SAMARINDA (INDONÉSIA)
ROMÁRIO ATACANTE	43 ANOS AMÉRICA-RJ

©1 FOTO DIVULGAÇÃO ©2 FOTO AFP

Contas no azul

PSG E CHELSEA PROTAGONIZAM AS PRINCIPAIS NEGOCIAÇÕES DA TEMPORADA

Veja quais os cheques mais polpudos assinados até 20/8 e as transações que podem ser concretizadas até o fechamento da janela de transferências. A movimentação dos clubes, as perspectivas de desempenho, as análises das principais ligas você encontra no Guia dos Campeonatos Europeus de PLACAR, em setembro nas bancas.

Possíveis negociações

LLORENTE
ATACANTE
Do Atlético Bilbao para a Juventus

JÚLIO CESAR
GOLEIRO
Da Inter de Milão para o Tottenham

AXEL WITSEL
VOLANTE
Do Benfica para o Real Madrid

G. HIGUAIN
ATACANTE
Do Real Madrid para o Man. City

Contrato assinado

42 milhões de euros

THIAGO SILVA
ZAGUEIRO
do Milan para o PSG

40 milhões de euros

EDEN HAZARD
MEIA
do Lille para o Chelsea

40 milhões de euros

LUCAS
MEIA
do São Paulo para o PSG

32 milhões de euros

OSCAR
MEIA
do Inter para o Chelsea

26 milhões de euros

LAVEZZI
ATACANTE
do Napoli para o PSG

22 milhões de euros

VAN PERSIE
ATACANTE
do Arsenal para o Man. United

©2

Stoichkov: prestes a virar cartola

Três vezes Hristo

Após encerrar a carreira como jogador e atuar como técnico, o búlgaro Hristo Stoichkov está prestes a exercer mais uma função no futebol: a de dirigente. É o nome mais cotado para assumir a presidência do CSKA Sofia, que está sendo adquirido por um novo grupo de acionistas. Seria a volta ao clube onde despontou como jogador e conquistou três campeonatos e quatro copas nacionais. Maior nome do futebol da Bulgária, o ex-meia foi o cérebro da seleção que ficou em quarto lugar na Copa de 1994 (a melhor colocação da história) e artilheiro da competição (ao lado do russo Oleg Salenko), com seis gols. Aos 46 anos, Stoichkov é o atual treinador do Litex Lovetch, grande rival do CSKA.

©1 ILUSTRAÇÃO MILTON TRAJANO ©2 FOTO DIVULGAÇÃO

PLACAR PREMIA O MAIOR ARTILHEIRO DO BRASIL / *RESULTADO PARCIAL*

Arrancada olímpica

COM OS GOLS NOS JOGOS DE LONDRES, DAMIÃO VOLTOU À VICE-LIDERANÇA

O desempenho da seleção brasileira na Olimpíada pode ter sido frustrante, mas o de Leandro Damião não. Com os seis gols que anotou no torneio, o colorado conseguiu ultrapassar dois atacantes na luta pela Chuteira de Ouro e retomar a vice-liderança. Mesmo que esteja longe do santista Neymar, ainda faltam três meses para o vencedor ser definido.

Damião chegou à Inglaterra abatido pela falta de gols. Tinha feito apenas três pelo Inter no Brasileirão. De repente, desandou a marcar pela seleção. Foram seis gols no torneio olímpico – um na estreia contra o Egito, outro diante da Nova Zelândia e os do mata-mata, quando eliminou Honduras e Coreia do Sul marcando duas vezes em cada partida. Mesmo com o apagão coletivo na final da competição contra o México, Damião ainda teve a chance de anotar mais um, no amistoso contra a Suécia, quatro dias depois de encerrar o ciclo olímpico.

De volta ao colorado, terá o Brasileirão pela frente para tirar a vantagem de 18 pontos (e nove gols) de Neymar. Se é possível alcançá-lo até o fim do Brasileirão? Bem, impossível não é. Mas parar o tricampeonato do santista na Chuteira de Ouro está cada vez mais improvável – Alecsandro, Neto Baiano e Wellington Paulista que o digam.

Damião: sete gols pela seleção o devolveram à briga pela Chuteira

CHUTEIRA DE OURO 2012 (ATÉ 20/8)

	JOGADOR	TIME	S(2)	BRA(2)	CB/L(2)	CS(2)	EST(2)	EST/B(1)	PTS
1	**NEYMAR**	SANTOS	10 (5)	6 (3)	16 (8)	0	40 (20)	0	72
2	LEANDRO DAMIÃO	INTERNACIONAL	14 (7)	6 (3)	12 (6)	0	22 (11)	0	54
3	ALECSANDRO	VASCO	0	16 (8)	6 (3)	0	24 (12)	0	46
4	BARCOS	PALMEIRAS	0	14 (7)	8 (4)	4 (2)	16 (8)	0	42
5	WELLINGTON PAULISTA	CRUZEIRO	0	14 (7)	6 (3)	0	22 (11)	0	42
6	VAGNER LOVE	FLAMENGO	0	18 (9)	4 (2)	0	18 (9)	0	40
7	LUIS FABIANO	SÃO PAULO	0	14 (7)	16 (8)	0	10 (5)	0	40
8	FRED	FLUMINENSE	0	18 (9)	6 (3)	0	0	14 (7)	38
9	HERNANE	FLAMENGO	0	4 (2)	0	0	32 (16)	0	36
10	MARCELO MORENO	GRÊMIO	0	12 (6)	6 (3)	0	16 (8)	0	34
11	LÚCIO MARANHÃO	ASA-AL	0	0	6 (3)	0	0	27 (27)	33
12	ANDRÉ	SANTOS	0	4 (2)	8 (4)	0	20 (10)	0	32
13	MAZINHO	PALMEIRAS	0	8 (4)	6 (3)	0	16 (8)	0	30
14	ZÉ CARLOS	CRICIÚMA	0	0	4 (2)	0	0	26 (26)	30
15	ROGER	PONTE PRETA	0	14 (7)	6 (3)	0	8 (4)	0	28
16	SOUZA	BAHIA	0	8 (4)	2 (1)	0	0	18 (18)	28
17	GIANCARLO	PONTE PRETA	0	0	0	0	26 (13)	2 (2)	28
18	FELIPE AZEVEDO	SPORT	0	6 (3)	6 (3)	0	0	15 (15)	27
19	LOCO ABREU	FIGUEIRENSE	0	0	2 (1)	2 (1)	22 (11)	0	26
20	SOMÁLIA	SÃO CAETANO	0	0	0	0	24 (12)	1 (1)	25

Selegalo em alta

ATLÉTICO-MG DOMINA A BOLA DE PRATA COM TRÊS JOGADORES ENTRE OS LÍDERES E MAIS NOVE NA BRIGA

Bernard: segundo na Bola de Ouro

Em 1994, o Atlético-MG gastou uma fortuna, contratou Neto, Renato Gaúcho, Luiz Carlos Winck, Adílson e Gaúcho e montou um supertime, apelidado na época de Selegalo. Quase rebaixado, aquele time foi um fiasco e o termo virou motivo de piada entre os rivais.

Hoje, no entanto, a boa fase do Galo faz com que o time seja merecidamente chamado assim. Principalmente na Bola de Prata, onde conta com jogadores entre os dez primeiros colocados em todas as posições, sendo três entre os primeiros – Marcos Rocha, Réver e Bernard. O jovem meia, aliás, segue como o segundo melhor jogador do campeonato, atrás apenas de Juninho Pernambucano.

Além disso, outros nove jogadores do Galo estavam bem próximos dos líderes. Como Ronaldinho Gaúcho. Desde que chegou ao Galo, na quarta rodada, jogou todas as partidas e recebeu nota 7 em cinco das 14 partidas realizadas. Não fossem as duas notas 5 que recebeu com a camisa do Flamengo, estaria com média 6,39 e na segunda colocação da Bola de Ouro.

Caso algum desses 12 atleticanos consiga mesmo ficar com a Bola de Prata, o clube conseguirá algo que não vem sendo comum nos últimos tempos. Afinal, apenas uma vez na era dos pontos corridos um jogador do Galo ficou com prêmio (o atacante Diego Tardelli, em 2009).

REGULAMENTO: Os jornalistas da PLACAR assistem, sempre nos estádios, a todas as partidas do Brasileirão e atribuem notas de 0 a 10 aos jogadores. Receberão a Bola de Prata os craques que tenham sido avaliados em pelo menos 16 partidas. Jogadores que deixarem o clube antes do fim do campeonato estarão fora da disputa. Em caso de empate, leva o prêmio quem tiver o maior número de partidas. Ganhará a Bola de Ouro aquele que obtiver a melhor média.

©1 FOTO EUGÊNIO SÁVIO

OS MELHORES

PAULINHO
Depois da Libertadores, fez dez jogos no Brasileirão, marcou 4 gols e virou titular da seleção de Mano Menezes. É favorito ao bi da Bola de Prata.

RONALDINHO
Destaque na conquista do primeiro turno, recebeu cinco notas 7 em 14 jogos pelo Galo e entrou na briga para ganhar sua terceira Bola de Prata.

BARCOS
Raro destaque do Palmeiras no Brasileiro, o argentino teve uma ótima sequência de jogos no mês, marcando todos os gols do time no período.

OS PIORES

IBSON
Em agosto, recebeu duas notas 4 (contra Palmeiras e São Paulo) e outro 4,5 (contra a Lusa), caindo para a 54ª posição entre os meias.

CICINHO
Desde sua estreia, jogou metade das partidas do Sport, sendo nenhuma completa. Longe da forma física ideal, está entre os piores da posição.

JUAN
Bola de Prata em 2008, o lateral virou banco de Léo. Recebeu a nota 3,5 na partida contra o Figueirense, quando foi expulso aos 9 minutos.

GOLEIRO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**JEFFERSON**	BOTAFOGO	6,30	15
2	FERNANDO PRASS	VASCO	6,19	18
3	DIEGO CAVALIERI	FLUMINENSE	6,19	16
4	MARCELO GROHE	GRÊMIO	6,04	12
5	FÁBIO	CRUZEIRO	6,00	18
6	VICTOR	ATLÉTICO-MG	6,00	16
7	VANDERLEI	CORITIBA	5,94	16
8	MURIEL	INTERNACIONAL	5,92	18
9	ARANHA	SANTOS	5,92	13
10	DENIS	SÃO PAULO	5,92	12

LATERAL-DIREITO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**MARCOS ROCHA**	ATLÉTICO-MG	6,00	13
2	AYRTON	CORITIBA	5,75	12
3	LUCAS	BOTAFOGO	5,73	15
4	CEARÁ	CRUZEIRO	5,72	9
5	LUÍS RICARDO	PORTUGUESA	5,70	15
6	CICINHO	PONTE PRETA	5,67	15
7	DOUGLAS	SÃO PAULO	5,63	15
8	NEI	INTERNACIONAL	5,54	14
9	WALLACE	FLUMINENSE	5,54	13
10	ALESSANDRO	CORINTHIANS	5,50	10

ZAGUEIRO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**RÉVER**	ATLÉTICO-MG	6,19	13
2	**GUM**	FLUMINENSE	6,15	17
3	LEONARDO SILVA	ATLÉTICO-MG	6,13	12
4	MAURÍCIO RAMOS	PALMEIRAS	5,94	9
5	LEANDRO EUZÉBIO	FLUMINENSE	5,94	8
6	GILBERTO SILVA	GRÊMIO	5,88	17
7	FERRON	PONTE PRETA	5,82	11
8	DEDÉ	VASCO	5,77	13
9	WERLEY	GRÊMIO	5,77	11
10	DURVAL	SANTOS	5,75	14

LATERAL-ESQUERDO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**MÁRCIO A.**	BOTAFOGO	5,81	16
2	FÁBIO SANTOS	CORINTHIANS	5,79	12
3	JÚNIOR CÉSAR	ATLÉTICO-MG	5,73	15
4	CARLINHOS	FLUMINENSE	5,67	15
5	JUNINHO	PALMEIRAS	5,64	14
6	GUILHERME S.	FIGUEIRENSE	5,50	15
7	LÉO	SANTOS	5,50	13
8	JOÃO PAULO C.	PONTE PRETA	5,46	13
9	MARCELO C.	PORTUGUESA	5,45	11
10	FERNANDINHO	PALMEIRAS	5,45	10

VOLANTE

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**PAULINHO**	CORINTHIANS	6,23	11
2	**RALF**	CORINTHIANS	6,12	13
3	JEAN	FLUMINENSE	6,03	17
4	FERNANDO	GRÊMIO	6,00	16
5	PIERRE	ATLÉTICO-MG	6,00	15
6	AROUCA	SANTOS	5,92	13
	HENRIQUE	PALMEIRAS	5,92	13
8	SERGINHO	ATLÉTICO-MG	5,88	8
9	LEANDRO D.	ATLÉTICO-MG	5,85	13
10	WENDEL	VASCO	5,83	9

MEIA

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**JUNINHO P.**	VASCO	6,63	15
2	**BERNARD**	ATLÉTICO-MG	6,38	17
3	DECO	FLUMINENSE	6,33	9
4	RONALDINHO G.	ATLÉTICO-MG	6,22	16
5	ANDREZINHO	BOTAFOGO	6,13	16
6	SEEDORF	BOTAFOGO	6,13	8
7	DANILO	CORINTHIANS	6,09	11
8	ZÉ ROBERTO	GRÊMIO	6,08	12
9	DANILINHO	ATLÉTICO-MG	6,04	13
10	MOISÉS	PORTUGUESA	6,03	16

ATACANTE

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**BARCOS**	PALMEIRAS	6,21	14
2	**FRED**	FLUMINENSE	6,21	12
3	JÔ	ATLÉTICO-MG	6,07	14
4	LUCAS	SÃO PAULO	6,07	7
5	ROMARINHO	CORINTHIANS	6,00	14
6	LUIS FABIANO	SÃO PAULO	5,94	8
7	MARCOS JÚNIOR	FLUMINENSE	5,93	7
8	KLÉBER	GRÊMIO	5,92	13
9	KIEZA	NÁUTICO	5,88	8
10	ALECSANDRO	VASCO	5,86	18

BOLA DE OURO

	JOGADOR	TIME	MÉDIA	JOGOS
1	**JUNINHO P.**	VASCO	6,63	15
2	BERNARD	ATLÉTICO-MG	6,38	17
3	DECO	FLUMINENSE	6,33	9
4	JEFFERSON	BOTAFOGO	6,30	15
5	PAULINHO	CORINTHIANS	6,23	11
6	RONALDINHO G.	ATLÉTICO-MG	6,22	16
7	BARCOS	PALMEIRAS	6,21	14
8	FRED	FLUMINENSE	6,21	12
9	FERNANDO PRASS	VASCO	6,19	18
10	RÉVER	ATLÉTICO-MG	6,19	13

Pinta de gaúcho

COM A SENSAÇÃO DE ESTAR EM CASA NO INTER, **DIEGO FORLÁN** EXALTA "PASSADO BRASILEIRO" E MIRA TÍTULO NACIONAL PARA RETOMAR O BOM FUTEBOL DA ÚLTIMA COPA DO MUNDO ***POR FREDERICO LANGELOH***

O futebol do Rio Grande do Sul sempre reverenciou o estilo de jogo dos vizinhos gringos. Craques uruguaios e argentinos se transformaram em artigos de luxo. O Internacional, por exemplo, tornou-se uma espécie de consulado argentino, com D'Alessandro, Guiñazu, Dátolo e Bolatti. Ao quarteto argentino, uniu-se o uruguaio Diego Forlán. Há tempos o clube extrapola a cota nacional que permite apenas três estrangeiros por equipe ao mesmo tempo em campo. O atacante, eleito pela Fifa o craque da última Copa do Mundo, em 2010, hoje com 33 anos, trocou a reserva na Inter de Milão pelos holofotes do Brasil, que ele conhece desde o início de sua trajetória com a bola.

Nos tempos em que o pai, Pablo Forlán, ex-lateral-direito do São Paulo, treinava o tricolor paulista, em 1990, ele se admirava com craques como Cafu, Müller e Raí, no embrião do que seria a máquina são-paulina de Telê Santana. Curiosamente, o uruguaio foi trazido outra vez ao futebol brasileiro pelas mãos do empresário Jorge Baidek, campeão mundial pelo rival, Grêmio.

Forlán é o 26º uruguaio da história do Inter e o 65º estrangeiro dos 103 anos de vida do time do Beira-Rio. Chega com a esperança de formar, ao lado de Leandro Damião, o ataque dos sonhos do Brasileirão. Logo ao pisar em Porto Alegre, foi ovacionado por 3000 torcedores colorados. Apesar do pouco tempo vestindo o vermelho e branco gaúchos, Forlán tem pressa: quer sentir o gosto de ser campeão brasileiro ainda este ano.

P| Quais são as suas primeiras impressões sobre o futebol brasileiro? É o que você esperava?

R| Ainda não conheço muito, mas gostei do que vi. Os times jogam em campos grandes e têm por característica tocar bem a bola. Quem gosta do bom futebol, do futebol bem jogado, tem o desejo de atuar aqui. Além disso, o Campeonato Brasileiro tem muitos ídolos.

P| E quais são os jogadores que você admira no Brasil?

R| Tenho ídolos que conheci quando criança, quando meu pai treinou o São Paulo. Conheço bem o Müller, Raí, Cafu, Leonardo... Todos eles estavam lá naquela época. Depois, joguei contra alguns deles. Sempre foram grandes jogadores. Eram meus ídolos de infância.

P| Um dos maiores ídolos uruguaios do Inter é o ex-meia Ruben Paz. Você o conhece pessoalmente?

R| Conheço apenas de vê-lo jogar. Mas sei da sua importância para o Inter, foi contemporâneo do meu pai. Atuou muito bem aqui, na Argentina e na seleção uruguaia.

P| Há algum time em especial que você deseje enfrentar no Campeonato Brasileiro?

R| Quero disputar os clássicos, contra equipes que enchem os estádios. Mas o São Paulo é especial, é diferente. Tenho muito carinho pelo clube. Torci para o São Paulo na infância, pois meu pai tinha uma ligação forte com o clube. Eu jogava bola no Morumbi após os treinos do time profissional. Minha família tem apreço pelo São Paulo [o Inter jogará no Morumbi em 5 de setembro, pela 22ª rodada do Brasileiro].

P| Antes de acertar com o Inter, você negociou com o Atlético-MG. Por que não houve acordo?

R| Falou-se muito nessa possibilidade, mas nunca chegou a ser algo concreto. A única proposta realmente boa foi a do Inter. Tratava-se de uma promoção importante para mim e para minha família e, por isso, decidimos aceitá-la.

P| A proximidade de Porto Alegre com Montevidéu pesou em sua decisão?

R| Tem isso também, mas São Paulo, por exemplo, está a 2 horas de voo de Montevidéu. Daqui, levo apenas 1 hora. Estou em um grande clube, que vem ganhando muitas coisas nos últimos anos. Estou perto

"Estou perto de casa, em uma cidade que se parece muito com a minha [Montevidéu]. Porto Alegre, com o rio Guaíba, me lembra o Uruguai. Nós temos o rio da Prata, o chimarrão...

de casa, em uma cidade que se parece muito com a minha. E meus amigos virão para assistir aos jogos. Isso tudo é muito bom depois de ter ficado dez anos longe de casa. Agora estou perto de novo.

P| Depois de uma década na Europa (passou por Manchester United, Villarreal, Atlético de Madri e Inter de Milão), como você encara a readaptação ao futebol sul-americano?

R| Isso dependerá muito de eu poder jogar ou ficar no banco. Se tiver a chance de atuar uma partida atrás da outra, fica mais fácil. E o futebol brasileiro é bom para isso, pois deve ser o país com mais jogos no mundo. Aqui, joga-se dois dias por semana. Em uma competição com grande sequência de partidas, como o Campeonato Brasileiro, a readaptação fica bem mais fácil.

P| O Forlán eleito craque da Copa de 2010 ressurgirá, após um período ruim na Itália?

R| Quero voltar a jogar no alto nível da Copa. E, sobretudo, em minha posição. Na Internazionale, joguei em outra posição. Quando você é escalado fora de lugar, acaba perdendo a confiança, perde tudo. Não é como jogar na sua posição verdadeira, aquela em que você se sente bem, em que atuou a vida toda. Tive chances de gol nos primeiros jogos pelo Inter, mas ainda eram meus primeiros movimentos. Ainda estou conhecendo o time. Vou melhorar muito com os treinos e jogos.

P| E como você gosta de jogar?

R| No ataque. Lá na frente. Aqui, temos jogadores que gostam de voltar para pegar a bola e ir à frente: D'Alessandro, Dátolo, Fred, Jajá... Eu prefiro ficar na frente, me movimentando, como o Leandro Damião. Gosto de ficar perto do gol, mas não sou o camisa 9 clássico.

P| Qual a importância do número 7, que estampa sua camisa no Internacional?

R| Joguei com a 7 no Atlético de

©1

Quero muito ser campeão brasileiro com o Inter. Sei que o clube não conquista esse título há 33 anos, é minha idade. Espero que essa coincidência ajude.

Madri [quando ganhou a Chuteira de Ouro como maior goleador de torneios nacionais da Europa, em 2009, ao marcar 32 gols no Campeonato Espanhol, superando Samuel Eto'o, que ficou com o segundo lugar]. É curioso, mas, quando embarquei para o Brasil, o voo foi pelo portão 7, no dia 7 do mês 7.

P| O futebol brasileiro é uma espécie de "plano B" para os jogadores sul-americanos que voltam da Europa?

R| O Brasil tornou-se um mercado importante, tanto na parte esportiva como no aspecto econômico. É um dos principais mercados do mundo. Eu sempre tive vontade de jogar aqui.

P| Está na hora de fazer valer o Mercosul, como um mercado comum de verdade, em que jogadores sul-americanos sejam considerados comunitários, sem o limite de três jogadores por equipe?

R| Seria bom termos um mercado comum efetivo. Abrindo a cota de estrangeiros, seria possível trazer mais jogadores para o Brasil, qualificando ainda mais nosso campeonato. Entendo que mesmo cinco jogadores comunitários ainda seria um número baixo, mas já beneficiaria muito os clubes.

P| Você chegou em um momento de transição do Inter, com troca de técnico (Dorival Júnior foi substituído por Fernandão) e a perda de diversos titulares, lesionados. Ainda assim, acredita que é possível realizar uma campanha para título no Campeonato Brasileiro?

R| O Internacional tem time para ser campeão. Os jogadores lesionados voltarão aos poucos. E, mesmo com os desfalques, conseguimos nos manter no alto da tabela. Eu quero muito ser campeão brasileiro com o Inter. Sei que o clube não conquista esse título há 33 anos, é minha idade. Espero que essa coincidência ajude ao fim da temporada. Quero ganhar tudo sempre. O segredo está em chegarmos a novembro na liderança ou perto dos líderes. A partir daí, todos os jogos serão como uma final de campeonato.

P| Alguma equipe chamou sua atenção neste Brasileiro?

R| Há times fortes, como o Vasco, que joga junto há dois anos; o Fluminense, que vem ganhando bastante; o Corinthians, campeão brasileiro e da Libertadores; o Palmeiras, que,

©1 FOTO ALEXANDRE LOPS ©2 FOTO CRISTIANO ANDUJAR

apesar de uma campanha irregular no Brasileiro, conquistou a Copa do Brasil; o Grêmio, que vem atuando muito bem; o Atlético-MG, em um momento de ascensão; e sempre há o São Paulo. Vejo muitos times de alto nível por aqui. Não é fácil ser campeão no Brasil.

P| Certamente já te falaram sobre o Grenal...

R| Desde antes de eu desembarcar aqui. Joguei alguns clássicos contra o Nacional, quando atuava pelo Peñarol. Um clássico é sempre bonito. É o jogo da cidade, ainda mais de uma cidade com dois times grandes e vencedores, como Porto Alegre. Um clássico é importante para todos. Esse é um dos grandes do Brasil, talvez o mais acirrado. E é no dia seguinte que vou senti-lo ainda mais, para o bem ou para o mal.

P| O Beira-Rio está em reforma para a Copa. É estranho jogar em um estádio em obras?

R| Você sabe como são as coisas: isso leva tempo, mas no futuro o estádio ficará lindo. Além disso, estamos treinando no CT, à beira do rio, com uma vista incrível do pôr do sol. Há compensações.

P| Você tem se adaptado bem a Porto Alegre?

R| Gosto muito da cidade. Porto Alegre, com o rio Guaíba, me lembra o Uruguai. Nós temos o rio da Prata, o chimarrão... O clima também é parecido com o nosso, mas um pouco mais quente. É tudo bem semelhante, e o povo é muito legal.

P| Você é embaixador do Unicef. Pensa em tocar algum projeto no Brasil?

R| Ainda não sei, tudo aconteceu muito rápido até agora. Tenho que falar com o Unicef e com a regional do Uruguai, mas, se for possível, eu gostaria de conhecer os programas daqui e dar minha contribuição. Tenho muita vontade de fazer coisas boas pelas pessoas. Também ajudo a fundação da minha irmã [a Fundación Alejandra Forlán, sediada em

©2

> Na África, tivemos um momento especial. O que o Uruguai fez na Copa do Mundo e na Copa América foi muito bom, mas temos que manter o alto nível.

Montevidéu, luta pelos direitos de vítimas de acidentes de trânsito. Alejandra, 38 anos, formada em psicologia, é uma espécie de esteio da família: ela ficou paraplégica aos 17 anos, após um acidente de carro].

P| A filantropia é algo importante em sua vida?

R| Ajudar as pessoas é muito importante. Eu gosto de colaborar, ser exemplo para as crianças. Me dá grande satisfação fazer isso.

P| Sua irmã é um exemplo de superação para você?

R| É um exemplo para a vida toda, para minha carreira. É impressionante a força que ela tem para trabalhar todos os dias, não é fácil. Ela é uma referência para todos os familiares, assim como minha mãe. São pessoas que sempre se sacrificaram muito pela família.

P| Com a experiência de quem já namorou beldades como Zaira Nara (irmã de Wanda Nara, esposa do atacante Maxi López, ex-Grêmio), o que você acha das mulheres brasileiras?

R| A mulher brasileira é muito bonita. Temos muitos exemplos... Nós, uruguaios, estamos acostumados a vê-las no verão, em Punta del Este. Mas eu estou chegando ao Brasil agora. Ainda não conheço bem as belas mulheres daqui.

P| Você é um cara vaidoso, costuma jogar com uma fitinha branca para segurar o cabelo. Além de ser uma marca pessoal, a faixa é superstição ou apenas recurso para o cabelo não atrapalhar em campo?

R| Uso a faixa só para o jogo, mesmo. Gosto de jogar com a branca, mas tenho uma preta nos treinos.

P| E a seleção uruguaia poderá repetir em 2014, no Brasil, o sucesso da Copa da África do Sul (a Celeste terminou em quarto lugar no torneio)?

R| Bom, primeiro teremos que passar pelas Eliminatórias sul-americanas. A competição está muito parelha. Há times fortes, nem sabemos se conseguiremos nos classificar. Estamos bem, mas ainda há muitos jogos pela frente. O certo é que no ano que vem estaremos no Brasil para a Copa das Confederações. Quero muito disputar mais um Mundial. Na África, conseguimos jogar muito bem, tivemos um momento especial. O que fizemos na Copa do Mundo e na Copa América [o Uruguai é o atual campeão] foi muito bom, mas temos que manter o alto nível.

O "amigo" de Saddam

TÉCNICO DESDE OS 26 ANOS, **JORGE VIEIRA** COLECIONOU HISTÓRIAS EM SUA LONGA CARREIRA. ENTRE ELAS, OS JANTARES COM O DITADOR IRAQUIANO

POR DAGOMIR MARQUEZI

Certos homens passam batido. Outros aproveitam o que a vida lhes oferece. Jorge Silva Vieira nasceu no Rio de Janeiro em 18 de julho de 1934. Começou como lateral no Madureira. Não chegou a impressionar. Em 1960, aposentou-se como jogador. Tinha apenas 26 anos quando encarou a responsabilidade de virar técnico do seu querido América. E de cara ganhou o Campeonato Carioca pelo alvirrubro, o mais importante da história do clube.

Era o time de Calazans, Djalma Dias e Quarentinha. "Às vezes, me pergunto como consegui me impor. Eu andava no meio deles. Ninguém podia imaginar que seríamos campeões", declarou ao jornal *O Globo*.

Longe de ser um técnico disciplinador, Jorge Vieira ganhava seus times usando o "bom papo". Em 1975, foi treinar a Ponte Preta, onde ganhou o apelido de "Ponte Aérea". Depois dos jogos de domingo, voltava para o Rio e retornava na terça ou quarta para o resto da semana.

Seguiu depois para Ribeirão Preto, onde treinou, em 1977, o Botafogo de Sócrates. No ano seguinte, foi vice do Brasileirão pelo Palmeiras. Depois, rumou para o rival no início da chamada Democracia Corintiana,

No Corinthians: bicampeão paulista

onde ganhou os Paulistas de 1979 e 1983. Segundo ele, a democracia só existia do portão para fora. Afastou o próprio Sócrates por não acordar a tempo para um treino.

Mas a maior aventura de Jorge Vieira aconteceu em 1986. Ele contou os detalhes dessa experiência surrealista para o radialista Milton Neves, em 2007. Um dia foi procurado no Rio por Uday, o mais violento filho do ditador iraquiano Saddam Hussein, para ser o técnico da seleção nacional nas Eliminatórias da Copa do Mundo do México.

A seleção do Iraque era nominalmente comandada por Uday, mas quem dava as cartas era o "presidente perpétuo" da nação. Duas vezes por semana, Jorge Vieira era chamado num dos seus palácios para dar todos os detalhes sobre a evolução do time. Jantava duas vezes na semana com Saddam e Uday. E conversavam pessoalmente sobre os planos para a seleção.

E os treinos por lá eram tensos. De vez em quando, o ditador em pessoa mandava estacionar sua limusine junto ao campo e observava por trás dos vidros escuros. Nas Eliminatórias, os jogadores eram avisados: se não se classificassem, iriam direto para a linha de frente da guerra contra o Irã. Mas até esse desafio Jorge Vieira venceu. O Iraque seguiu para o México, sua primeira participação na Copa do Mundo. Mas aí o brasileiro já não era mais o técnico.

Jorge Vieira ainda virou ídolo de outro América, do México, em um bicampeonato nacional. Encerrou a carreira, em 2007, onde seu coração sempre esteve: como diretor técnico do América. Viveu ainda cinco anos de uma confortável aposentadoria. Ao meio-dia e meia do dia 24 de julho de 2012, foi derrubado por um enfarte. Tinha 78 anos.